

T A K A C O   K O N D O

SITIANTES JAPONESES

EM

LAGEADO E RENÓPOLIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Geografia da Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Antonio da Rocha Penteado

S ã O   P A U L O

- 1980 -

À meus pais

# SITIANTES JAPONESES EM LAGEADO E RENÓPOLIS

## S U M Á R I O

### 1. Apresentação

- 1.1. Objetivos e justificativa da escolha da área
- 1.2. Métodos e técnicas de pesquisa

### 2. Os núcleos estudados e sua integração geográfica

- 2.1. Lageado e Renópolis e os municípios serranos de Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal
- 2.2. Características naturais

### 3. A ocupação do espaço e a evolução das atividades agrárias em Lageado e Renópolis

- 3.1. Os núcleos e suas origens
- 3.2. Ocupação do espaço e malha fundiária

### 4. Os sitiantes japoneses de Lageado e Renópolis

- 4.1. Organização social do pequeno proprietário
- 4.2. Atividades agrícolas e comercialização

### 5. Considerações finais

## 1. Apresentação

1.1. Objetivos e justificativa da escolha da área

1.2. Métodos e técnicas de pesquisa



1.1. Objetivos e justificativa da escolha da área - O presente trabalho, realizado no campo da Geografia Agrária, tem como objetivo principal estudar os sitiantes japoneses que, por volta de 1930, se estabeleceram na Serra da Mantiqueira paulista e deram origem a Lageado e Renópolis.

Atualmente, embora demograficamente inexpressivos, Lageado e Renópolis apresentam certas singularidades nas formas de ocupação do espaço e nas técnicas empregadas no cultivo, especialmente no que se refere às flores e plantas ornamentais. Entretanto, num passado recente, os sitiantes japoneses que se fixaram nessa área, desempenharam significativo papel na ocupação do espaço geográfico, imprimindo à paisagem feições características diversas, daquelas observadas nos arredores habitados por caboclos. Além disso, o fato desta região ter sido "descoberta" pelos japoneses, determinou a utilização de técnicas aprimoradas, desconhecidas dos nacionais.

Assim, um dos objetivos desta pesquisa foi determinar quais foram esses recursos técnicos empregados pelos japoneses no controle do meio e na adaptação das espécies cultivadas. Além disso, a dinâmica que se observa na organização do espaço, derivada das múltiplas transformações agrícolas que vêm se operando em Lageado e Renópolis desde as origens até a fase atual, levou a indagação das diferentes formas de utilização do solo, dos fatores e dos motivos que poderiam explicar esta evolução.

Lageado, situado no município de Campos do Jordão, e Renópolis, situado em Santo Antonio do Pinhal, em virtude das condições naturais e da posição geográfica que ocupam na Serra da Mantiqueira, sempre desenvolveram uma intensa vida de relação com mercados consumidores acessíveis através do Vale do Paraíba. Assim, um dos objetivos foi o de conhecer a intensidade e as razões que justificam essa vida de relações e, ao mesmo tempo, compreender até que ponto ela interferiu na descaracterização desses núcleos.

A idéia desta pesquisa surgiu em decorrência do convívio com alunos do Colégio Estadual de Campos do Jordão, no período de 1968-1969, quando foram realizados trabalhos de campo objetivando o estudo geográfico da área. Assim, através de inúmeras excursões, foi possível verificar uma grande diversidade de paisagens rurais, principalmente nos municípios de Campos do Jordão e de Santo Antonio do Pinhal, ambos inseridos na Serra da Mantiqueira sob a influência do clima tropical de altitude. A princípio, o interesse dessa pesquisa voltou-se para o estudo das propriedades rurais existentes na área. Todavia, a diversidade de aspecto e de extensões que apresentavam contribuiu para a limitação do tema, que restringiu-se apenas ao estudo particular de pequenas propriedades pertencentes a elementos japoneses que, na época (1968-1969), estavam empenhados no cultivo de hortaliças e frutas. Entretanto, através de excursões posteriores (1973-1974), foi possível constatar uma rápida transformação nas modalidades agrícolas, de tal forma acelerada, que por ocasião do encerramento da pesquisa de campo (1978), pouco ou quase nada restava das atividades constatadas inicialmente. Assim, uma das maiores preocupações foi, justamente, a de procurar compreender as causas e conseqüências desta transitoriedade na utilização do solo, pela agricultura.

1.2. Métodos e técnicas de pesquisa - Inicialmente esta pesquisa constou de uma sondagem preliminar que se estendeu a diferentes áreas serranas da Mantiqueira paulista, atingindo os municípios de Campos do Jordão, Santo Antonio do Pinhal e São Bento do Sapucaí. Assim, foram visitados os Vales do Baú, do Rio Preto, dos Melos, o Bairro Zé da Rosa, além de Lageado e Renópolis. A abordagem, que pretendia incluir sitiantes japoneses na região serrana, foi prejudicada pela extrema dispersão do habitat, em razão das características morfológicas dominantes nesta área. Foi também possível constatar que em Lageado e Renópolis o "habitat", embora também disperso, apresentava-se disposto ao longo do eixo da ferrovia Campos do Jordão, o que facilitou, sobremaneira, os contatos posteriores e a coleta de dados. Além disso, a escolha recaiu nesses núcleos porque ali ocorria uma certa concentração de famílias japonesas ao contrário das outras localidades visitadas em que as propriedades de nipônicos estavam misturadas as de caboclos.

Desta sondagem resultaram as diretrizes que permitiram a elaboração dos questionários aplicados em diferentes épocas e que deram margem ao conhecimento das condições e dos problemas de Lageado e Renópolis. Esta etapa inicial foi extremamente valiosa pois contribuiu para a definição do tema e a delimitação da área a ser investigada.

Deve ser ressaltado que esta pesquisa abrangeu também uma família de sitiantes do Vale dos Melos, situado junto a rodovia SP-50, uma vez que ali se desenvolve o cultivo de flores e plantas ornamentais feito por japoneses. Assim, o Vale dos Melos foi integrado a este estudo porque a atividade que ali se desenvolve é semelhante a de Lageado e Renópolis.

O levantamento bibliográfico e cartográfico revelou-se pobre no que se refere às informações sobre a área e sobre sitiantes japoneses. Exceção feita a informações esparsas, a maioria das quais ligadas à área de sociologia,

restaram apenas estudos de caráter geral sobre a imigração japonesa em São Paulo e no Brasil. As informações assim obtidas foram, sempre que possível, utilizadas para estabelecer as necessárias correlações. Todas as obras bibliográficas foram devidamente fichadas e do confronto entre as informações assim obtidas e os resultados do trabalho de campo, concluiu-se que Lageado e Renópolis constitui, mesmo, uma exceção pois não existem referências a japoneses que se tenham estabelecidos em áreas serranas.

Esta etapa de trabalho incluiu consultas em diferentes bibliotecas da Universidade de São Paulo, entre as quais merecem destaque a do Departamento de Geografia e a do Instituto de Estudos Brasileiros. Além disso foram visitados o setor de arquivo e a biblioteca da sede central da Cooperativa Agrícola de Cotia (C.A.C), em São Paulo, onde foram colhidos elementos importantes para o estudo das técnicas de cultivo de hortaliças e flores; no Centro de Abastecimento Geral do Estado de São Paulo (CEAGESP), foram obtidas, junto a proprietários de box de revenda, informações sobre as áreas de procedência dos legumes, especialmente da cenoura.

De grande valia foi a consulta à biblioteca do Arquivo do Estado que tornou possível esclarecer dúvidas, acerca de elementos fundamentais para ocupação do espaço da região onde estão localizados Lageado e Renópolis.

O necessário apoio cartográfico foi conseguido através da utilização de detalhes das folhas topográficas de Campos do Jordão (SF-23-Y-B-V-2) e de Tremembé (SF-23-Y-B-V-4), na escala de 1:50 000, publicadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), respectivamente em 1971 e 1974; na Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo (EMPLASA), foi consultado o mapa de Santo Antonio do Pinhal; a integração de Lageado e Renópolis, no Vale do Paraíba, só foi possível graças a utilização de mapas, adaptados do Atlas Regional do Estado de São Paulo, pu

blicado pela Secretaria de Economia e Planejamento, em 1978; foi também utilizada a documentação aerofotogramétrica existente no Arquivo de Fotografias Aéreas do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, referente a 1962, que permitiu o reconhecimento e a caracterização da área, bem como a análise da ocupação do espaço.

Cumprе ressaltar, todavia, que este trabalho está apoiado, sobretudo, na pesquisa de campo que envolveu a aplicação de dezenas de questionários, inquéritos e entrevistas. Na região de Lageado e Renópolis foram entrevistados os sitiantes remanescentes que forneceram os elementos essenciais a esta pesquisa. Assim, da investigação dos aspectos mais importantes relativos às propriedades e aos sitiantes japoneses dessa área, resultou uma série de dados que, devidamente tabulados, serviram para a confecção de gráficos. A interpretação destes permitiu estabelecer uma série de correlações com outros núcleos nipônicos já estudados que muito auxiliaram na compreensão dos problemas que afetam esta área. Assim, também, foi com apoio das entrevistas e questionários e respectivo cotejamento bibliográfico, que se tornou possível esclarecer os aspectos da organização social do pequeno proprietário de Lageado e Renópolis.

A localização de Lageado e Renópolis e sua integração geográfica, tornou-se possível através da interpretação dos "overlays" confeccionados à base da já referida documentação aerofotogramétrica, enriquecida com a competente bibliografia e a observação direta. Desta forma, Campos do Jordão, que abriga Lageado, e Santo Antonio do Pinhal, onde está localizado Renópolis, foram situados e caracterizados e sempre que possível, procurou-se destacar os aspectos referentes aos núcleos.

O estudo da ocupação do espaço e da evolução das atividades agrárias envolveu a origem dos núcleos que ocorreu por volta de 1930 e esteve vinculada a fatores diver-

sos relacionados não só as condições locais, mas também derivados de acontecimentos alheios à região. Para justificar a existência de Lageado e Renópolis, foram incluídos nesta unidade aspectos relativos à Estrada de Ferro Campos do Jordão, à procedência dos chefes de famílias e às razões apontadas para justificar a escolha dos locais. Assim, foi possível, também, averiguar fatos fundamentais ligados a ocupação do espaço e à malha fundiária, estudo que se complementou com a evolução das atividades agrárias.

A organização social do pequeno proprietário, analisada com base nos sitiantes remanescentes, compreendeu também a análise das associações comunitárias que em razão da étnia dos elementos aí fixados, assumiu aspectos de realce nesta dissertação. Assim, também as atividades agrícolas que os japoneses desenvolveram nessa área desta da que praticada pelos nacionais.

Todos estes dados analisados, confrontados com outros estudos existentes, tendo em vista os objetivos propostos resultaram nesta dissertação que procura mostrar, acima de tudo, o inter-relacionamento entre o homem (japonês) e o meio (Serra da Mantiqueira) na utilização do solo.

É evidente que um trabalho, por mais modesto que seja, envolve tarefas tão diversas que exigem a contribuição de muitas pessoas. Na maioria das vezes são tantas as pessoas a quem se deve agradecimentos, que seria muito longo enumerar indivíduos ou entidades. Assim, para não cometer injustiças, quero agradecer a todos aqueles que, de uma

forma ou de outra, contribuíram para que este trabalho chegasse ao bom termo.

Contudo, não posso, em absoluto, deixar de nomear algumas pessoas e entidades que estiveram mais de perto ligados às diferentes etapas desta pesquisa.

Assim, agradeço em especial, ao Centro de Aperfeiçoamento de Pesquisas do Ensino Superior (CAPES), sem a colaboração da qual não teria sido possível a realização deste trabalho, principalmente durante os anos de 1978 e 1979, na fase final de execução.

Gostaria também de deixar consignado aqui o meu sincero reconhecimento a todos os funcionários das entidades por mim visitadas que, gentilmente, me atenderam fornecendo informações valiosas. Entre as quais o Arquivo do Estado, a Biblioteca do Departamento de Geografia e Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, as duas últimas pertencentes a Universidade de São Paulo. Ainda em São Paulo, devo agradecer ao Arquivo e Biblioteca da Cooperativa Agrícola de Cotia e a todos aqueles do Centro de Abastecimento Geral do Estado de São Paulo que sempre, de boa vontade, esclareceram minhas dúvidas e forneceram dados sobre comercialização de produtos agrícolas; em Campos do Jordão quero agradecer a Prefeitura Municipal e a Casa da Lavoura.

Aos sitiantes japoneses de Lageado e Renópolis, que me receberam carinhosamente no decorrer do trabalho de campo, pela confiança com que me forneceram os dados para a execução desta pesquisa, meu sincero reconhecimento e respeitosa gratidão.

Aos queridos amigos, Doutor Norival D'Angelo pelas palavras de apoio, incentivo e constante estímulo de fé neste trabalho; com carinho especial a Olga Tulik pelo desvelo com que sempre me incentivou, sugerindo e acompanhando a execução desta pesquisa.

Agradecimentos sinceros a todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e, em especial, aos mestres dos cursos de Pós-Graduação, pelos ensinamentos ministrados; em especial, ao Professor Doutor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e a Professora Doutora Iraci Gomes Palheta pelo incentivo e treinamentos necessários à realização deste trabalho.

Finalmente, ao meu orientador, Professor Doutor Antonio Rocha Penteado, que apesar dos afazeres, advindos dos inúmeros e importantes cargos que ocupa, tomou a seu cargo a orientação desta pesquisa que se enriqueceu com suas sugestões e sua larga experiência no campo da Geografia, meus sinceros agradecimentos.



2. Os núcleos estudados e sua integração geográfica

- 2.1. Lageado e Renópolis e os municípios serranos de Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal
- 2.2. Características naturais

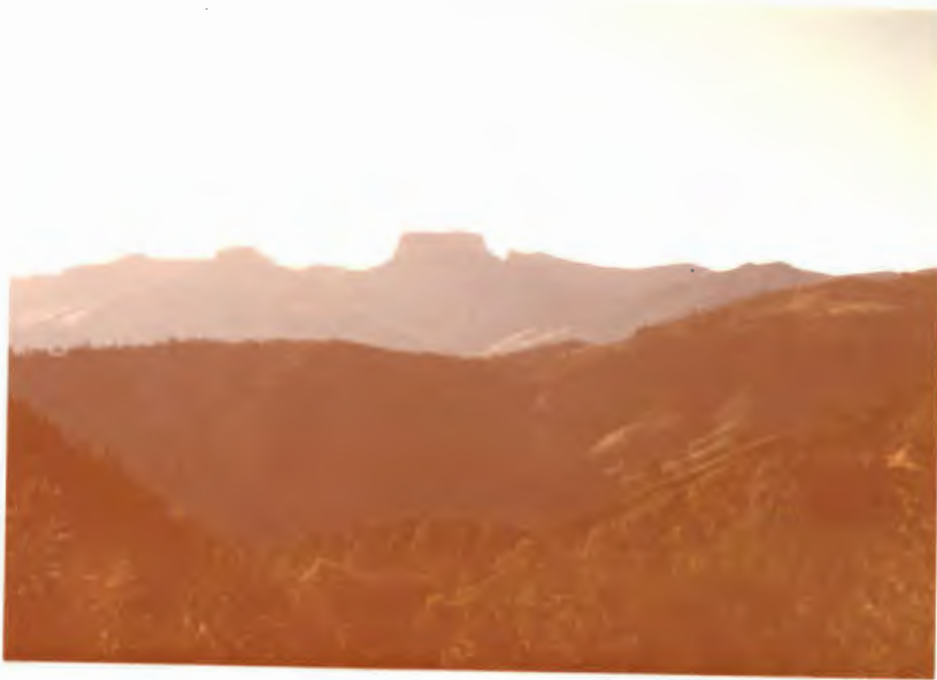


Foto 1. Relevo da Serra da Mantiqueira e do Planalto de Campos do Jordão. Foto tirada do alto da Boa Vista, na qual se percebem três níveis escalonados que caracterizam o modelado topográfico dessa região. Ao fundo observa-se a denominada Pedra do Bau, testemunho da antiga superfície de erosão, que se eleva a 1 900 m nos limites de São Paulo com Minas Gerais. (Foto da Autora)

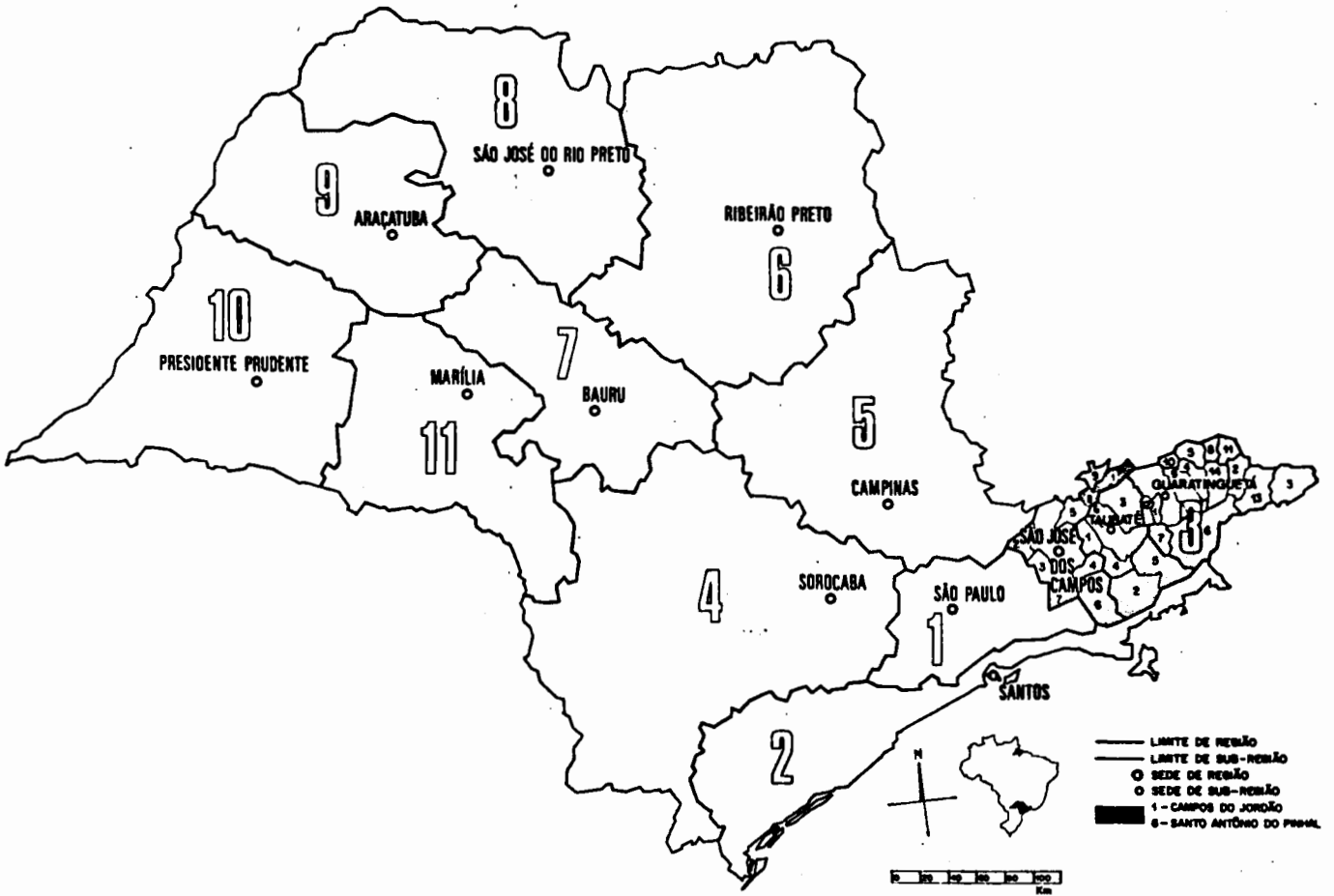
2.1. Lageado e Renópolis e os municípios de Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal - Lageado e Renópolis estão localizados no Estado de São Paulo, na porção da Serra da Mantiqueira, que fica ao norte do Vale do Paraíba. Lageado e Renópolis estão situados em municípios serranos, o primeiro no extremo sul de Campos do Jordão e o segundo a nordeste de Santo Antonio do Pinhal. Inseridos que estão na mesma área geográfica, Serra da Mantiqueira, apresentam uma certa semelhança no que se refere aos aspectos naturais e a sua integração no Vale do Paraíba, graças a qual desfrutam de uma série de vantagens. (MAPAS 1 e 2).

Lageado e Renópolis se estabeleceram na vertente norte da Serra Preta, uma unidade individualizada nesta parte da Mantiqueira pela presença de um relevo movimentado, que atinge cotas altimétricas superiores a 1 700 m. A Serra Preta constitui assim um dos divisores de águas desta porção da Mantiqueira paulista, que apresenta encostas com características diferenciadas, sendo que na vertente norte foi que se estabeleceram os sitiantes japoneses de Lageado e Renópolis, por terem aí encontrado condições adequadas para a prática da agricultura, pois o lado oposto apresenta-se muito escarpado. ( FOTO 1).

A Serra Preta é drenada, em sua porção norte pelo Ribeirão do Lageado e pelo Córrego do Barreiro, em cujos vales se instalaram, respectivamente, Lageado e Renópolis.

A ocupação do espaço geográfico pelos sitiantes japoneses nesta porção serrana só foi possível graças a rede rodo-ferroviária, representada por vias de circulação que, a partir do Vale do Paraíba, tornam possível o acesso até Santo Antonio do Pinhal e Campos do Jordão. Estes municípios, apesar de situados em região cujo relevo sempre se constituiu numa dificuldade a ser vencida, são servidos por duas rodovias, a SP-50, que liga São José dos Campos a Campos do Jordão, via Monteiro Lobato, e a SP-132, recém-inaugurada, que facilitou, sensivelmente, o acesso a re-

### VALE DO PARAÍBA — POSIÇÃO NO ESTADO



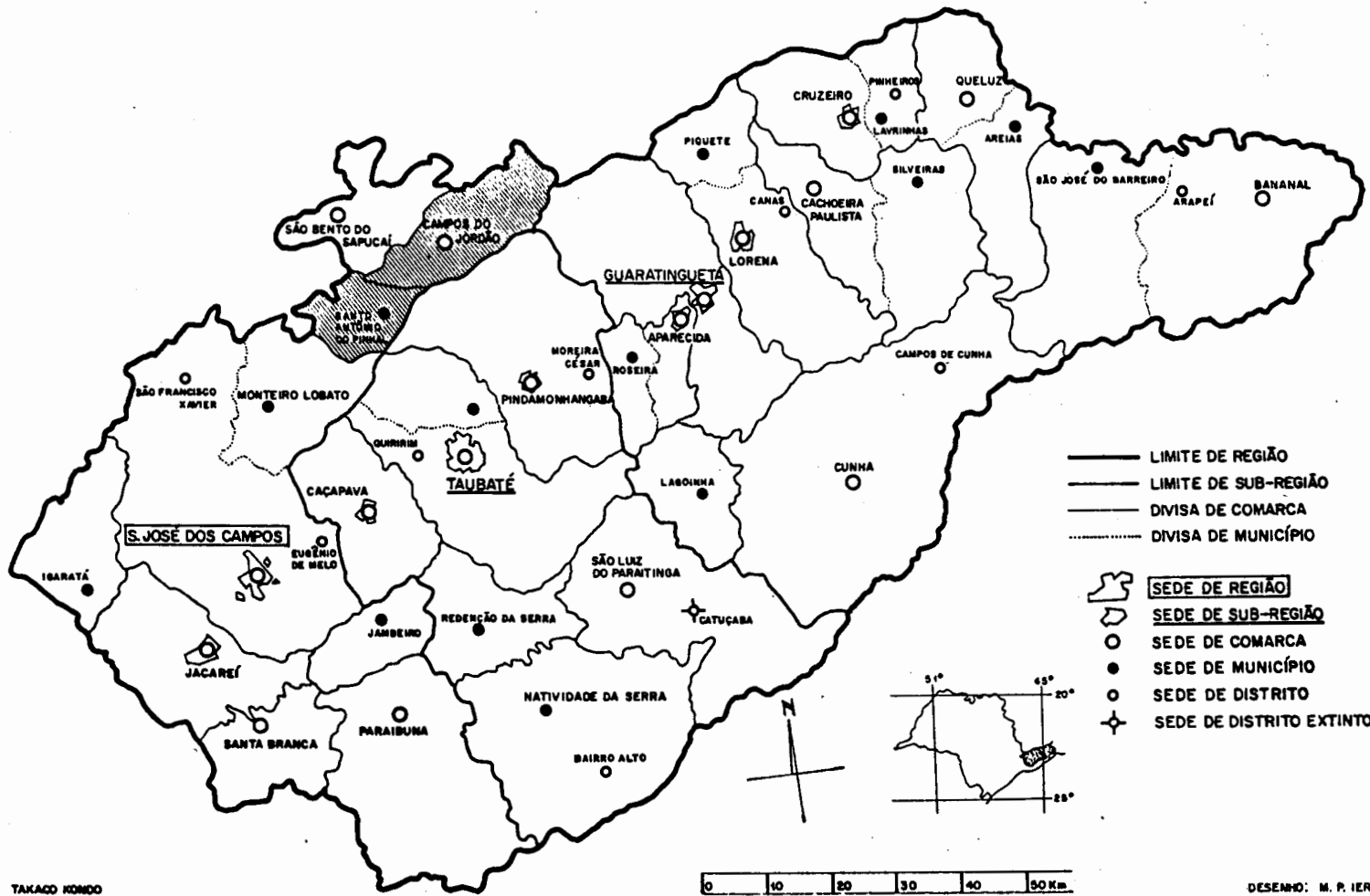
TAKAO KONDO

DESENHO: M. P. HERVOLINO

Fonte: ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 1

# VALE DO PARAÍBA — DIVISÃO TERRITORIAL — 1976



TAKAGO KONDO

DESENHO: M. P. IERVOLINO

MAPA 2

gião serrana. ( FOTOS 2-3).

Além dessas rodovias a Estrada de Ferro Campos do Jordão desempenha importante papel na circulação dessa área. Assim, como as duas rodovias, esta ferrovia liga o Vale do Paraíba, mais precisamente a cidade de Pindamonhanga, ao Bairro do Capivari (estação Emílio Ribas) em Campos do Jordão. Além de constituir uma via de transporte segura, confortável e relativamente rápida, a Estrada de Ferro Campos do Jordão caracteriza-se por vencer as elevadas escarpas num percurso de aproximadamente 50 km, desde o vale até a serra.

A origem dos núcleos de Lageado e Renópolis está diretamente vinculada à construção dessa ferrovia, pois os sitiantes japoneses se instalaram e se organizaram ao longo do seu eixo ferroviário que abrange as terras situadas desde o norte da estação Eugênio Lefèvre, em Santo Antonio do Pinhal, até as cabeceiras do Lageado, em Campos do Jordão.

A participação dos dois núcleos na economia de Campos do Jordão e de Santo Antonio do Pinhal, embora hoje não seja expressiva, foi significativa na medida em que a atividade agrícola que se desenvolveu em Lageado e Renópolis promoveu uma valorização do espaço geográfico, criou novas oportunidades de trabalho para os habitantes locais, que passaram a constituir a mão-de-obra assalariada nas propriedades de sitiantes japoneses.

No que se refere a integração regional, verifica-se que tanto no passado recente como no momento atual, Lageado e Renópolis estão inseridos no contexto da região serrana da Mantiqueira e também desenvolvem uma intensa vida de relações com o Vale do Paraíba, através do qual tem acesso aos grandes centros consumidores onde se destacam São Paulo e Rio de Janeiro; além disso, apesar da distância, é em estabelecimentos de ensino sediados em cidades



Fotos 2-3. O modelado topográfico de Santo Antonio do Pinhal. Na foto superior, vista tomada da estrada secundária, que liga Santo Antonio do Pinhal a São Bento do Sapucaí, instalada num vale com vertentes suavizadas. Observa-se ainda as colinas arredondadas que se estendem em diferentes níveis transversais ao vale. Na foto inferior detalhe do relevo vigoroso e festonado, onde se verifica a devastação da cobertura vegetal. (Fotos da Autora)

do Vale do Paraíba que os descendentes de japoneses, filhos de sitiantes de Lageado e Renópolis, completam seus estudos.

Assim, se por um lado a integração geográfica de Lageado e Renópolis na região da Mantiqueira e a ligação desses núcleos com o Vale do Paraíba deram margem à formação e ao desenvolvimento deles no passado, por outro lado foram esses mesmos fatores que contribuíram para a sua decadência. A análise destes aspectos, relacionados à posição de Lageado e Renópolis, bem como das causas e consequências, serão abordados com maiores detalhes no decorrer deste trabalho.



2.2. Características naturais - A Serra da Mantiqueira, que integra o Planalto Atlântico, é constituída de escarpas elevadas e esporões que descem em direção ao Vale do Paraíba onde terminam em forma de morros. Segundo ALMEIDA, "Os desníveis, compreendidos de 1 500 a 2 000 m, entre a crista da Mantiqueira e as planícies do Vale do Paraíba, tornam este relevo o mais abrupto do Estado e um dos mais destacados de toda a banda oriental do continente".<sup>(1)</sup>

Segundo este autor, pouco se conhece da geologia da Serra da Mantiqueira, fato lamentável, pois muitos dos aspectos e características do relevo ainda não foram explicados, levando mesmo muitos autores a interpretar artificialmente as suas origens. Sabe-se entretanto, que predominam rochas de natureza gnáissica, de origem metassedimentar na sua grande maioria, pois ali ocorrem quartzitos, mármore e, mesmo, metaconglomerados.<sup>(2)</sup> Os quartzitos e os itacolomitos são rochas que desempenham importante função na sustentação das formas de relevo da Mantiqueira paulista, por serem as mais resistentes.

Estruturalmente, seus terrenos inclinam-se quase sempre para o Vale do Paraíba, com ângulos superiores a 45°. "Disso resulta manifesta assimetria nos perfis das serras e morros testemunhos de erosão, e mesmo de certos detalhes da morfologia das principais escarpas, mostrando-se geralmente mais acentuados os declives que fazem face à grande serra que os voltados para o vale."<sup>(3)</sup>

A ação erosiva local sobre o relevo atua com maior ou menor intensidade, de acordo com as rochas que o formam e em função da ação autrópica. As mais resistentes são as

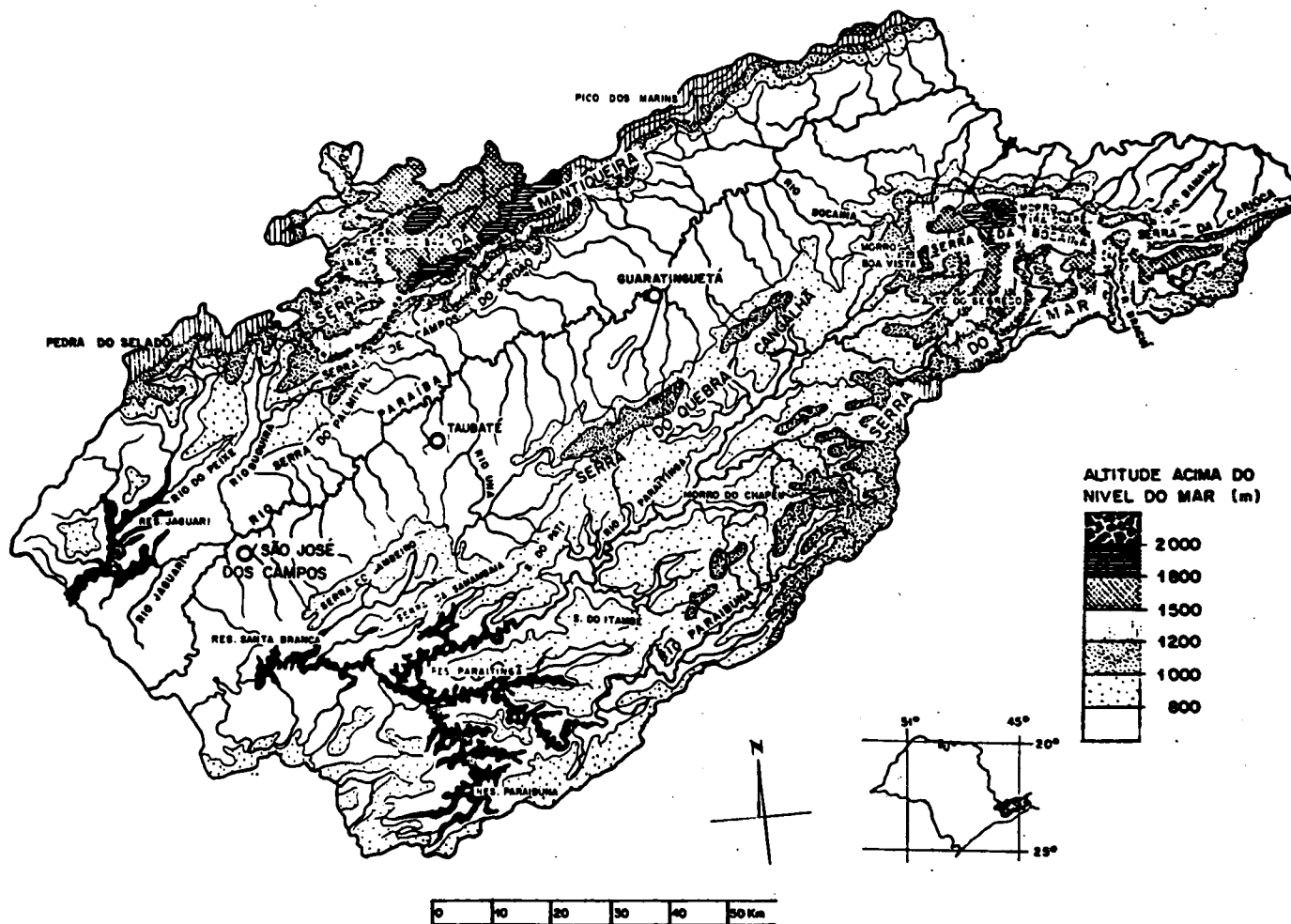
---

(1) ALMEIDA, Fernando Flavio Marques de. "Fundamentos geológicos do relevo paulista", pág. 34

(2) Idem. Idem, pág. 34.

(3) Idem. Idem, pág. 35.

# VALE DO PARAÍBA - HIDROGRAFIA E RELEVO



TIKACO KONDO

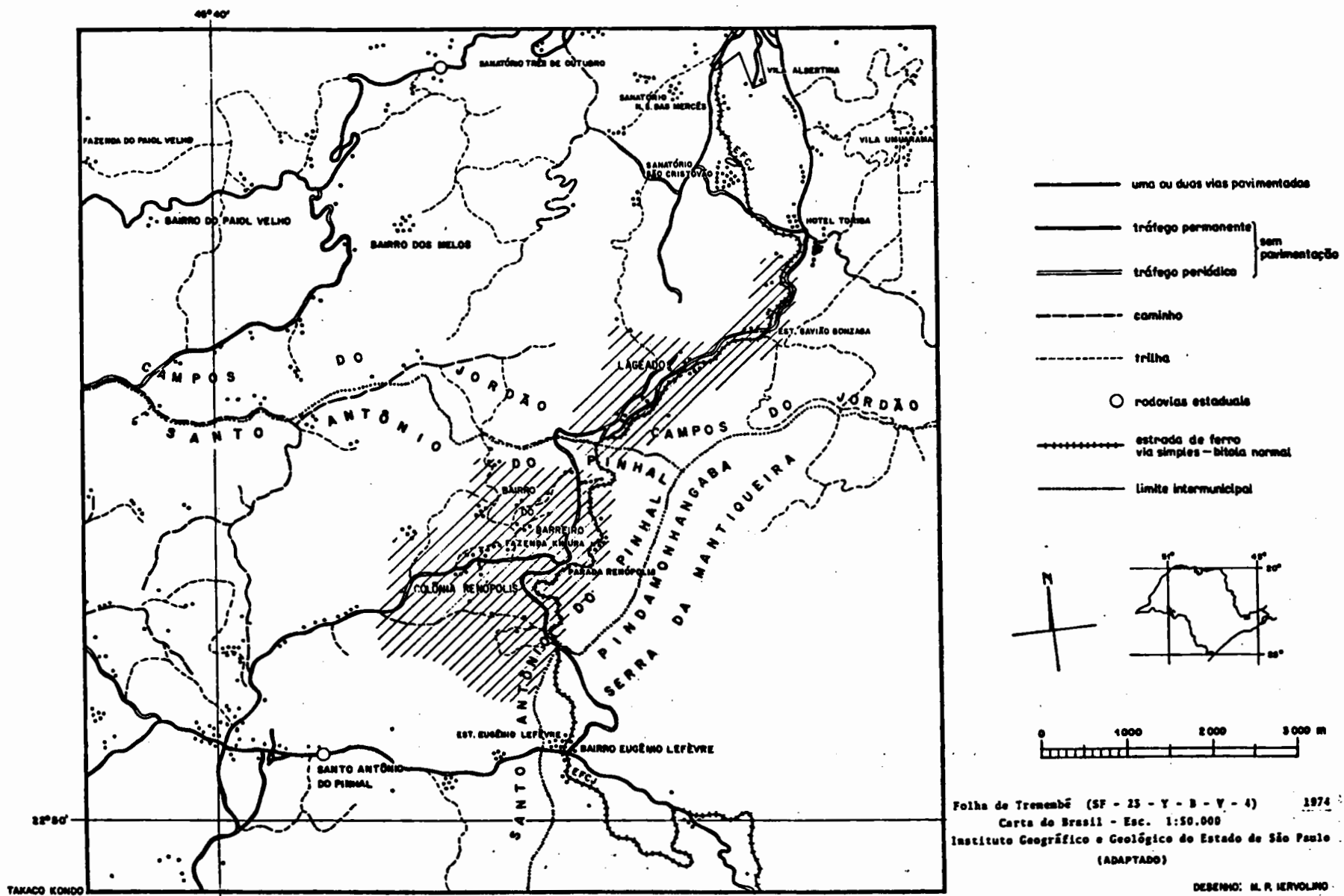
DESENHO: B. P. ERVOLINO

Fonte: ADAPTADO DO ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 3

# Lageado e Renópolis

no planalto de Campos do Jordão



MAPA 4

biotita-gnâisses-graníticas, facoidais ou quartzíticas. Estas últimas são as que conseguem a sustentação dos picos e cristas de serras mais elevadas como a do Itapeva, com 2 050 metros a sudeste de Campos do Jordão, do Imbiri, com 1 950 m e a Pedra do Bau com 1 900 metros. (MAPA 3).

Muitos destes aspectos podem ser observados em Lageado e Renópolis; o primeiro situado no vale do Ribeirão do Lageado, tributário do Sapucaí-Mirim e o segundo no vale do Córrego do Barreiro. Esta aparente uniformidade esconde uma série de diferenças que podem ser percebidas pelo exame mais detalhado desses aspectos e pelas suas relações com a ocupação humana que se deu nessa área. (MAPA 4).

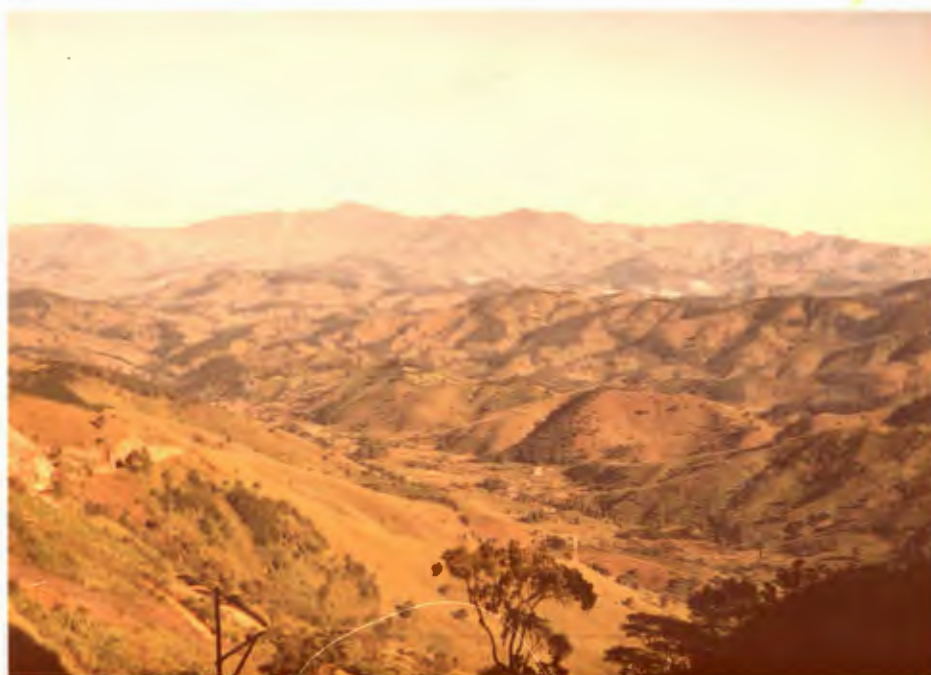
No Lageado, as encostas são mais íngremes e os vales mais apertados do que em Renópolis. Assim, a ocupação humana se fez entre 1 500 a 1 700 m de altitude, nas meias encostas e fundos de vale. (FOTOS 4-5).

Ao contrário, Renópolis apresenta menores altitudes (1 200-1 400 m), vertentes mais suavizadas e áreas mais amplas do que aquelas existentes em Lageado. (MAPA 5. FIGURA 1).

Estas variações implicaram em diferentes formas de ocupação humana, dotando Renópolis de melhores condições para a agricultura, o que ainda hoje subsiste.

Costuma-se afirmar, genericamente, que os solos de regiões tropicais apresentam uma grande profundidade. Entretanto, esse problema de profundidade do solo encontra elementos de discussão quando se trata já da própria definição do que seja solo.

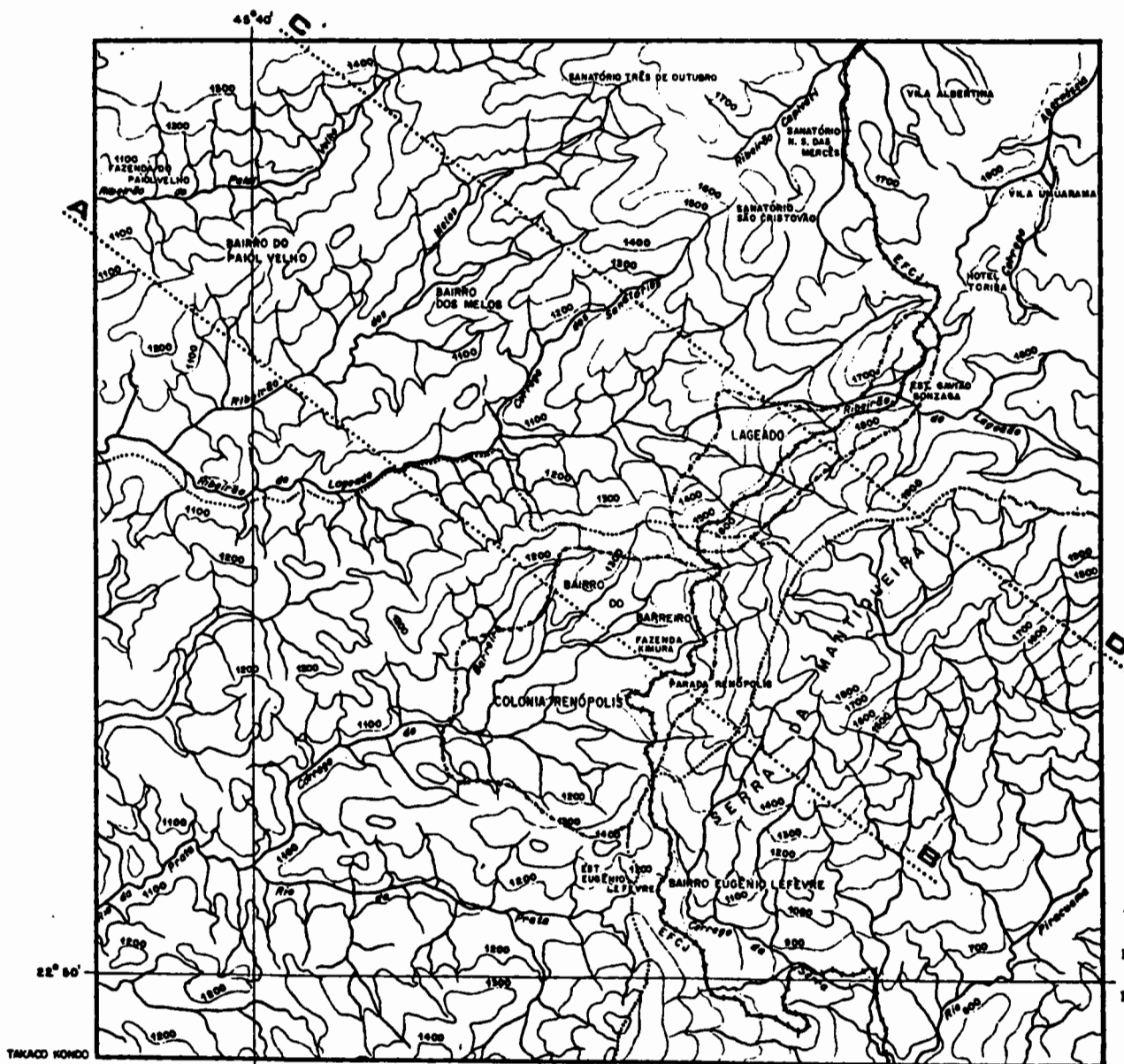
Teoricamente não se estabeleceram princípios básicos para diferenciar o solo propriamente dito e a camada de rocha decomposta da qual este solo foi originado.



Fotos 4-5. Os vales do Ribeirão do Lageado e do Córrego do Barreiro. Na foto superior, vista geral do vale do Ribeirão do Lageado tomada do mirante, situado na rodovia SP-132. Percebe-se que a ocupação humana se fez entre 1 500-1 700 m de altitude, nas meias encostas e fundos de vale. As altas cristas da Mantiqueira servem de passo de fundo. Na foto inferior, paisagem do Córrego do Barreiro, onde, a 1 200-1 400 m se localiza a "Colônia" Renópolis que, ao contrário do Lageado ocupou fundos de vales mais amplos. (Fotos da Autora)

# Lageado e Renópolis

## Esboço Topográfico



Folha de Tremembé (SF - 25 - Y - B - V - 4) 1974  
 Carta do Brasil - Esc. 1:50.000  
 Instituto Geográfico e Geológico do Estado de S. Paulo  
 (ADAPTADO)

DESENHO: N. P. NEVOLINO

MAPA 5

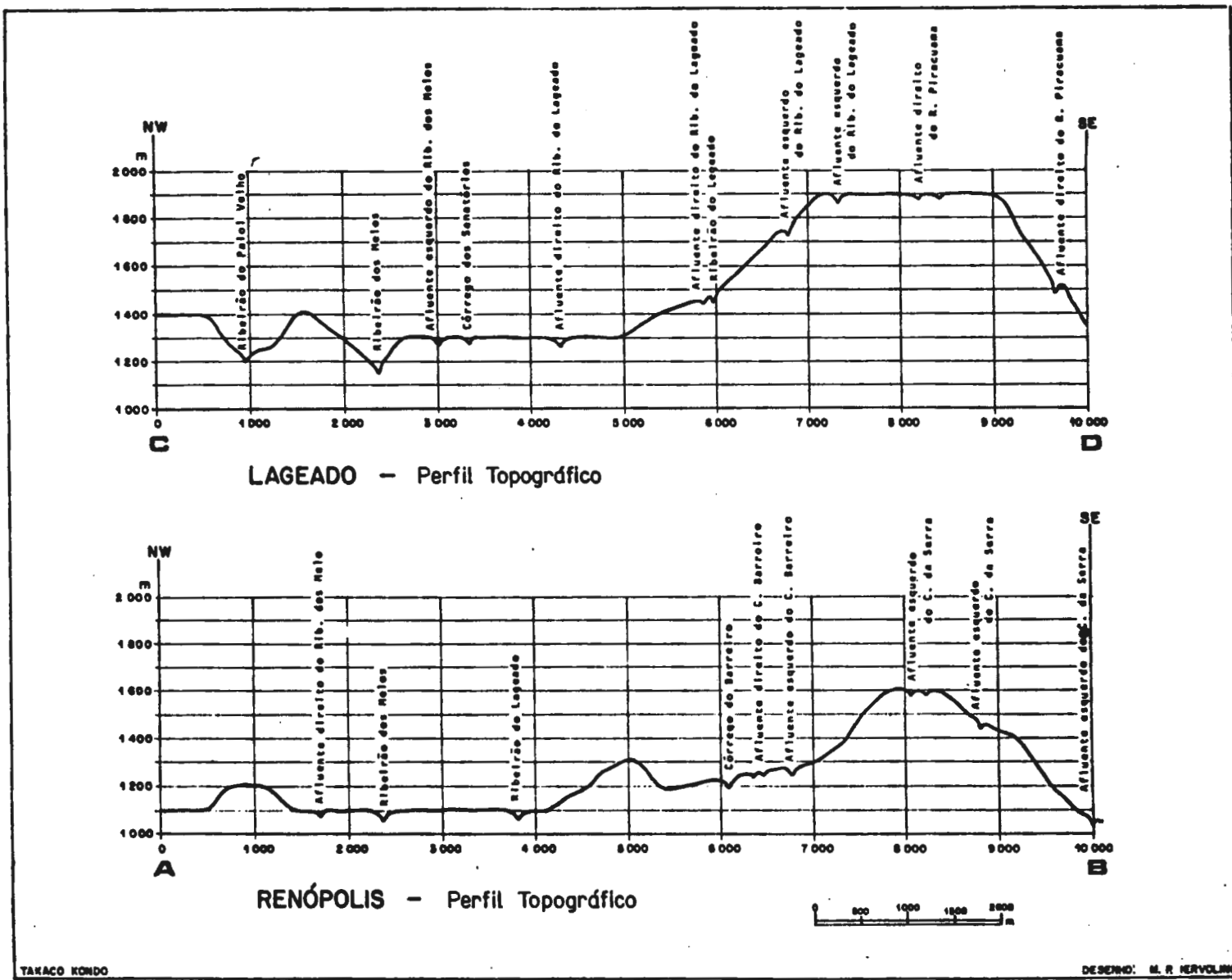


FIGURA 1

No que diz respeito a solos, Camargo e Vageler<sup>(4)</sup> opinam que a necessidade técnica e a necessidade teórica se encontram, permanentemente, em disputa. Vários critérios, portanto, podem ser adotados para se estudar e diferenciar os diferentes tipos de solo. Entre eles a natureza da rocha que deu origem a este solo, os elementos externos que influíram na decomposição da mesma, etc. Empregando esta definição, isto é, o da decomposição da rocha matriz, teoricamente os solos poderiam atingir grandes profundidades, mas na realidade não é o que acontece, o solo é representado apenas pelos 30 a 40 centímetros superficiais. É isto que realmente interessa a este trabalho, pois a definição refere-se ou diz respeito ao solo agrícola, e não ao solo no sentido lato da palavra.

Há ainda alguns pesquisadores que consideram solo a camada que é explorada pelas raízes. Entre estes podem ser mencionados Rawitscher<sup>(5)</sup> que assinala certas profundidades, além de 10 metros e mesmo acima de 20, que podem ser atingidas por algumas plantas, cujas raízes vão se infiltrando e se aprofundando. A variação térmica fragmenta as rochas e a umidade as desagrega e as decompõe nos seus elementos solúveis. Além desse processo de intemperismo, as chuvas em forma de enchurradas transportam as partículas em suspensão, depositando-as nas partes de menor declividade e nas áreas mais baixas do relevo onde novos solos vão sendo formados, os solos alóctones. Este processo pode ser observado, de um modo geral, nas propriedades rurais de Lageado e Renópolis. Caso expressivo foi registrado nos sí-

---

(4) CAMARGO, T. e VAGELER, P. "Os solos do Estado de São Paulo", em Boletim Técnico do Instituto Agrônomo de Campinas, nº 49, 1938, pág. 7.

(5) RAWITSCHER, F. "Problemas de fitoecologia com considerações sobre o Brasil Meridional", em Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nº 41, Botânica, nº 4, 1944, pág. 108.



ios Abbe e Kimura.

A decomposição das rochas, contudo, depende também da natureza delas, e mesmo nas zonas de climas tropicais e subtropicais úmidos podem ocorrer solos bastante rastos, quando a rocha matriz que dará origem a este solo oferece uma resistência muito grande à decomposição.

Outro elemento importante a ser considerado no estudo dos solos de uma determinada região ou área, é a influência do relevo. Assim, em locais muito acidentados, onde a declividade da topografia não permite o acúmulo do material desagregado, este tende a deslocar-se à medida que vai sendo trabalhado pela chuva ou pelo vento, depositando-se em lugares mais planos e mais abaixo. Nestas áreas é fundamental a presença de cobertura vegetal para reter o solo. O desmatamento, em geral, propicia a aceleração da ação erosiva, que acaba por expor a própria rocha matriz à ação dos agentes sub-erosivos.

Antes de entrar em detalhes no que diz respeito à influência do relevo e da cobertura vegetal na ocupação agrícola dos núcleos de Lageado e Renópolis, é preciso considerar, ainda, alguns outros aspectos dos solos brasileiros, para melhor compreensão das formas de ocupação daqueles dois núcleos.

Pela exuberância de nossa vegetação é comum afirmar-se que os solos brasileiros são férteis e ricos e, durante os primeiros anos de sua ocupação, realmente a produtividade chega a ser compensatória; entretanto, após alguns anos de efetiva ocupação ocorre um rápido declínio, o que depaupera os solos e reduz a rentabilidade. Isso ocorre, justamente, porque a retirada da cobertura vegetal permite a penetração direta dos raios solares e suas altas temperaturas, atuando sobre o solo desnudo promovem transformações físico-químicas de seus elementos. Originam-se ,

então, "cangas" e "piçarras"<sup>(6)</sup> que são concreções ferruginosas, frequentes em regiões tropicais e subtropicais. Estas carapaças ou concreções dificultam a penetração de raízes. As enchurradas atuam sobre o solo desnudo arrastando com facilidade a camada de solo agrícola, uma vez que não há nada que as detenha.

Na ausência de uma formação e de informações sobre técnicas, quanto à melhor forma de utilização de nossos solos, o processo destrutivo sofre ainda maior aceleração quando se pratica a queimada ou coivara<sup>(7)</sup>. Segundo Paiva,<sup>(8)</sup> cerca de 88% da área do território nacional são constituídos de solos de natureza pouco fértil. Portanto, bem analisada essa afirmativa teremos apenas 12% de solos que são considerados como férteis. E destes, 7% correspondem aos solos semi-áridos do Nordeste, os quais, apesar da fertilidade são pouco aproveitados devido à escassez de água e pela sua pouca profundidade. Entretanto, aqueles solos menos férteis podem ser aproveitados desde que trabalhados com cuidados e práticas especiais. O emprego de métodos rotineiros já levou ao exaurimento de parcela considerável de solos relativamente bons. A sua recuperação exige capital vultuoso e tempo sendo que, às vezes, o emprego de capital é muito superior àquele que seria necessário para manter este mesmo solo em estado produtivo. Existem inúmeras áreas que, exploradas continuamente, ainda são produtivas e eficazes, graças ao emprego de técnicas especiais e ao uso científico dos adubos químicos e orgânicos.

---

(6) GUERRA, Antonio Teixeira. "Dicionário geológico-geomorfológico", pág. 70-328.

(7) FREISE, F. W. "As queimadas e suas influências nefastas sobre os solos tropicais", Boletim de Agricultura, São Paulo, 1939.

(8) PAIVA, Glycon de. "Capacidade de população do Brasil", em Boletim Geográfico, Ano 8, nº 90, pág. 707-717.

Na ocupação agrícola de qualquer área, dois fatores importantes, além de outros, não podem deixar de serem levados em consideração: o clima e o solo. Entretanto, enquanto o clima pode ser fator limitante para certas culturas, restringindo-as à áreas específicas, o solo pode ser corrigido, dependendo da técnica e dos recursos disponíveis. Portanto, a agricultura pode ser praticada em determinadas áreas porque o solo das mesmas é suficientemente fértil ou então se pratica a agricultura em solos fracos, melhorando as suas condições mediante processos agrícolas, porque outras razões compensam a aplicação de corretivos.

O Mapa de Solos da América do Sul,<sup>(9)</sup> em escala de 1:5 000 000, publicado pela FAO/UNESCO faz referência a vinte e três tipos de solos do Brasil. De todos eles é de especial interesse aquele que se refere à região de Campos do Jordão - é o solo de "Campos do Jordão", solos estes encontrados no sudeste brasileiro, nas regiões de maior altitude, normalmente em relevo fortemente ondulado e derivados de filitos e gnáisses. Sua profundidade efetiva é pequena, de "textura média a argilosa".<sup>(10)</sup> São solos fortemente ácidos e de reduzida fertilidade. Apresentam, ainda limitação pela erosão, moderada a forte e impedimento à motomecanização da lavoura.

Com efeito, a região em estudo, com seu relevo bastante movimentado, não apresenta muitas áreas que permitam a prática da agricultura. De modo geral a agricultura comercial desenvolvida em Lageado e Renópolis, decorreu da associação de inúmeros outros fatores e não em consequência da existência de muitos tipos de solos que fossem alta

---

(9) FAO/UNESCO - Mapa mundial de suelos(1:5 000 000). Preparado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, Vol. IV, América del Sur.

(10) PAIVA, Rui Miller. "Setor agrícola do Brasil: comportamento econômico, problemas e possibilidades".

mente produtivos. Não se pode, contudo, considerar que sendo áreas virgens, que nunca dantes tivessem sido efetivamente ocupadas, as terras não correspondessem, produzindo safras rentáveis, pelo menos durante os primeiros anos.

Os diversos fatores que propiciaram a ocupação de terras no Alto Lageado (Campos do Jordão) e Renópolis (Santo Antonio do Pinhal) estão intimamente relacionados à construção da Estrada de Ferro Campos do Jordão-Pindamonhangaba, como será visto posteriormente.

O estudo dos solos de Lageado e Renópolis, embora não possa ser feito em detalhe, em virtude de consideráveis limitações, constitui um dos aspectos mais importantes pois que apóia toda ocupação humana que se fez nessa área.

Os desequilíbrios pedológicos observados em razão da atuação autrópica e daquela decorrente dos agentes de erosão, hoje vêm sendo corrigidos em pequenas áreas desses núcleos. É o que se observa em Renópolis onde a prática dos sistemas de cultivo em curvas de nível, terraceamento, além da irrigação, utilização de adubos e inseticidas, são largamente empregados.

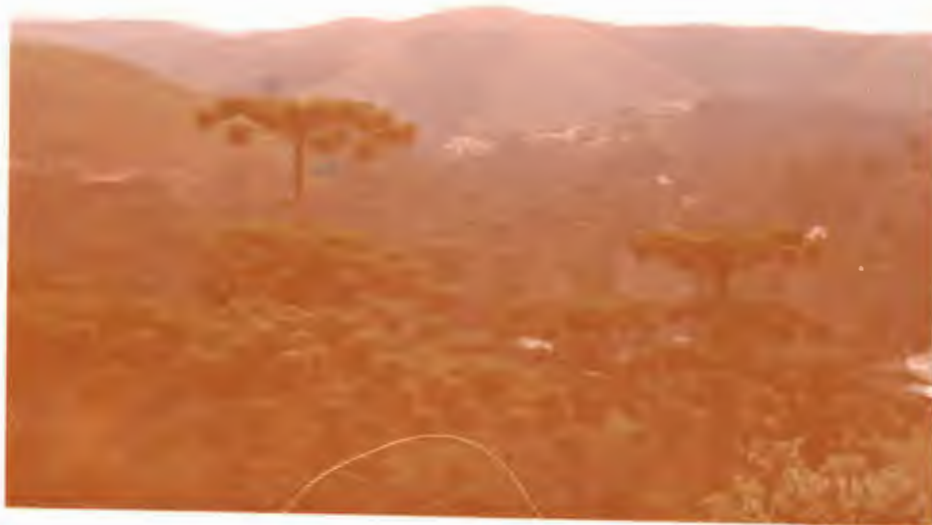
Atualmente os solos de Lageado e Renópolis apresentam-se desprovidos de toda a vegetação original, ao que tudo indica antes constituída por campos e pinheirais.

A devastação das matas assinaladas já em 1924,<sup>(11)</sup> em 1932 e 1940<sup>(12)</sup> parece ter ocorrido numa considerável área da Mantiqueira entre as quais destaca-se, pelas referências que existem a respeito, a cidade de Campos do Jordão. Nesta localidade, por volta de 1924, "japoneses e intrusos de toda espécie avançam no que é e no que não é seu,

---

(11) MATTOS FILHO, Belfort de. "Campos do Jordão".

(12) FERRAZ, Mario de Sampaio. "Campos do Jordão".



Fotos 6-7. Vegetação de Campos do Jordão. Na foto superior, aspecto da mata sub-tropical, onde se destacam exemplares de "*Araucaria Angustifolia*". Ao fundo, as encostas apresentam-se quase que totalmente desprovidas de vegetação. Na foto inferior, os pinheiros aparecem entremeados com outras espécies dispostas em vários estratos. (Fotos da Autora)

lançando fogo às belíssimas matas e plantando, aqui e acolá, rocinhas de milho e canteiros de repolhos".<sup>(13)</sup>

As causas do desaparecimento do pinheiro em Campos do Jordão podem ser resumidas em três principais: "o homem derruba as matas sem reflorestar; o homem queima as capoeiras; o gado arranca as mudas e come as sementes".<sup>(14)</sup> (FOTOS 6-7).

Este registro melancólico do desmatamento de Campos do Jordão pode muito bem dar uma idéia do que deve ter ocorrido em Lageado e Renópolis.

O contínuo desmatamento tem provocado sérias alterações nas condições naturais da região da Mantiqueira, chegando a provocar deslizamento de morros, como aquele que ocorreu há questão de poucos anos atrás, quando uma parte de Vila Albertina foi completamente soterrada, ceifando vidas preciosas. Também, em relação aos cortes topográficos realizados na rodovia SP-132, há alguns quilômetros de Campos do Jordão, ao norte do Lageado, é muito frequente o deslizamento do regolito (solifluxão), em decorrência da ausência de cobertura vegetal, o que facilita a infiltração das águas pluviais que aceleraram o processo da erosão. ( MAPA 6 ).

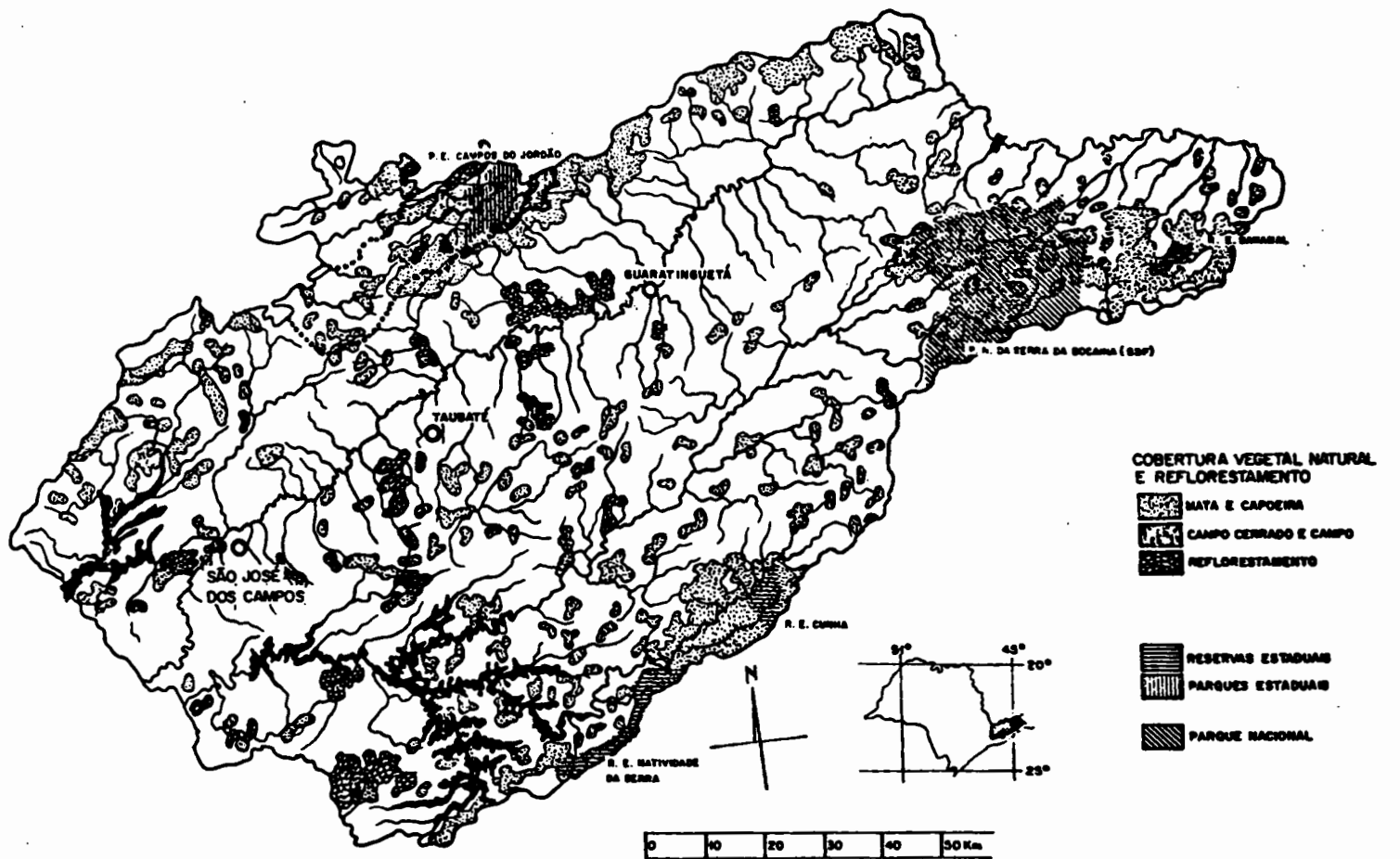
No que se refere ao clima, a região da Mantiqueira destaca-se, em razão dos fatores geomorfológicos, pela sua individualidade. Esta área, por estar situada sob as trajetórias preferidas pelas frentes polares e também pela orientação de suas serras, dispostas paralelamente ao litoral, no sentido WSW-ENE, tem pluviosidade elevada, embora menos acentuada do que aquela que se percebe na Serra do Mar. Tudo isto ocorre porque grande parte da umidade marítima se precipita nos rebordos da Serra e, quando as correntes atmosféricas atingem a região do Vale do Paraíba,

---

(13) Idem. Idem, pág. 25.

(14) Idem. Idem, pág. 44.

# VALE DO PARAÍBA - Vegetação natural e Reflorestamento



TAKACO MONDO

DESENHO: M. P. IERVOLINO

Fonte: ADAPTADO DO ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 6

já se apresentam menos úmidas e na sua trajetória, em direção ao planalto de Campos do Jordão, ao transpor as cristas da Mantiqueira, sofrem decréscimo de temperatura, o que provoca o aumento da pluviosidade. Assim, altos índices pluviométricos ocorrem na fachada litorânea diminuindo sensivelmente no Vale do Paraíba, onde alcançam 1 100 a 1 400 milímetros e aumentam na Serra da Mantiqueira, atingindo 1 700 a 2 000 milímetros. (MAPA 7).

Verifica-se, assim, que Renópolis, localizado a 1 200 m de altitude, está sob a influência do clima mesotérmico brando,<sup>(15)</sup> pois este ocorre em superfícies superiores a 700 m, como é o caso desta porção da Mantiqueira. Contudo, em relação a Lageado, localizado em níveis altimétricos que variam de 1 500 a 1 700 m, observa-se que se encontra sob a influência do clima mesotérmico médio<sup>(16)</sup> pois "este clima aparece acima das cotas altimétricas de 1 600 metros das Serras do Mar, Caparaó e Mantiqueira. Nestas restritas áreas, o constante resfriamento adiabático do ar não permite calor, nem mesmo no verão. Nelas jamais registrou-se temperatura superior a 30°C. A média dos meses mais quentes é inferior a 17°C."<sup>(17)</sup>

Em Campos do Jordão a média anual é de 13,6°C, sendo o mês mais quente (janeiro) 16,9°C, e o mais frio (julho) 8,9°C. Entretanto, a média das mínimas diárias, durante o inverno, é inferior a 4°C, descendo a 1,8°C no solstício de julho. Também de abril a outubro já foram registradas temperaturas mínimas inferiores a 0°C, tendo caído a 7,2°C abaixo de zero em 14 de junho de 1948; verificam-se, em média, 46 dias de geada durante o ano.<sup>(18)</sup> Estas características do clima de Campos do Jordão, resguardadas as di-

---

(15) NIMER, Edmon. "Clima", em Região Sudeste, pág. 80.

(16) Idem. Idem, pág. 80.

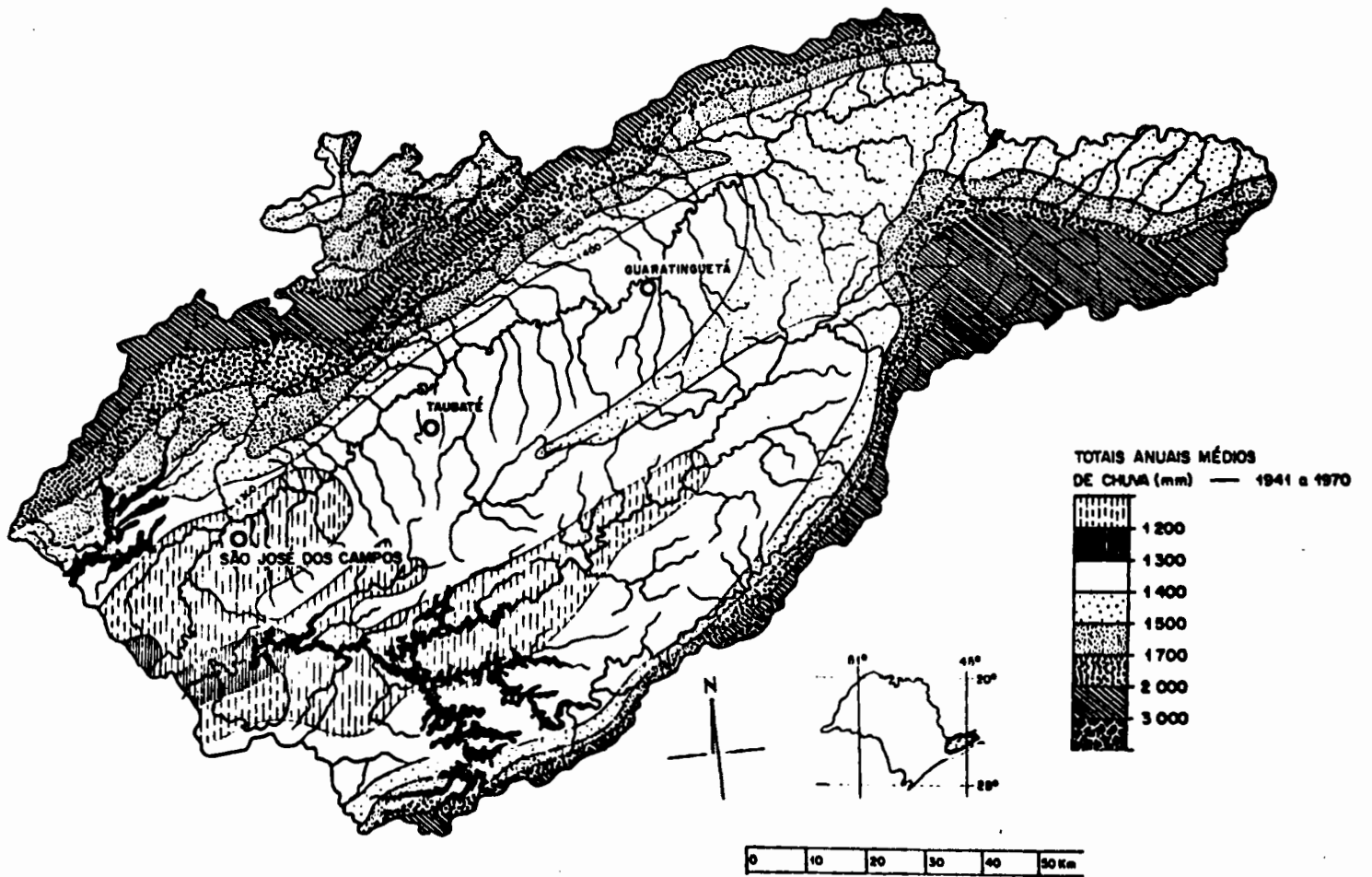
(17) Idem. Idem, pág. 80.

(18) Idem. Idem, pág. 80.



# VALE DO PARAÍBA

# PLUVIOMETRIA



TAKACO KONDO

DESENHO: M. P. HERVOLINO

Fonte: ADAPTADO DO ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 7

ferenças locais, impossíveis de serem analisadas em detalhes pela ausência de estudos específicos, podem ser estendidas a Lageado e Renópolis.

Nesses núcleos os efeitos climáticos interferem no preparo da terra, no plantio, desenvolvimento, colheita e até mesmo na comercialização dos produtos cultivados. Assim, o preparo da terra é feito, geralmente, no fim do inverno (agosto), ou seja, no fim da estação seca (abril a setembro); o plantio em setembro e a colheita ocorre de 3 a 4 meses após o plantio, em se tratando de culturas temporárias. Por outro lado, a própria comercialização é afetada principalmente pelas chuvas, quando o acesso às áreas de produção torna-se precário e mesmo, em alguns casos, impraticável.

No caso das culturas permanentes, entre as quais se destacam as frutas e os "cymbidiuns", verifica-se que, no primeiro caso, a produtividade, no que se refere a qualidade e quantidade, está relacionada, principalmente, à temperatura, umidade, frequência e intensidade dos ventos, luminosidade, insolação e às chuvas. Também, a ocorrência da geada, que é muito frequente em Lageado e Renópolis, interfere na produtividade, não só das culturas permanentes, como também nas temporárias; o mesmo fenômeno deve ser levado em consideração também na cultura de flores e plantas ornamentais.

Em virtude dos excessos climáticos e da ausência de condições adequadas ao cultivo de certas espécies, os sítios japoneses estabelecidos nessa região, utilizam-se de técnicas como a da estufa. É o que acontece por exemplo com a cultura do "cymbidium". Originária do continente asiático, onde se desenvolve em temperaturas inferiores a 15°C, esta espécie suporta quedas térmicas muito acentuadas (-0°C), embora ressinta-se desse fato. Assim, em Renópolis, área também sujeita a geadas, o "cymbidium", que aqui no Brasil floresce exatamente durante o inverno, é cul

tivado em estufas. Este fato garante não só maior produção mas também exemplares perfeitos, caracterizados pela profusão e pela beleza das flores.

Estas implicações climáticas na produtividade local, das quais o "cymbidium" é apenas um exemplo, serão tratadas em maiores detalhes no capítulo referente às técnicas agrícolas e à comercialização.

Percebe-se assim que Lageado e Renópolis constituem uma pequenina parcela da Serra da Mantiqueira e consequentemente são dotados de características naturais semelhantes. Por outro lado, as características naturais desses núcleos, que serão abordadas em todas as oportunidades que surgirem no decorrer deste trabalho, interferiram e ainda interferem na ocupação do espaço geográfico e na vida dos sitiantes japoneses estabelecidos em Lageado e Renópolis.

3. A ocupação do espaço e a evolução das  
atividades agrárias em Lageado e Renópolis

3.1. Os núcleos e suas origens

3.2. Ocupação do espaço e malha fundiária

3.1. Os núcleos e suas origens - Na década de 1930, todo o interior do Estado de São Paulo passava por radicais transformações na paisagem rural, frente às dificuldades inerentes à agricultura em consequência das sucessivas crises com que, desde o início do século, se defrontavam os cafeicultores paulistas. A eclosão da crise econômica mundial de 1929-1930 refletiu-se, também, em toda a organização do espaço paulista afetando inclusive, e desastrosamente, a lavoura cafeeira. Os cafeicultores abandonaram suas plantações, provocando um êxodo rural nunca antes constatado, o que contribuiu para desestruturar a economia monocultora do café e desorganizar os latifúndios. Em decorrência dessa situação, o cenário rural do Estado de São Paulo sofreu visíveis transformações: a mão-de-obra agrícola procurou novas alternativas para sobreviver e a corrente migratória, que então se deslocava no âmbito rural passou a procurar os centros urbanos ou a sua periferia.

A cidade de São Paulo que, já naquela época, era um grande centro promissor devido à riqueza acumulada com o café e pela crescente industrialização, foi, sem dúvida, um chamariz que atraiu as populações rurais falidas que ali foram tentar novas atividades visando a sobrevivência. Outro aspecto que deve ser lembrado é que, nessa ocasião (1930), São Paulo era um grande mercado consumidor, o que contribuiu para estimular a agricultura de abastecimento, isto é, aquela "voltada para a produção de víveres destinados a uma localidade ou região".<sup>(19)</sup> Assim, estabeleceu-se ao redor da capital paulista uma área de cultivo cuja produção estava, basicamente, destinada à comercialização e que foi impulsionada por imigrantes euro-asiáticos e seus descendentes ali radicados.

Dentre os imigrantes agricultores que se fixaram

---

(19) QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Sitiantes ligados à agricultura comercial", em Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 1, 1968, pág. 29.

na periferia de São Paulo, além dos italianos, alemães e portugueses, entre outros, merecem destaque os japoneses, graças à capacidade de trabalho, assim como pela dedicação, esforço e perseverança para atingir seus objetivos. Além disso, os japoneses e seus descendentes associam a estas qualidades, os conhecimentos técnicos que lhes foram legados por tradição milenar na arte de cultivar o solo, uma vez que seus antepassados, no Japão, sempre foram obrigados a extrair o máximo de rendimento das pequenas parcelas do território que ocupavam.

Entretanto, além de se estabelecerem na periferia da capital paulista, os japoneses se adaptaram, também, como pequenos sitiantes em outras áreas do próprio Estado de São Paulo e no Paraná e na Amazônia. Desta forma, foram instaladas várias colônias de imigrantes japoneses sendo que a primeira delas foi o núcleo colonial "Monção", situado nas proximidades da Estação de Cerqueira César da Estrada de Ferro Sorocabana, que se formou em 1911, três anos após o início da colonização japonesa para o Brasil.<sup>(20)</sup>

Depois dessa época, outros japoneses procedentes de diversas províncias radicaram-se em diferentes regiões do Estado de São Paulo e destas foram se deslocando à medida que a crise cafeeira atingia as áreas onde estavam fixados. Em alguns casos, como ocorreu em Bastos (Estado de São Paulo) onde o café foi substituído pelo algodão,<sup>(21)</sup> os imigrantes adaptaram-se ao cultivo de novos produtos ou mudaram de atividade.

A exemplo do que ocorreu no mundo inteiro, também os japoneses aqui radicados sofreram os efeitos da crise econômica de 1929-30, pois esse fato contribuiu para agra -

---

(20) ANDO, Zempati. "Pioneirismo e Cooperativismo", pág. 17.

(21) SALGADO, Fernando Carlos Fonseca. "As Colônias Bastos e Pedrinhas", pág. 54.

var o desinteresse dos cafeicultores que, em alguns casos, chegaram até mesmo a abandonar por completo suas propriedades agrícolas. Assim, os japoneses, que constituíam significativa parcela da mão-de-obra ocupada nas fazendas cafeeiras, foram obrigados a partir em busca de novas formas de sobrevivência retirando-se da zona rural onde trabalhavam, na maioria das vezes como assalariados, ou no sistema de "meia" e "terça", ou como arrendatários de pequenas glebas de terra, a exemplo do que observou BERNARDES<sup>(22)</sup> para o Brasil. Aos pequenos sitiantes, não restou outra alternativa senão a de procurar novas opções. Uma delas foi, justamente, a de fixarem-se na periferia na cidade de São Paulo ou em municípios vizinhos vindo a constituir o chamado "cinturão verde", área de produção horti-fruti-granjeira, visando o abastecimento das áreas urbanas. Outra alternativa foi a de procurar novas regiões onde as condições naturais, tais como o clima e o tipo de solo, pudessem fornecer produtos de entre-safra, ou seja, fora da estação normal de colheita, obtendo assim maiores lucros na comercialização. Outro aspecto de grande importância na escolha das áreas onde os japoneses deveriam se fixar foi aquele relativo à proximidade de centros de consumo e às facilidades de escoamento da produção por meio de um bom sistema viário. Foi, portanto, com base nessa segunda alternativa de fixação que dezenas de famílias de sitiantes japoneses se estabeleceram em Lageado e Renópolis, na Serra da Mantiqueira paulista. Como afirma MÜLLER, foi o lavrador japonês que, "por assim dizer, descobriu a região, percebendo que seu clima permitia cultivar plantas que teriam sua safra em época diferente das demais regiões produtoras, encontrando porisso o mercado em situação favorável."<sup>(23)</sup>

---

(22) BERNARDES, Nilo. "Características gerais da agricultura brasileira no século XX". em Revista Brasileira de Geografia, ano XXIII, nº 2, 1961, pág. 376.

(23) MÜLLER, Nice Lecocq. "Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo", pág. 44.

Assim, as condições climáticas e pedológicas dessa parcela da Mantiqueira paulista, já detalhadas no Capítulo 2, associadas à facilidade de escoamento da produção através da ferrovia que liga a serra ao Vale do Paraíba, foram fatores determinantes para que os japoneses escolhessem essa área e nela se estabelecessem dando origem a uma nova forma de ocupação do espaço em Lageado (Campos do Jordão) e Renópolis (Santo Antonio do Pinhal).

Considerando-se as condições do relevo onde se instalaram esses aglomerados, a Estrada de Ferro Campos do Jordão destaca-se como um dos mais importantes fatores na ocupação do espaço em Lageado e Renópolis. A construção dessa ferrovia, cujas composições são popularmente conhecidas por "bondinhos", surgiu em decorrência da procura de Campos do Jordão como estância climatérica e estação de saúde, particularmente recomendada para a cura de moléstias pulmonares. Assim, a estrada de ferro passou a ser o mais importante meio de acesso para os doentes que vinham dos mais distantes pontos do país.

Na segunda metade do século passado, Campos do Jordão já era procurada por suas excelentes condições climáticas surgindo daí a necessidade de ser criado um sistema regular de transportes. Foi, portanto, com esse objetivo que José Inácio dos Santos organizou a "Companhia de Transportes para Campos do Jordão" que, a princípio utilizou-se de cavalos e mulas e mais tarde de "liteiras" e "banguês".<sup>(24)</sup> Tal pretensão de acesso, todavia, só se concretizou depois de 5 de dezembro de 1876 quando foi inaugurada a Estrada de Ferro Rio de Janeiro-São Paulo que passava por Pindamonhangaba. Desta forma, a ligação do vale com a serra foi facilitada, principalmente depois que José Inácio dos Santos organizou um serviço de trole ("trolley") que apanhava, junto à Estação de Pindamonhangaba, os passageiros com destino à Vila Jaguaribe em Campos do Jordão.<sup>(25)</sup>

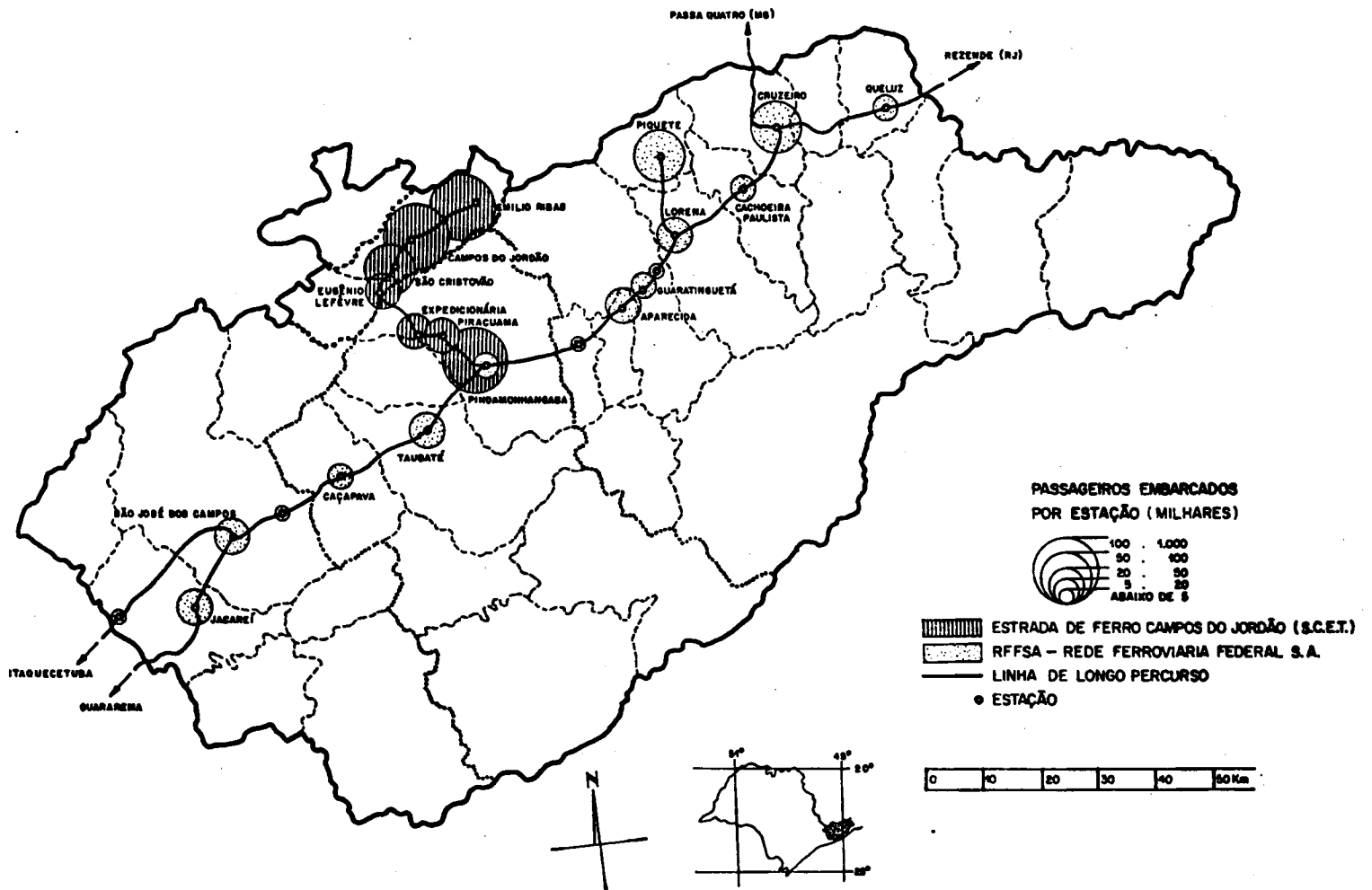
---

(24) ANDRADE, Condilac Chaves de. "Album - Almanaque Histórico de Campos do Jordão", 1948.

(25) ANDRADE, Condilac Chaves de. Obra citada.



# VALE DO PARAÍBA - REDE FERROVIÁRIA - 1975



TAKACO KONDO

DESENHO: M. P. IERVOLINO

Fonte: ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 8

É interessante observar que, nesses primeiros tempos, o trajeto percorrido era o mesmo da atual rodovia que liga Pindamonhangaba a Campos do Jordão. Deve ser assinalado ainda que as condições de tráfego eram difíceis porque esta única via de acesso, além de ser extremamente sinuosa, pois estava adaptada à topografia que caracteriza essa região, apresentava-se ora lamacenta, ora poeirenta conforme as condições do tempo.

O número cada vez maior de pessoas que procuravam esta estância, não só por questões de saúde mas, também, para turismo, mostrou a necessidade da construção de um ramal ferroviário que partindo de Pindamonhangaba atingisse Campos do Jordão. A partir do primeiro projeto (1892), que por motivos ignorados não se concretizou, seguiram-se outros e só em 1914 a ferrovia foi oficialmente inaugurada; dez anos depois (1924) foi eletrificada, estado em que se apresenta até hoje.

A construção e o funcionamento sistemático da Estrada de Ferro Campos do Jordão desempenhou importante papel na ocupação de significativa parcela de terras ao longo dessa ferrovia, principalmente daquela que se estende desde a localidade de Renópolis até o Alto Lageado onde se fixaram os sitiantes japoneses. ( MAPA 8).

A "colônia" Renópolis vinculou-se, diretamente, à Estação Eugênio Lefèvre, situada a 1 162 m de altitude e à distância de 28 quilômetros de Pindamonhangaba. Por sua vez, Lageado desenvolveu-se em torno da Estação do Alto Lageado, localizada a 1 743 m de altitude e a 37 quilômetros de Pindamonhangaba. Posteriormente, em virtude do crescimento da produção agrícola nos dois núcleos, foi criada a Parada Renópolis que muito beneficiou os sitiantes locais. Em 1948, CONDILAC<sup>(26)</sup> destacou entre as principais localidades servidas pela Estrada de Ferro Campos do Jordão, as

---

(26) ANDRADE, Condilac Chaves de. Obra citada, pág. 20.

PRINCIPAIS LOCALIDADES SERVIDAS PELA ESTRADA DE FERRO  
CAMPOS DO JORDÃO EM 1948

ESTAÇÕES	ALTITUDE em m	DISTÂNCIA em km
Pindamonhangaba	552	0
Bom Sucesso	553	13
Piracuama	604	20
Eugênio Lefèvre	1 162	28
Alto Lageado	1 743	37
Campos do Jordão	1 593	43

TABELA 1

estações Eugênio Lefèvre e Alto Lageado o que confirma que ainda nessa época a ferrovia exercia importante papel aglutinador. ( TABELA 1).

Contudo, a todos estes aspectos relacionados às origens de Lageado e Renópolis, devem ser acrescentados os resultados da análise da procedência dos chefes-de-família ali residentes, que revelou outros fatores que contribuíram para explicar a fixação de alguns japoneses nessa área.

O levantamento realizado junto aos dezoito chefes de-família radicados em Lageado e Renópolis mostra que houve maior afluência no período de 1936 a 1943. Segundo informações de antigos moradores, a região do planalto de Campos do Jordão teria acolhido na década de 1940-50 mais de 100 famílias, todas interessadas no cultivo da cenoura que, posteriormente, diversificou-se para a policultura. Esse fato pode ser comprovado pela existência de três cooperativas agrícolas que atuavam nessa área: Cooperativa Agrícola de Cotia,<sup>(27)</sup> Cooperativa Agrícola Mista de Campos do Jordão e Cooperativa Agrícola de Campos do Jordão,<sup>(28)</sup> número que revela uma relativa produção local naquela época.

O exame da tabela referente à procedência dos chefes-de-família residentes em Lageado e Renópolis nos períodos de 1973-1974 e 1978-1979 revelou uma grande diversidade entre os dois núcleos no que se refere ao local de origem e ao ano de fixação dos mesmos. Observa-se, assim, que apenas no ano de 1939 ocorre uma coincidência na chegada de chefes-de-família em Lageado e Renópolis, fato que não mais se verifica até 1974, ano em que chegou a última família. Já no que diz respeito ao local de procedência verifica-se que das seis famílias radicadas em Lageado no ano de

---

(27) ANDO, Zempati. Obra citada, pág. 87.

(28) SEABRA, Manoel Gonçalves. "As cooperativas mistas do Estado de São Paulo", pág. 65.

PROCEDÊNCIA DOS CHEFES DE FAMÍLIAS ESTABELECIDOS EM LAGEADO  
E EM RENÓPOLIS (1930-1974)

LAGEADO		
ANO DE FIXAÇÃO	PROCEDÊNCIA	ESTADO
1939	Bastos - Estação Yakuri	SP
1940	Bastos - Colônia União 1	SP
1940	Bastos - Colônia União 2	SP
1943	São Paulo - Vila Clementino	SP
1943	São Paulo - Liberdade	SP
1960	São Paulo - Liberdade	SP
RENÓPOLIS		
ANO DE FIXAÇÃO	PROCEDÊNCIA	ESTADO
1930	Piratinga (Fazenda Laranja Azêda)	SP
1933	Araraquara	SP
1936	Bilac (Noroeste)	SP
1936	Promissão	SP
1939	Promissão	SP
1939	Bastos - Colônia União I	SP
1941	Paulista (Alta Sorocabana)	SP
1946	Piquerobi (Alta Sorocabana)	SP
1948	São Paulo - Freguesia do Ó	SP
1950	Tomé-Açu (Região Guajarina)	PA
1969	Guararema	SP
1974	Oshe-Nakagun	Hibara-Ken (Japão)

1974, três procediam de Bastos, embora de núcleos diversos (Estação Yakuri, Colônia União I e Colônia União II) e as restantes de bairros paulistanos (Liberdade e Vila Clementino). Por outro lado, em Renópolis observa-se que, exceto o caso de chefe-de-família proveniente do Japão (Oshe-Nagakum. Hibara-Ken) e outro que veio do Pará (região Jaguarina), todos os outros vieram do próprio Estado de São Paulo e, entre estes, observa-se apenas uma coincidência (Promissão). Verifica-se, entretanto, uma coincidência na análise de Lageado e Renópolis quando comparados entre si: trata-se de chefes-de-família procedentes de Bastos que vieram para esta região da Mantiqueira entre 1939 e 1940. Esse fato está ligado às notícias do "boom" da cultura da cenoura, que então se processava em Lageado e Renópolis, que se propagaram pelo interior de São Paulo, atingindo Bastos. Esse produto, além de verduras, frutas e ovos, devia fazer parte do cardápio de todos quantos estivessem enfermos e internados nos hospitais e sanatórios de Campos do Jordão. Esta era a recomendação dos facultativos que lá clinicavam. Uma campanha bem conduzida pelos órgãos governamentais do Estado de São Paulo, quanto a boa alimentação, o repouso absoluto em clima saudável, "frio e seco" de Campos do Jordão na recuperação dos tuberculosos, fez com que até mesmo os hábitos alimentares dos brasileiros de São Paulo, Rio de Janeiro e outros centros fossem alterados. A repercussão de que se devia consumir mais cenouras, legumes, hortaliças, frutas e ovos, fez com que esses dois núcleos produzissem maiores quantidades a fim de abastecer os mercados consumidores. ( TABELA 2 ).

Além disso, sabe-se por meio de informações das famílias mais antigas de Lageado e Renópolis, que no local de procedência, os nipônicos não podiam escolher o produto a ser cultivado pois estavam subordinados às determinações dos proprietários de terras, para os quais trabalhavam como assalariados ou no sistema de "meia" ou de "terça", considerações que podem justificar, também, a chegada de elementos de outras áreas do próprio Estado de São Paulo.

As razões que explicam o interesse desses chefes-de-família pela região de Campos do Jordão e que concorreram para que eles se fixassem em Lageado e Renópolis foram diversas. A principal delas, apontada pela maioria, diz respeito às condições naturais propícias à cultura da cenoura que despontava como a coqueluche da época. Outra razão assinalada refere-se às perseguições políticas, fato circunscrito ao período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando muitos dos japoneses residentes no Brasil, sentindo dificuldades em se integrar nas comunidades onde viviam, retiraram-se para áreas onde poderiam estar livres desse tipo de pressão. Foi o que aconteceu, também, com dois chefes-de-famílias de Lageado e Renópolis que ali chegaram na década de 40. Além disso, outra razão que motivou a chegada de chefes-de-família nessa região (duas em Lageado e três em Renópolis) refere-se às questões de saúde, uma vez que entre os japoneses era frequente o deslocamento de toda a família para as proximidades de Campos do Jordão quando um de seus membros ficava internado no sanatório. Era comum, também, que essa família permanecesse, definitivamente na serra, mesmo após o restabelecimento do enfermo. Deve ser assinalado ainda, que o casamento com pessoa do local justifica dois casos, ambos em Renópolis. O primeiro corresponde a um jovem bolsista japonês que estagiando na Cooperativa Agrícola de Cotia (sede de Pindamonhangaba), casou-se com uma "nissei" da colônia; o segundo caso, entretanto, está vinculado a uma tradição japonesa - o "miai", segundo a qual o matrimônio é arranjado por um casamenteiro, que, geralmente, é o líder local ou um elemento bem relacionado na comunidade. (TABELA 3).

Verifica-se assim, que a fixação de japoneses em Lageado e Renópolis está ligada, não só às condições naturais propícias à agricultura mas, também, a outros fatores relacionados com saúde (33,33% em Lageado e 25% em Renópolis), com perseguições políticas (16,67% e 8,33% respectivamente) e, apenas em Lageado (16,67%) com o matrimônio.

Todavia, entre todas as razões que justificam a

## RAZÕES DO INTERESSE PELA REGIÃO DE CAMPOS DO JORDÃO (1979)

RAZÕES	LAGEADO		RENÓPOLIS	
	Nº	%	Nº	%
.Perseguições políticas	1	16.67	1	8.33
.Condições naturais propícias à agricultura	3	50.00	6	50.00
.Tratamento de saúde	2	33.33	3	25.00
.Casamento	-	-	2	16.67
TOTAL DE FAMÍLIAS	6	100	12	100

TABELA 3



fixação de japoneses em Lageado e Renópolis destacam-se as condições naturais, sobretudo aqueles aspectos relacionados à fertilidade dos solos de aluvião dos vales e daqueles existentes nas encostas e às qualidades do clima que tornaram possível o cultivo e a colheita de produtos de entre-safra. O clima, principalmente, desempenhou papel relevante na fixação do elemento japonês nessa área pois, não só garantiu a já referida produção de entre-safra destinada a atender mercados consumidores exigentes mas, também, foi um atrativo capaz de assegurar pelas suas qualidades terapêuticas a presença de um contingente demográfico capaz de consumir uma parte do que ali se produzia.

Da mesma forma, a Estrada de Ferro Campos do Jordão, facilitando o escoamento dos produtos para mercados consumidores, relativamente próximos como é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro, além daqueles representados pelo próprio Vale do Paraíba e pelos consumidores locais, onde se destacavam os sanatórios e os hotéis, muito contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e para a fixação dos sítiantes japoneses nesta parcela da Serra da Mantiqueira. Estas considerações confirmam que a população consumidora intervém na Geografia Agrária, na medida em que dela depende a procura de produtos agrícolas. <sup>(29)</sup>

---

(29) DERRUAU, Max. "Geografia Humana", Volume I, pág. 297.

3.2. Ocupação do espaço e malha fundiária - A ocupação feita por sitiantes japoneses em Lageado e Renópolis caracterizou-se por uma certa homogeneidade nas atividades agrícolas ali desenvolvidas, embora Lageado apresente maior limitação espacial, em consequência do modelado topográfico, cujas encostas apresentam-se mais íngremes. Todavia, Renópolis, localizado no vale do Córrego do Barreiro, dispõe de melhores condições topográficas, apresentando áreas mais amplas e encostas de declividade menos acentuada.

Outras diferenças ainda podem ser observadas entre Lageado e Renópolis quando comparados a outras "colônias" de japoneses. Em Registro, por exemplo, pesquisas realizadas por MULLER<sup>(30)</sup> e PETRONE<sup>(31)</sup> mostraram que a cultura do chá desenvolveu-se em zonas de colinas, de altitudes modestas, numa área de clima quente e úmido. Não é o que se verifica em Lageado e Renópolis onde há uma certa semelhança na técnica de cultivo através do sistema de "jardinagem", contrapõe-se uma grande diferença no que se refere às condições climáticas e ao relevo que caracterizam esta parcela da Serra da Mantiqueira. Nesse aspecto, Lageado e Renópolis podem mesmo ser considerados como uma exceção no quadro da colonização japonesa, uma vez que não existem referências sobre a instalação de outros elementos desse grupo étnico em áreas serranas.

Os agricultores japoneses que, a partir de 1930, se fixaram em Lageado e Renópolis possuíam o necessário conhecimento técnico adquirido através do convívio familiar, que lhes permitia extrair o máximo de rendimento de suas terras. Além disso, uma vez estabelecidos, passaram a contar com a assistência de cooperativas agrícolas e, também, estavam habituados a se valer da orientação de engenheiros agrônomos. Desta forma, tiveram condições de fomentar nes-

---

(30) MULLER, Nice Lecocq. Obra citada.

(31) PETRONE, Pasquale. "A Baixada do Ribeira"

sa área o cultivo de diversos produtos.

A princípio voltaram-se, basicamente, para a produção de cenouras em escala comercial. Posteriormente, entretanto, em razão de diversos fatores, entre os quais a concorrência de novas áreas altamente mecanizadas estabelecidas em outras regiões do Estado de São Paulo, mais extensas e de topografia mais plana e, também, em virtude da queda de preços que acompanhou o excesso de produção, a agricultura nos vales do Lageado e do Barreiro foi se voltando para uma horticultura mais diversificada: legumes e hortaliças.

Entretanto, surgiram novos problemas que acabaram provocando o desequilíbrio agrícola dessa região. Entre eles, o desgaste do solo provocado pela erosão em virtude das condições topográficas dominantes nas médias encostas bem como a escassez e o custo da mão-de-obra motivados pelo deslocamento da força de trabalho para as indústrias estabelecidas no Vale do Paraíba. Assim, as culturas temporárias foram sendo substituídas por outras permanentes, que não exigiam mão-de-obra tão numerosa, como a do pêssego, da pera-d'água, da maçã, constituindo-se esta fase num novo aspecto da agricultura voltada para o abastecimento de áreas urbanas.

Verifica-se, assim, que desde as origens até a fase atual o uso do solo em Lageado e Renópolis passou por sucessivas transformações, não só em virtude de fatores ligados às condições naturais mas, também, em decorrência de outros externos que, embora ligados a uma mesma forma de ocupação (a agricultura), interferiram na organização do espaço.

Deve ser ressaltado, todavia, que ao lado das condições naturais, outros fatores contribuíram para que a ocupação do espaço fosse feita tal como se deu. É o caso da construção da Estrada de Ferro que visando o transporte de enfermos até Campos do Jordão acabou por estimular a produ

ção agrícola de Lageado e Renópolis. Assim, torna-se importante frisar a repercussão econômica, social e política desta ferrovia, não só para Campos do Jordão mas, também, para toda a região, inclusive para Lageado e Renópolis.

A influência desta estrada estendia-se desde São Bento do Sapucaí, no Sul de Minas, áreas de excelentes produções de café, fumo, arroz, cereais, além de gado vacum e suíno, que chegavam a Campos do Jordão e daí destinavam-se a Pindamonhangaba para serem despachadas na Central com destino a São Paulo e Rio de Janeiro.

Do ponto de vista econômico, a construção dessa estrada possibilitou o desenvolvimento de novas áreas produtoras, garantindo e assegurando um regular sistema de transporte; deu fortalecimento e continuidade aos que já atuavam na área; garantindo transporte contínuo e regular, valorizou as áreas ao longo de seu percurso pela crescente procura de terras para cultivo, como aconteceu com a região de Renópolis e Lageado, áreas dantes virgens, recobertas de uma exuberante vegetação natural que se transformaram numa paisagem agrícola, ordenada e organizada.

Do ponto de vista social e de assistência previdenciária, Campos do Jordão passou por transformações radicais; tendo como objetivo inicial o acesso à "Cordilheira da Saúde"<sup>(32)</sup> substituem os "banguês" e as "liteiras", humanizando mais o sistema de transporte dos tuberculosos que vinham de todas as partes do país e, além disso, contribuiu para a implantação de uma infra-estrutura urbana e sanatorial capaz de atender a um contingente populacional que aumentava dia a dia.

Segundo informações obtidas em entrevistas feitas junto às famílias mais antigas em Campos do Jordão, os doentes que chegavam à cidade alojavam-se em casas de famí-

---

(32) FERRAZ, Mario de Sampaio. "Campos do Jordão", pág. 7.

lia e pensões; só posteriormente, a Interventoria Federal de São Paulo, através do Decreto-Lei nº 11 850, determinou que fosse instalada uma zona sanatorial. A zona urbana de Campos do Jordão, no Vale do Capivari, apresentava-se distribuída em zonas turística, comercial e sanatorial. Essas três zonas faziam conexão através da Avenida de Ligação por meio da qual passava a estrada de ferro, sendo que a equidistância entre as estações era de 2 km.<sup>(33)</sup>

Uma vez definida a zona sanatorial, foram surgindo edificações próprias para o alojamento de doentes, surgindo os Sanatorinhos S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>, Santos, Santa Cruz, Sírio, São Francisco Xavier (ex-Dojinkai), Divina Providência, Preventório Santa Clara, São Paulo, São Cristovam, São Vicente de Paula, Ebenezer, Liga Brasileira de Assistência, Assistência Evangélica (estas quatro últimas localizadas fora da zona urbana).

Graças à delimitação da zona urbana de Campos do Jordão, em que os doentes ficavam confinados em zonas específicas, o "bondinho" trouxe em consequência, o desenvolvimento turístico.

O preconceito, no caso contra os doentes, é um aspecto psico-social incômodo, mas nem por isso menos importante e menos fácil de abordar; entretanto, nas várias entrevistas constatou-se a preocupação de muitas pessoas frias que tinham fixado residência em Campos do Jordão não por questões de saúde, mas por outros motivos.

Evidentemente, a delimitação da zona turística possibilitou um outro fluxo populacional para Campos do Jordão. Com a construção da Estrada de Ferro Campos do Jordão Pindamonhangaba, a zona turística formada pelas Vilas Jaguaribe e Emílio Ribas (atual Bairro do Capivari) foi se delineando e hotéis de categoria (como o Toriba, Grande Ho

---

(33) Idem. Idem.

tel, Vila Inglesa) foram surgindo, juntamente com centenas de luxuosas residências de todos os estilos, extrapolando por todas as direções.

Atualmente a zona comercial é constituída pela Vila Abernêssia, onde está quase a totalidade dos estabelecimentos além da Igreja Matriz, Santa Casa (Hospital Dr. Adhemar de Barros) e repartições públicas.

Estas considerações acerca das transformações por que vem passando Campos do Jordão só interessam, todavia, na medida em que evidenciam a importância da construção da ferrovia na ocupação de significativa parcela ao longo desse eixo ferroviário, ou seja, daquela área que se estende desde a localidade de Renópolis, situada em Santo Antonio do Pinhal até o Alto Lageado, no município de Campos do Jordão.

Assim o surgimento da "colônia" Renópolis e a expansão da ocupação dessa área através de estabelecimentos agrícolas distribuídos ao longo do eixo ferroviário que ocuparam, também, o vale do Lageado foi, portanto, uma consequência da construção dessa estrada, que introduziu transformações no espaço físico, econômico e social da região.

Além disso, o acesso a Campos do Jordão, do Vale do Paraíba ao alto da Mantiqueira, que passou a ser feito de maneira mais rápida e confortável, propiciou a humanização no transporte de doentes e contribuiu para aumentar o número daqueles que procuram esta área para o lazer e para o descanso. Por outro lado, este contingente populacional representava a garantia de um mercado consumidor para os produtos cultivados em Lageado e Renópolis.

Assim, a organização da malha fundiária em Lageado e Renópolis, processou-se ao longo do eixo da Estrada de Ferro Campos do Jordão, acompanhando os vales do Córrego do Barreiro e dos Ribeirões do Lageado e dos Melos. As propriedades adquiridas pelos japoneses ao espólio

da Fazenda Gavião Gonzaga e de outros sitiantes locais, dispuseram-se transversalmente ao eixo da ferrovia, procurando cada qual se estabelecer onde as condições naturais fossem mais favoráveis às atividades agrícolas e tivesse boas aguadas. Nos dois casos, não houve um planejamento prévio na organização da malha fundiária, o que significa que a ocupação se processou espontaneamente tendo, porém, como principal eixo de penetração a ferrovia, que orientou todo o processo de povoamento.

Pesquisas efetuadas por MÜLLER<sup>(34)</sup> no norte do Estado do Paraná, evidenciam o exemplo de loteamento de bairro rural, onde a organização da malha fundiária resulta de planejamento pré-determinado. Exemplo inverso a este foi registrado por PETRONE<sup>(35)</sup> na várzea do Açu. Outro caso em que a ocupação se deu espontaneamente ocorreu no vale do Ribeirão Ferraz, pesquisado por FERNANDEZ<sup>(36)</sup> que assinala: "com efeito, a disposição das propriedades, paralelas entre si e alinhadas ao longo de um eixo fluvial, assegura uma certa homogeneidade de condições para todas e, principalmente, a testada para a aguada indispensável a um estabelecimento agrícola; um único caminho, paralelo ao eixo fluvial, serve a todas, constituindo-se também, em elo de união entre as propriedades; evitam-se, também, as grandes distâncias entre as mesmas".<sup>(37)</sup>

Paralelamente ao eixo ferroviário foi construída a estrada municipal que em 1973-1974 apresentava-se apenas cascalhada; posteriormente este acesso foi incorporado ao

(34) MÜLLER, Nice Lecocq. "Contribuição ao estudo do Norte do Paraná", em Boletim Paulista de Geografia, nº 22, Março, 1956, pág. 55-97.

(35) PETRONE, Pasquale. "A várzea do Açu", em Anais da Associação Brasileira de Geografia, nº 2, avulso, São Paulo, 1961.

(36) FERNANDES, Liliana Laganã. "O bairro rural dos Pires", pág. 38.

(37) Idem. Idem. pág. 38.





Fotos 8-9. Circulação em Lageado e Renópolis. Na foto superior, observa-se a sinuosidade dos caminhos, perfeitamente adaptados às condições morfológicas. Assim, também, o relevo contribui para que o "habitat" que se apresente disperso nesta área. Na foto inferior, a mesma adaptação à morfologia local pode ser percebida na disposição dos caminhos estabelecidos no relevo acidentado da "colônia" Renópolis. Pode-se observar ainda, em primeiro plano, sulcos provocados pelo pisoteio do gado e o uso do solo que foi feito em diferentes níveis. (Fotos da Autora)





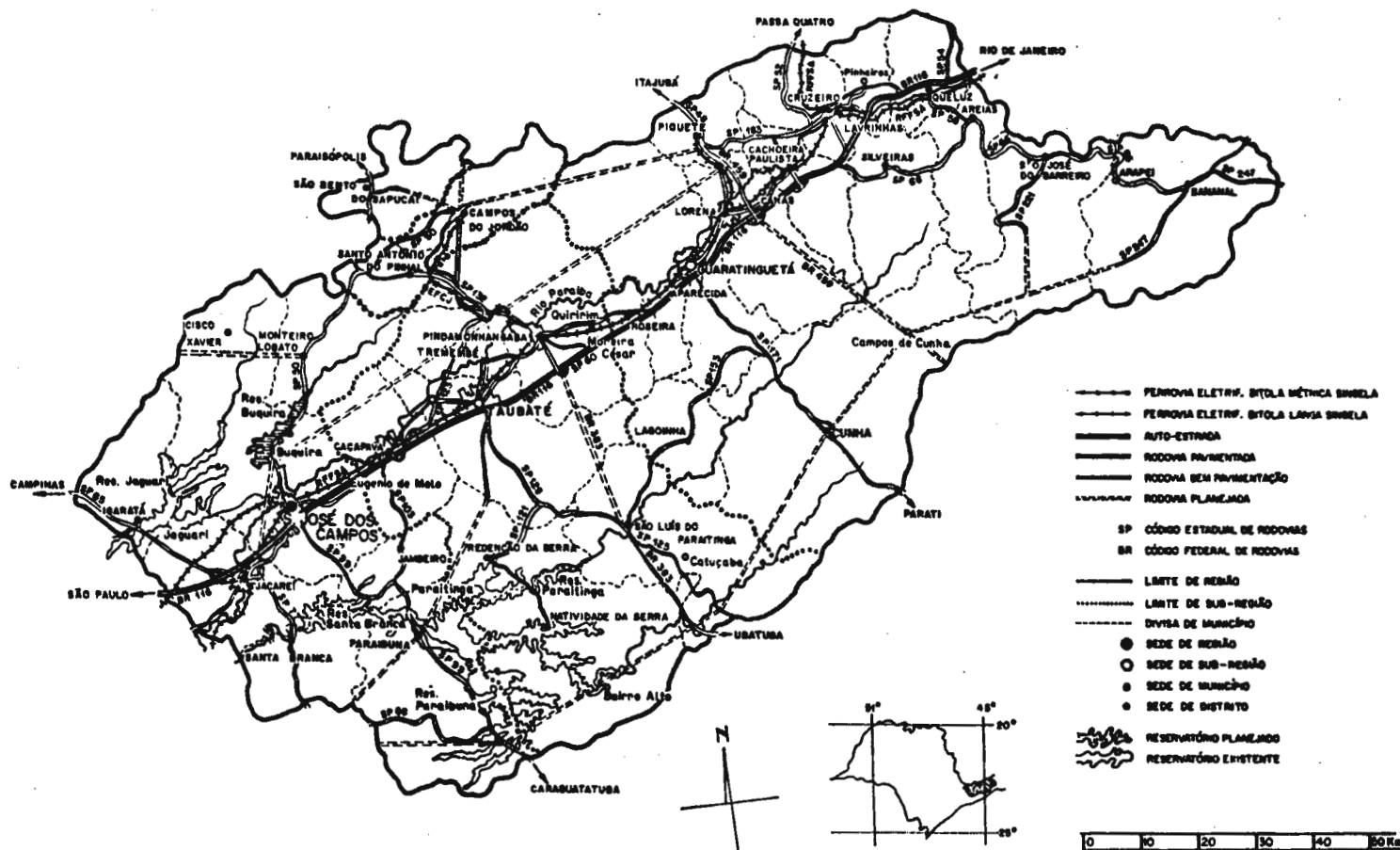
Foto 10. Circulação em Lageado. Detalhe do relevo montanhoso, em cujas encostas íngremes se estabeleceram os caminhos através dos quais a produção é transportada até a via principal e desta, aos mercados consumidores. (Foto da Autora)

projeto rodoviário de ligação entre a Via Dutra, no Vale do Paraíba (através de Quiririm, no Estado de São Paulo, e Itajubá, no Estado de Minas Gerais), via Campos do Jordão. Atualmente, constitui uma das mais belas rodovias já construída no Estado de São Paulo, dentro dos preceitos de segurança exigidos pela engenharia rodoviária. Entretanto, por muito tempo, até o asfaltamento dessa rodovia no trecho correspondente a Santo Antonio do Pinhal-Campos do Jordão, a conservação era feita no sistema de mutirão pelos sítiantes de Lageado e Renópolis, pois além da ferrovia, os japoneses utilizavam-se dessa e de outras vias secundárias como meio de escoamento de seus produtos agrícolas que eram transportados dos locais de plantio para as estações e paradas da estrada de ferro. (MAPA 9).

A necessidade de escoamento da produção implicou na presença de caminhos possíveis de serem transitáveis por veículos. A disposição da rede de circulação em Lageado e Renópolis revela claramente a influência da ferrovia para a fixação desses sítiantes e, por outro lado, está perfeitamente adaptada às condições morfológicas da área. Além disso, em todas as propriedades observa-se a existência de caminhos, na maioria das vezes carroçáveis, que, ligando as propriedades às vias secundárias, têm por fim facilitar o acesso, encurtar as distâncias e, conseqüentemente, objetiva colocar a produção. Entretanto, apesar da disponibilidade de vias e caminhos interligando todas as propriedades, nem sempre o trânsito de veículos pesados pode ser realizado sem maiores dificuldades. Assim, para resolver o problema de transporte das mercadorias das áreas de colheita até os caminhões, é comum a utilização de uma carreta que é atrelada ao trator e que vence a sinuosidade dos caminhos, minorando as dificuldades representadas pelo modelado montanhoso. ( FOTOS 8 a 10).

É interessante destacar que, diversamente do que se observa em outras áreas colonizadas por elementos não-japoneses, como é o caso do Bairro dos Pires colonizado

# VALE DO PARAÍBA - REDE VIÁRIA - 1975



TAKAO KONDO

DESENHO: M. P. MERVILHO

Fonte: ADAPTADO DO ATLAS REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

MAPA 9

por alemães, onde a sub-divisão hereditária implicou no contínuo retalhamento das propriedades,<sup>(38)</sup> em Lageado e Renópolis manteve-se a tradição, comumente observada em famílias japonesas mais antigas; segundo essa tradição, cabia ao filho primogênito os bens materiais, isto é, a propriedade e a casa que nela estivesse. Assim, enquanto ao filho mais velho estava destinado seguir as tradições familiares e dar continuidade ao trabalho do pai e, conseqüentemente herdar os direitos e deveres, aos demais era dada maior liberdade para estudar ou praticar a atividade que lhes aproovessem. Essa tradição japonesa só não foi constatada num único caso em que houve a partilha da propriedade em partes iguais entre os herdeiros.

Assim, as transformações por que passou a malha fundiária inicial estão ligadas a aquisição de novas propriedades e a vendas de glebas de terras, sendo que o tamanho das propriedades, em razão da já citada tradição japonesa, não sofreu o retalhamento comumente observado em outras áreas.

A estrutura física do espaço de Lageado e Renópolis revela assim, um conjunto de pequenas propriedades que, acompanhando os vales do ribeirão Lageado e do córrego do Barreiro, se estendem desde a estação Gavião Gonzaga, localizada no Alto Lageado, a 1 700 m de altitude, até as cercanias da estação de Eugênio Lefèvre, situada a 1 200 m de altitude.

Analisando-se a organização das propriedades que compõem estes aglomerados em função dos caminhos, observa-se que, tanto em Lageado como em Renópolis, ocorrem formas irregulares ou desorganizadas derivadas, portanto, de ocupação espontânea em região de relevo montanhoso, como é o caso desta porção da Mantiqueira paulista.

---

(38) Idem. Idem, pág. 40.



Foto 11. Ocupação humana no vale do ribeirão Lageado. Aspecto da ocupação humana na meia encosta do vale do Lageado. A exiguidade do espaço, delimitado pela declividade acentuada dos terrenos, impede o aproveitamento agrícola do solo em toda a sua extensão. (Foto da Autora)



Fotos 12-13. Ocupação humana no vale do ribeirão dos Melos. Na foto superior, aspecto do "habitat" rural disperso, caracterizado pela presença de unidades habitacionais isoladas, dispostas em meio a áreas de cultivo. Na foto inferior, a ocupação humana que, em virtude do relevo, foi feita em diferentes níveis topográficos. Ao fundo, a sede de propriedade, pertencente a um sitiante japonês que de cultivador de cenouras passou a horticultor, fruticultor sendo, atualmente, o maior produtor brasileiro de gerânios. (Fotos da Autora)





Foto 14. O "habitat" rural em Renópolis. Ocupação em fundo de vale, observando-se a habitação rústica do "camarada", elemento nacional que constitui a mão-de-obra das propriedades de sitiantes japoneses. (Foto da Autora)

Assim, também, certas diferenças morfológicas dos sítios do Lageado e de Renópolis explicam a disposição de diversas habitações nos dois casos. ( FOTOS 11 a 14).

Os sitiantees japoneses de Lageado construíram suas habitações, geralmente nas altas encostas ou divisores d'água, em consequência de uma topografia muito mais acidentada do que em Renópolis, pois os vales fechados dos ribeirões (Lageado e dos Melos) dificultaram a ocupação humana e o aproveitamento agrícola destas áreas. Em Renópolis, entretanto, foram observadas algumas habitações em meias encostas e, também, em fundos de vale.

De um modo geral, as propriedades rurais de Lageado e Renópolis nunca ultrapassam 13 km além do perímetro urbano. A análise da distribuição das propriedades em relação ao perímetro urbano, mostra que as de Renópolis estão mais próximas de Santo Antonio do Pinhal do que as de Lageado estão de Campos do Jordão. Assim, também, em Renópolis as propriedades estão mais agrupadas do que em Lageado. Observa-se ainda que a distância média das propriedades de Lageado em relação a Campos do Jordão é de 10 km, enquanto que as de Renópolis estão a uma distância média de 6,2 km de Santo Antonio do Pinhal. ( TABELA 4. FIGURA 2).

Assim, o "habitat" rural nos dois núcleos, disperso em virtude das condições morfológicas da área, caracteriza-se pela presença de unidades isoladas, localizadas em diferentes níveis topográficos, nunca acima de 1 750 ou abaixo de 1 250 m de altitude. Esse conjunto, representado pela casa e anexos, como galpões, depósitos, oficinas e garagens constitui o êmbolo central da propriedade rural. Por outro lado, a existência ou não de oficinas e garagens reflete, geralmente, o poder aquisitivo dos sitiantees locais.

Em Renópolis as casas-sede de propriedades estão situadas a uma regular distância das vias de acesso, porém nunca a mais de 1 km. O mesmo não ocorre em Lageado, onde a maioria das sedes de propriedades, embora relativamente



LAGEADO E RENÓPOLIS  
DISTÂNCIAS DAS PROPRIEDADES EM RELAÇÃO AO PERÍMETRO URBANO

Lageado - Campos do Jordão		Renópolis - Santo Antonio do Pinhal	
DISTÂNCIA em km	NÚMERO DE PROPRIEDADES	DISTÂNCIA em km	NÚMERO DE PROPRIEDADES
7	1	3,5	2
8,5	1	4	3
9	1	4,5	1
11	1	7	2
11,5	1	8	3
13	1	13	1
TOTAL DE PROPRIEDADES	6	-	12

TABELA 4

LAGEADO E RENÓPOLIS  
 DISTÂNCIAS DAS PROPRIEDADES EM RELAÇÃO AO PERÍMETRO URBANO  
 (1979)

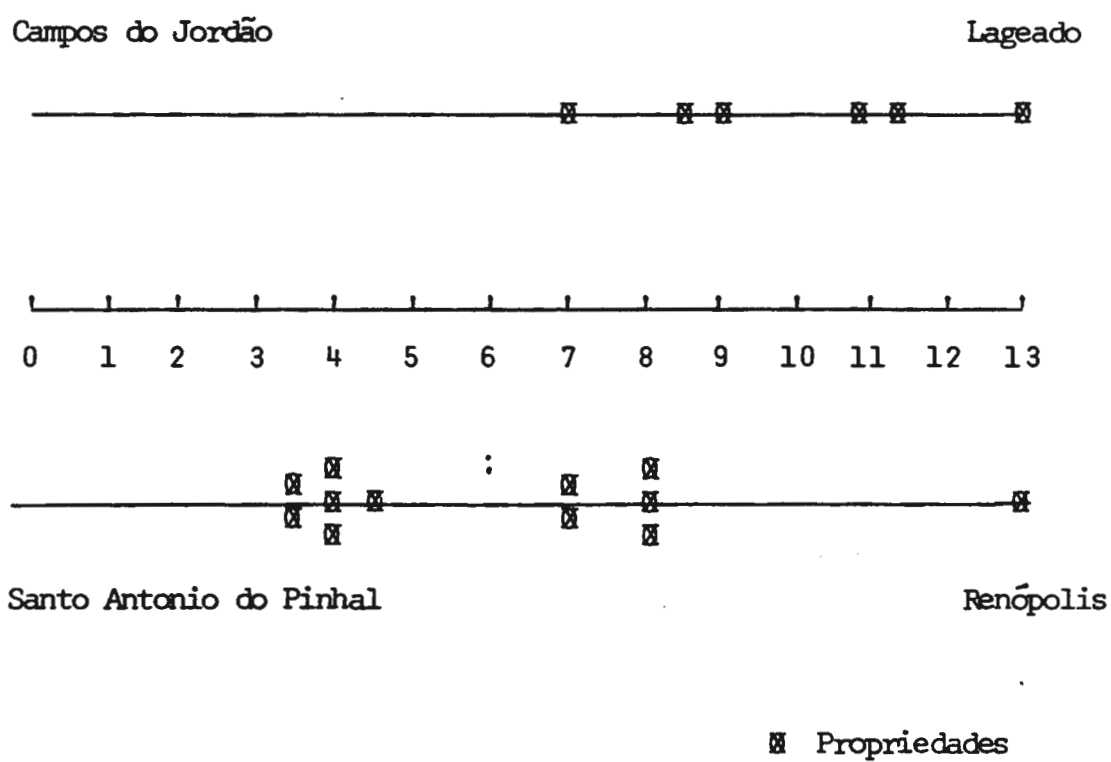


FIGURA 2



Fotos 15-16. Tipos de habitações no vale dos Melos e em Renópolis. Na foto superior, aspecto externo da casa de um sitiante japonês. Construída de alvenaria, esta habitação revela o nível de conforto comumente observado entre os nipônicos que vivem nesta área. Na foto inferior, a moradia de um "camarada" que contrasta com o padrão acima observado. O aspecto externo da casa barreada revela, claramente, diferenças sócio-econômicas existentes entre elementos brasileiros e japoneses fixados em Renópolis. (Fotos da Autora)



Foto 17. O "habitat" rural em Renópolis. Conjunto de anexos de construção mista (alvenaria e madeira) destinados à depósito de mercadorias, implementos agrícolas, adubos e fertilizantes situado nas cercâneas da sede de propriedade. Construções remanescentes do período de cultivo de legumes e hortaliças e posteriormente de frutas, numa área onde hoje se cultiva apenas o "cymbidium". (Foto da Autora)

próximas das estradas e caminhos, são menos acessíveis, em consequência de uma topografia mais acentuada do que em Renópolis fato que determina longos percursos que chegam a até 7 km. ( FOTOS 15-16).

Verifica-se, contudo, que embora o "habitat" seja disperso e as habitações isoladas, isto não limita a vida comunitária, uma vez que existem interesses comuns como a cooperativa agrícola, a escola e a associação japonesa.

A análise de casas-sede de propriedades existentes em Lageado e Renópolis, confrontadas às de sítiantes nacionais dessa área da Mantiqueira, reflete diferenças de técnica e uma organização sócio-econômica que só podem ser explicadas pelo nível cultural e pela tradição nipônica.

A casa rural do sítiante japonês reflete, em primeiro lugar, o padrão econômico, social e cultural de cada proprietário, embora ocorram diferenças de um para outro agricultor. Em todas as casas constatou-se, porém, um elemento comum representado pela solidez das construções em contraste com a precariedade com que estes sítiantes estavam instalados nos primeiros tempos, o que indica, sem dúvida, uma melhoria do padrão de vida, traduzido no maior conforto que hoje se verifica. ( FOTO 17).

Em Lageado é comum a presença de habitações com amplas dependências, equipadas com eletro-domésticos, televisão a cores, luz e mesmo telefone. O mesmo se observa em Renópolis. Contudo, a tradição cultural japonesa já não transparece no aspecto exterior das residências, nem mesmo num único caso de abastado sítiante que construiu à frente da casa, que tem traços ocidentais, um jardim onde a disposição das pedras, o lago com carpas multicoloridas, os regatos, cascatinhas e a escolha das espécies de plantas refletem o gosto japonês. É interessante destacar o hábito que os japoneses têm de manter em sua casa um pequeno jardim, por menor que seja, fato que não se verifica na ocupação cabocla.

Em Lageado e Renópolis não foram observadas casas assobradadas com aspecto de pagode como aquelas assinaladas por MULLER em Registro, no Estado de São Paulo,<sup>(39)</sup> sendo generalizado o tipo de habitação de alvenaria semelhante à dos brasileiros, embora o nível econômico seja superior.

É frequente, entretanto, em Lageado e Renópolis, a existência de uma sala de visitas decorada à moda japonesa, onde a arte floral (Ikebana) e uma decoração particular, que pode ser um quadro, um objeto de arte ou mesmo um dito filosófico preso à parede, constituem uma nota marcante, um traço remanescente da cultura japonesa. Além disso, deve ser observado que em todas as famílias existe uma preocupação em manter na residência um pequeno altar onde são cultuados os antepassados, aspecto que será visto em detalhe no Capítulo 4.

---

(39) MULLER, Nice Lecocq. "Sítios e sítiantes do Estado de São Paulo", pág. 153.

#### 4. Os sitiantes japoneses de Lageado e Renópolis

4.1. Organização social do pequeno proprietário

4.2. Atividades agrícolas e comercialização

4.1. Organização social do pequeno proprietário - Os siti-antes de Lageado e Renópolis, nos primeiros anos de ocupação das terras ao longo da ferrovia, eram todos arrendatários e a área cultivada por uma família, geralmente composta por quatro a seis pessoas, não ultrapassava dois ou três alqueires.

Segundo informações de um dos mais antigos sitiantes, o sistema de arrendamento que predominava na época baseava-se no contrato verbal, pagando-se por ano, na moeda vigente (réis) e não como era usual entre os caboclos, no sistema de "meia" ou de "terça". Só no decênio seguinte, com a valorização gradativa das terras, é que o arrendamento passou a ser feito por escrituras.

A prática da lavoura desenvolvida na área serrana antes da chegada dos primeiros japoneses, era feita segundo a forma usual entre os autóctones, ou seja, uma vez realizada a coivara (queimada), faziam o plantio em pequenas covas abertas sem aração, sem nenhuma organização ou alinhamento. De início, também os japoneses praticaram a coivara porém, antes de proceder a semeadura, eles cavoucavam ou aravam a terra. Para espanto dos sitiantes nacionais, os japoneses introduziram novas técnicas e instrumentos agrícolas, deram início ao emprego de fertilizantes, fungicidas, adubos químicos e orgânicos que passaram a ser empregados para aumentar a produtividade agrícola. Consequentemente, o aumento da safra ocasionou problemas relacionados com o transporte, escoamento da produção, dificuldades em conseguir mão-de-obra, controle de venda de produtos e necessidade de serem tomadas medidas de caráter coletivo. Surgiram assim algumas organizações de natureza comunitária, objetivando a solução desses problemas.

Todavia, antes da abordagem do processo de organização comunitária, deve ser considerada a estrutura familiar do sitiante japonês, uma vez que esse aspecto, como ponto de partida que é da organização social, explica o funcionamento das associações que se formaram em Lageado e Re



nópolis.

Assim, analisando-se a estrutura familiar do imigrante japonês, notam-se dois aspectos "sui-generis" que não ocorreram com grupos imigrantes de outras nacionalidades: a família pequena e a chamada família "composta".<sup>(40)</sup>

Segundo dados organizados por ROKURO KOYAMA, a média de pessoas por família nos primeiros anos do processo imigratório (1908-1912) era de 4,0 pessoas. No período de 1917 a 1920 a média de pessoas por família passou para 4,8, sendo que nesse período entraram no Brasil 3 413 famílias, num total de 12 997 pessoas.<sup>(41)</sup> (TABELA 5).

Em relação ao Estado de São Paulo, em 1938 a média foi de 5,8 pessoas, conforme os dados coletados por SHUNGORO WAKO<sup>(42)</sup> que constatou 11 576 famílias totalizando 68 332 pessoas, residentes no Noroeste e Alta Paulista. Em 1952, em pesquisa efetuada nos Estados de São Paulo e Paraná, para 255 famílias-amostras, a média foi de 5,8 pessoas.<sup>(43)</sup>

Conclui-se portanto, conforme esses dados, que o volume médio da família de imigrantes japoneses cresceu de 4,0 pessoas, em 1912, para 7,7 pessoas em 1952.

As famílias que compunham as primeiras levas de imigrantes japoneses eram constituídas de poucas pessoas, devido às restrições impostas pelo governo paulista que sub

(40) SAITO, Hiroshi. "A família do imigrante japonês para o Brasil", em Sociologia, Vol. XXII, nº 1, 1960, pág.16.

(41) Apud. SAITO, Hiroshi. Idem, pág. 16.

(42) WAKO, Shungoro. "Bauru Kan-nai no Hojin (Japoneses Residentes na Circunscrição de Bauru)". São Paulo, 1939, pág. 14.

(43) SAITO, Hiroshi e IZUMI, Seiichi. "Pesquisa sobre a Acul turação dos Japoneses no Brasil", em Sociologia, Vol. XV, nº 3, 1953, pág. 207.

## IMIGRANTES JAPONESES CHEGADOS AO BRASIL (1908-1912)

ANO	NAVIO	Nº DE FAMILIAS	HOMENS	MULHERES	TOTAL	MÉDIA
1908	Kasado	168	593	186	779	4,6
1910	Ryojun	247	518	391	909	3,7
1912	Itu Kusima	367	?	?	1 432	3,9
1912	Kanagawa	357	?	?	1 419	3,9
TOTAL OU MÉDIA		1 139	-	-	4 539	4,0

apud Hiroshi Saito - "O Cooperativismo e a Comunidade", pág. 48.

TABELA 5

sidiava as companhias de imigração. Essa restrição limitava a idade para 12 a 40 anos, o que dificultava o processo imigratório, pois, geralmente, o casal jovem não tinha filhos com mais de 12 anos. Inversamente, se os filhos fossem maiores, o casal não se enquadraria na idade-limite, pois estaria acima dos 40 anos e no caso de casal com muitos filhos, a família não disporia de meios suficientes para custear a viagem. Surge assim a família "composta", recurso adotado para atender as exigências legais e a necessidade de reduzir os custos de viagem.

Algumas modalidades dessa prática consistiam no seguinte: casal jovem, com um ou dois filhos, "adotava" uma moça ou um jovem, parente ou não; casal com muitos filhos, deixava os menores com os avós ou outros parentes e viajava só com os maiores de 12 anos; casos extremos em que um dos cônjuges se casava formalmente com outra pessoa para compor uma família de pessoas aptas para o trabalho.

A família "composta" vigorou até por volta de 1924, quando o governo japonês passou a subsidiar as passagens marítimas para o Brasil. Entretanto, os reflexos desse tipo de organização refletiram-se na maioria dos núcleos de japoneses e o termo passou a ser usual para designar a família que contasse com algum elemento de fora, com ou sem vínculo de parentesco.

Outra tendência muito frequente, observada na estrutura familiar japonesa, que foi se diluindo com o passar do tempo, é a relação endogâmica. Durante muito tempo prevaleceram essas tendências endogâmicas, por meio de casamentos, aglutinações de famílias originárias de mesma província, de costumes idênticos ou de igual dialeto. A maioria das primeiras famílias que se fixaram na colônia de Moinho Velho (Cotia) eram da província de Kochi, enquanto que os de Santo Amaro eram procedentes de Okinawa.

A estrutura familiar dos japoneses de Lageado e Renópolis manteve os mesmos padrões observados na maioria

das colônias nipônicas, isto é, famílias numerosas, em que os filhos constituíam o grosso da mão-de-obra; famílias em que os membros gravitavam ao redor da figura paterna, que era a autoridade máxima; famílias onde a mãe, aparentemente subalterna, era solicitada a se manifestar nas decisões finais. Além disso deve ser lembrado que a escola bi-língua estava sempre presente no processo educativo e era mantida pela comunidade. As crianças frequentavam a escola japonesa paralelamente à escola brasileira, enquanto os adultos aprendiam a língua portuguesa à noite. (FOTOS 18-19).

Segundo dados levantados em 1966<sup>(44)</sup> viviam em Renópolis oito famílias de japoneses, perfazendo 63 pessoas, sendo 30 do sexo masculino e 33 do feminino. A distribuição da população por faixas de idade e por sexo mostra que existia maior concentração na faixa dos 10 a 20 anos, vindo a seguir as de 5 a 10 anos e de 20 a 30 anos, em proporções idênticas na distribuição. Menos da metade do total da população estava distribuída nas demais faixas. Na faixa de 10 a 20 anos ocorria um predomínio de moças em relação aos rapazes, diminuindo na faixa seguinte, provavelmente, em consequência do casamento das moças; os rapazes continuavam a residir com a família, enquanto trabalhavam ou estudavam.

A mesma fonte indica oito pessoas, em média, por família, sendo que, pelo menos duas eram primos, tios ou sobrinhos. Esse fato contribuiu para identificar, em Renópolis, no ano de 1966, a presença de famílias chamadas "compostas".

Em pesquisa de campo efetuada em fins de 1973 e princípio de 1974, cerca de 12 famílias moravam em Renópolis e 6 em Lageado. Em relação a Renópolis houve um aumen-

---

(44) HORIGOSHI, Mitiko. "Os japoneses de Renópolis", em Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 1, 1ª série, março de 1968, págs. 191-193.



Fotos 18-19. O sitiante japonês em Lageado. Na foto superior, família de sitiantes japoneses, representada por avós e netos, que depois de ter passado pelas diferentes fases de cultivo agrícola, que marcaram a paisagem dessa área, dedicam-se hoje à produção de geléias. Na foto inferior, a instalação da indústria de geléias "Abbe", que absorvia grande parte do excedente da produção de Lageado e Renópolis. Atualmente, porém, a matéria-prima para a produção de geléias é adquirida no CEAGESP. (Fotos da Autora)

to de 4 famílias; infelizmente não existem dados que possam esclarecer esse acréscimo, o que talvez leve à hipótese de casamentos que deram origem a novas famílias.

Das 122 pessoas residentes em Renópolis, 29 são "camaradas", isto é, brasileiros assalariados, trabalhadores braçais que constituem a mão-de-obra fixa utilizada pelos sitiantes japoneses. Estes camaradas compõe 9 famílias sendo que 3 deles ainda são solteiros e 8 crianças tem idades inferiores a 10 anos.

A análise das pirâmides etárias<sup>(45)</sup> permite tecer algumas considerações acerca da estrutura da população que vive em Lageado e Renópolis. Verifica-se assim, que nos dois casos o número de elementos do sexo feminino é mais elevado, o que foge à regra geral do predomínio masculino nas zonas rurais. Tal fato pode estar ligado à saída de jovens do sexo masculino e, também, ao nascimento de um maior número de mulheres em certos períodos. (TABELA 6).

Observa-se ainda que, nos dois casos, o contorno da pirâmide é muito irregular, fungindo aos padrões normais o que revela, sem dúvida, saídas contínuas de indivíduos de diferentes idades, o que tem concorrido, inclusive, para o estrangulamento, e até mesmo inexistência, de algumas faixas etárias. Com referência a estes aspectos é interessante observar em Lageado a ausência da faixa de 31-40 anos, que denuncia saída de pessoas do sexo masculino e o alargamento da faixa de 11-20 anos, que corresponde, justamente, a indivíduos jovens que ainda vivem junto aos pais.

Já no que se refere à Renópolis, verifica-se o estreitamento das faixas a partir de 21 anos e não a partir da base, como normalmente acontece. Este fato pode ser ex-

---

(45) Na elaboração da Pirâmide de Idade de Renópolis, foram computadas apenas 78 pessoas (36 masculina e 42 feminina), pois 15 filhos de 2 famílias foram excluídas devido ausência de discriminação do sexo.

## LAGEADO E RENÓPOLIS

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO E FAIXAS DE IDADE (1979)

FAIXAS DE IDADE	LAGEADO			RENÓPOLIS		
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL
0 - 10	2	1	3	3	2	5
11 - 20	6	10	16	5	7	12
21 - 30	4	3	7	9	13	22
31 - 40	-	5	5	7	8	15
41 - 50	3	4	7	5	6	11
51 - 60	2	1	3	2	4	6
61 - 70	2	1	3	4	1	5
71 - 80	-	1	1	-	1	1
81 - 90	-	-	-	1	-	1
TOTAL	19	26	45	36	42	78

TABELA 6

COMPOSIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO DE RENÓPOLIS  
(números absolutos) — 1979

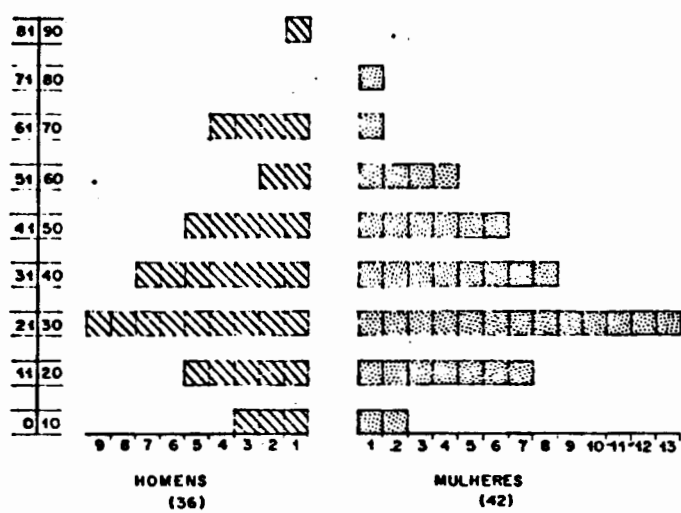


FIGURA 3



COMPOSIÇÃO ETÁRIA DA POPULAÇÃO DE LAGEADO  
(números absolutos) — 1979

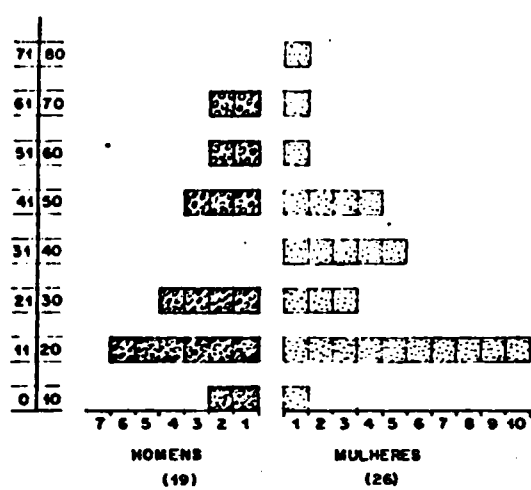


FIGURA 4

plicado pelo elevado número de indivíduos solteiros, já que não mais se verifica com tanta frequência o casamento arranjado e, também, pelo número de casais cujos filhos já se retiraram do local. (FIGURAS 3-4).

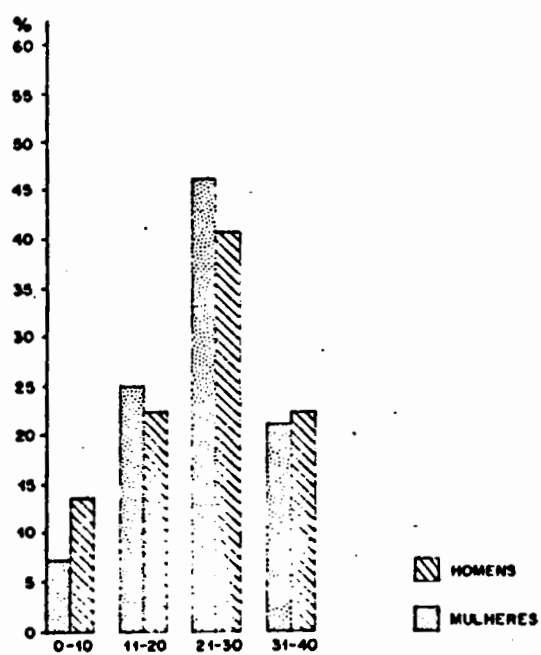
Nas 12 famílias residentes em Renópolis existem 40 descendentes, sendo 22 do sexo masculino e 28 do feminino, a maioria dos quais entre 21 e 30 anos. As 6 famílias residentes em Lageado têm 31 descendentes, a maioria entre 11 e 20 anos, sendo 13 homens e 19 mulheres.

Observa-se assim, que os descendentes de Renópolis (entre 21 e 30 anos) tendem a permanecer no local, uma vez que estão nele arraigados e ali desempenham atividades ligadas ao cultivo e à comercialização de flores e hortaliças. O mesmo não se verifica em relação a Lageado, onde a tendência parece ser a saída destes jovens de 11 a 20 anos para outras áreas, motivada pela falta de colocação na decadente agricultura local.

Estas considerações acerca da estrutura da população de Lageado e Renópolis revelam um decréscimo que nem sempre se verificou. Este fato apóia-se na constatação do significado da vida comunitária que se desenvolveu nesta área ocupada por sitiantes japoneses, cuja atuação maior coube, sem dúvida, à Associação Japonesa. ( FIGURAS 5-6).

No primeiro decênio de ocupação dos vales do Ribeirão do Lageado e do córrego do Barreiro, depois de vencidas as dificuldades iniciais relacionadas ao desmatamento, à aração do solo, ao preparo da terra para as primeiras semeaduras, à construção da habitação e dos anexos necessários, os sitiantes se defrontaram com outros problemas. Entre eles, destacavam-se aqueles ligados à busca de solução adequada para o transporte de sua produção, desde as áreas de cultivo até a Estrada de Ferro Campos do Jordão; à ausência de mão-de-obra que, principalmente por ocasião da colheita era, numericamente, insuficiente; elevação exces-

## DESCENDENTES (%) RENÓPOLIS

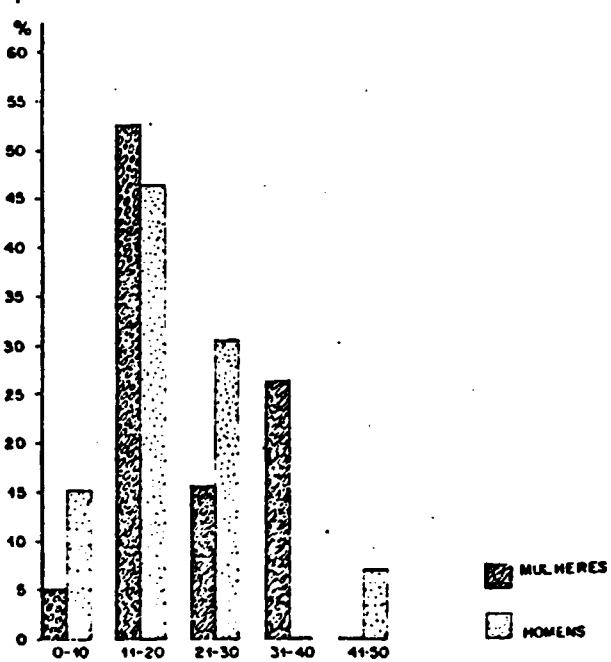


TAMAGO RORNO

DESENHO: H. P. KERVOLINO

FIGURA 5

## DESCENDENTES (%) LAGEADO



TAKACO FONDO

DESENHO: M. P. NEVOLINO

FIGURA 6

siva dos salários dos trabalhadores, ante a concorrência dos próprios sitiantees que, desta forma, procuravam resolver o problema da falta de elementos; à falta de escola, que estava contribuindo para que as crianças japonesas permanecessem analfabetas e, também, para que elas não assimilassem os costumes caboclos; era necessário, também, um local, comum a todos, para a realização de reuniões comerciais e para lazer.

Todavia, dois problemas urgentes reclamavam solução: um deles referia-se à eleição de alguns representantes que dominassem o idioma português para tratar de negócios junto aos brasileiros; o outro, também considerado prioritário, vinculava-se à fundação de uma escola japonesa, onde as crianças pudessem receber a necessária educação.

Para isso, foram organizadas as normas estatutárias e levantados os fundos necessários à construção da Associação Japonesa e, após muitos estudos e debates, definiu-se o local onde seria erigida a edificação. Embora os sitiantees de Lageado argumentassem sobre as vantagens de se construir a sede da Associação naquele local, alegando maior proximidade de Campos do Jordão, acabaram concordando com a instalação da mesma em Renópolis. Isto porque, considerando as condições topográficas, Renópolis estava melhor situada do que Lageado e, além disso, porque congregava um maior número de sitiantees e era de mais fácil acesso para outras famílias de Campos do Jordão, como aquelas que tinham suas propriedades ao longo da rodovia São José dos Campos-Campos do Jordão (núcleo da Fazenda Velha, núcleo do Zé Rosa, Bairro do Bau e outros). Estes últimos sitiantees para chegar a Renópolis utilizavam-se da estrada municipal que passava pelo perímetro urbano de Santo Antonio do Pinhal.

A sede da Associação Japonesa foi construída a meio caminho entre Renópolis e Santo Antonio do Pinhal, numa estrada secundária de fácil acesso e a uma distância in

ferior a um quilômetro de raio da maioria das propriedades. Sua construção foi feita no sistema de mutirão e em pouco tempo a associação passou a sediar as reuniões comerciais, feitas a cada quinze dias, ou mais frequentemente, conforme a urgência dos assuntos. A escola para o aprendizado da língua japonesa passou a funcionar numa das dependências dessa associação a quem competia contratar o professor, e assumir os encargos financeiros, como aqueles relacionados ao salário, à habitação e à alimentação. Tudo isso corria por conta dos fundos levantados entre os associados. (FOTO 20).

Nos fins de semana e feriados, as reuniões tinham caráter de lazer. Nestas ocasiões realizavam competições esportivas (judô, karatê, ping-pong), aulas de artes florais e trabalhos manuais para as moças, e de culinária e cerimônia do chá para as senhoras. Com a diversificação das funções na sede da Associação, foram criados órgãos específicos como "Seinen-Kai" (Associação de Moços), "Fujin-Kai" (Associação de Senhoras), "Kodomo-Kai" (Associação de Crianças), sendo que todos estes órgãos visavam sempre os interesses comunitários. Os representantes de cada um destes órgãos estavam subordinados à Diretoria da Associação e estes, por sua vez, eram eleitos periodicamente pela comunidade. A cada membro da diretoria competia solucionar problemas de determinados setores como o dos Transportes, além de estarem encarregados de contratar mão-de-obra e de efetuar a compra de sementes, adubos e equipamentos agrícolas, o que era feito em São Paulo.

As atividades da "Seinnen-Kai" (Associação de Moços) estavam baseadas no aprendizado das técnicas agrícolas; não chegava a ser uma escola, porém, procurava soluções para melhorar a produção de determinados cultivos, pesquisava os meios de combate às pragas, a maneira de diminuir os efeitos das geadas tão frequentes no inverno, e de evitar as doenças dos galináceos. Aos jovens cabia pesquisar em livros e revistas todas as informações referentes à terra e a sua exploração e, também, fazer experimentos e



Foto 20. Associação Japonesa de Renópolis. Sede da Associação, localizada na estrada municipal (cascalhada), a meio caminho entre Renópolis e Santo Antonio do Pinhal. Construção antes rústica, depois reformada para alvenaria, que até a metade da década de 60 foi o elo de ligação entre os sítiantes japoneses estabelecidos nessa área. Atualmente desativada, presta-se apenas a eventuais reuniões de jovens. (Foto da Autora)

acompanhar seu desenvolvimento. Muitas vezes ocorria sisão entre as tentativas dos jovens e as diretrizes da Associação a qual estavam subordinadas. Competia, ainda, à Associação de Moços, promover competições esportivas, desenvolver e cultivar o espírito comunitário. As festividades religiosas e folclóricas, quer nacionais ou japonesas, eram programadas por eles. Muitas festas de casamentos foram realizadas na Associação sob a sua orientação e com a participação das moças e rapazes da Seinnen-Kai.

Entretanto, nenhum dos órgãos específicos da Associação Japonesa tinha a importância do "Gako" (Escola). Funcionando nas dependências da Associação, a escola era mantida com a contribuição dos pais de alunos, contribuição essa que era proporcional ao número de filhos que frequentavam a escola.

A preocupação dos sitiantes japoneses em construir uma escola, apesar das dificuldades econômicas, deve se, provavelmente, à ação integradora desempenhada pela escola dentro das comunidades japonesas, ação essa comparável, por exemplo, à da igreja nas comunidades formadas pelos imigrantes ocidentais. A criação espontânea da escola, sem a necessária conexão com a ação governamental, trouxe uma situação embaraçosa para a maioria daquelas instaladas pelos japoneses antes de 1930, sendo que, durante o período de 1930-1940, o prédio onde estavam localizadas foram transformados em escolas públicas por força das leis de nacionalização do ensino<sup>(46)</sup> ou, simplesmente eram fechadas, como ocorreu em Taipas, Pirituba e outras localidades. A mesma situação registrou-se em Renópolis.

Apesar das dificuldades em manter a escola de Renópolis, os associados não poupavam esforços para proporcionar, ao lado do aprendizado da língua portuguesa, estu-

---

(46) SAITO, Hiroshi. "O Cooperativismo e a Comunidade", pág.



dos básicos de japonês que eles consideravam essenciais para uma educação plena. Com isso, visavam impedir o "acabamento" dos filhos sem deixar entretanto, de garantir-lhes, através dos estudos, a possibilidade de competir de igual para igual com os nacionais e desta forma, contribuir para integrá-los na comunidade brasileira. Assim, a escola foi, durante muito tempo, o polo aglutinador de famílias japonesas nesta área da Mantiqueira. Com referência a Lageado e Renópolis, embora não tenha sido possível obter informações acerca da fundação da Associação Japonesa no que se refere aos registros de matrículas na escola, verificou-se através de entrevistas que, com raríssimas exceções, todas as crianças frequentavam a escola japonesa de Renópolis ao mesmo tempo em que estudavam em escolas brasileiras de Santo Antonio do Pinhal ou de Campos do Jordão.

Atualmente, o prédio da antiga sede da Associação Japonesa já não exerce suas funções, embora tenha suas instalações ainda em bom estado e seja, esporadicamente, utilizada pelos jovens que ali se reúnem para o lazer. Hoje, a Associação Japonesa está instalada em Campos do Jordão e suas atividades apresentam características muito diferentes daquelas observadas na origem, pois não mais estão vinculadas às atividades agrícolas e à escola, mas às funções urbanas. Com o fechamento da escola, as crianças também não estudam o idioma japonês, sendo que apenas algumas recebem esses ensinamentos através dos pais e avós.

A diminuição de sítiantes em Lageado e Renópolis, provocou uma descaracterização nos dois núcleos considerando-se a fase inicial e o período áureo da produção agrícola. Por outro lado, esse fato está ligado, também, à maior integração na comunidade brasileira que implicou na menor influência dos costumes orientais observados no lar. Muitos jovens já não falam japonês com seus pais e a causa desse fato pode ser atribuída à penetração dos meios de comunicação, principalmente da televisão.

Entretanto, a preocupação dos sítiantes japoneses de Lageado e Renópolis com a educação de seus descendentes sempre foi constante; mesmo nas épocas de maior necessidade de mão-de-obra, ou seja, durante a colheita, as crianças sempre tiveram respeitados seus períodos letivos; ao contrário do que ocorre com os filhos de brasileiros que, frequentemente, não chegam a concluir o curso básico rural de três anos, solicitados que são pelos pais para trabalhar na roça e desta forma contribuir para aumentar a renda familiar. ( FIGURA 7. TABELA 7).

Os dados referentes à escolaridade dos descendentes de japoneses refletem a preocupação dos pais com a educação dos filhos. É o que se percebe pela análise porcentual da população estudantil de Lageado e Renópolis onde se verifica que os descendentes das 18 famílias residentes nessas localidades apresentam um bom nível de escolaridade. Assim, em Lageado, 40,63% dos jovens terminaram a 4a. série do 1º grau; 21,87%, a 8a. série do 1º grau; 25% concluiu o 2º grau e 12,50%, o curso superior. Em Renópolis, as porcentagens atingem, respectivamente, 34%, 22%, 22% e 22%. É interessante observar dois fatos: a ausência de analfabetos entre os jovens e também que, ao contrário do que normalmente acontece nas comunidades japonesas onde a educação da mulher está voltada para o lar, em Lageado e Renópolis os elementos do sexo feminino também foram estudar.

Assim, conclui-se que em Lageado e Renópolis a educação nunca foi preterida e nem mesmo as distâncias constituíram obstáculo para que os descendentes de japoneses renunciassem aos estudos. Para os jovens de Lageado, considerando-se os meios de transporte e não a distância em si, a escola mais acessível é a de Campos do Jordão. Por esse motivo, todos os jovens de Lageado que estudaram (28 pessoas), cursaram os 1º e 2º graus em Campos do Jordão, sendo que três jovens ainda cursam faculdade em Taubaté e um em São José dos Campos.

Em relação aos estudantes de Renópolis, verifica-

LAGEADO E RENÓPOLIS  
ESCOLARIDADE DOS DESCENDENTES DE JAPONESES (1979)

ESCOLARIDADE	L A G E A D O						R E N Ó P O L I S					
	HOMENS		MULHERES		TOTAL		HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1º Grau (1a. a 4a. Série)	7	21.88	6	18.75	13	40.63	7	14.00	10	20.00	17	34.00
1º Grau (5a. a 8a. Série)	2	6.25	5	15.62	7	21.87	5	10.00	6	12.00	11	22.00
2º Grau	3	9.38	5	15.62	8	25.00	4	8.00	7	14.00	11	22.00
3º Grau (Curso Superior)	1	3.12	3	9.38	4	12.50	6	12.00	5	10.00	11	22.00
TOTAL	13	40.63	19	59.37	32	100	22	44.00	28	56.00	50	100

TABELA 7

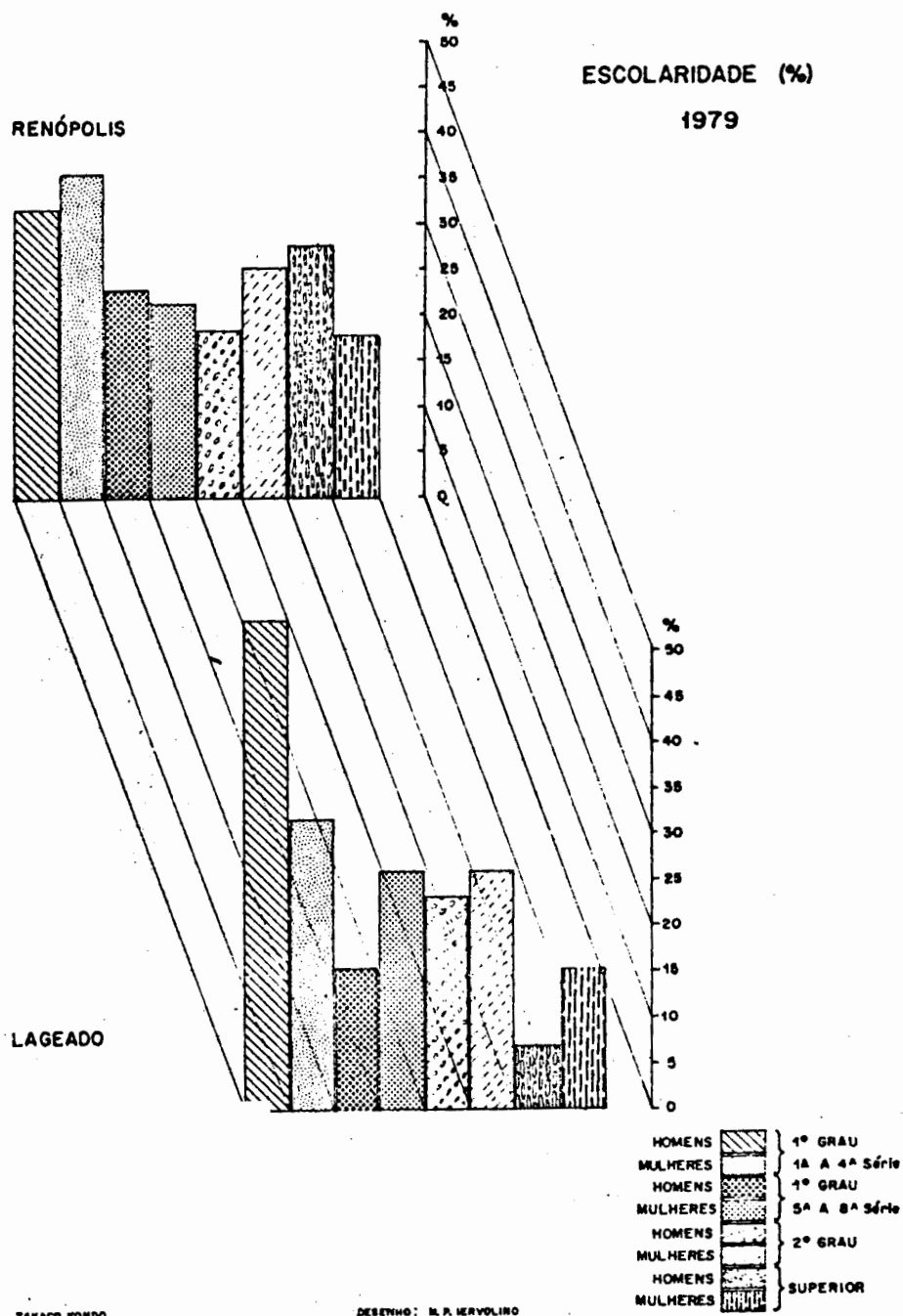


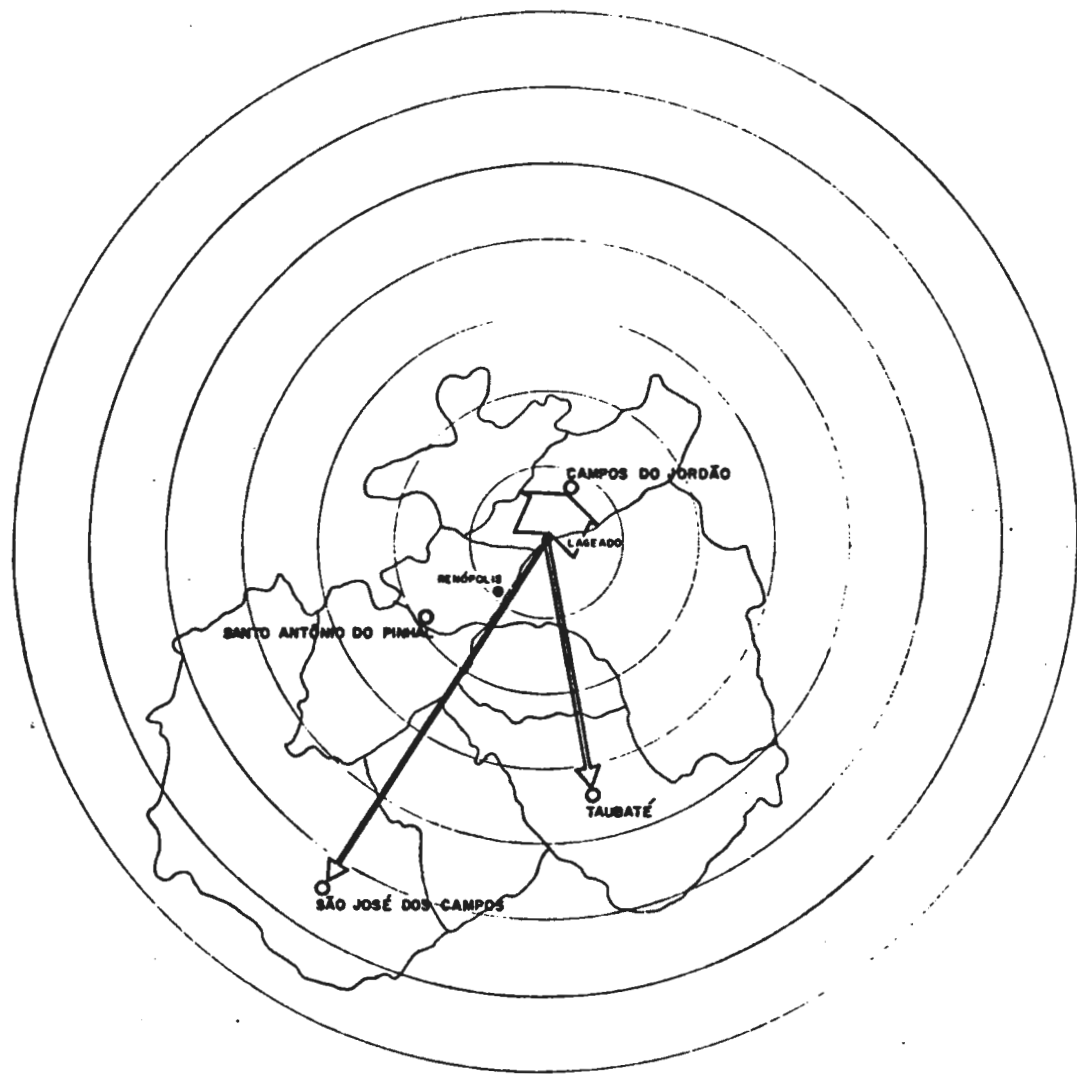
FIGURA 7

se que 17 elementos estudaram na escola localizada na sede do município; 20 foram para Campos do Jordão onde fizeram o 2º grau, pois até recentemente em Santo Antonio do Pinhal só havia 1º grau (1a. a 4a. série) e, além disso, era mais fácil seguir até Campos do Jordão através do "bondinho" da estrada de ferro do que ir a Santo Antonio do Pinhal vencendo distâncias de 5 km ou mais, e a pé; além disso, dois jovens foram estudar em Pindamonhangaba; outros em Taubaté (7), São José dos Campos (1) e em São Paulo (1) onde cursam faculdades.

Através de informantes locais verificou-se que os estudantes que se dirigem para Taubaté viajam diariamente, ao crepúsculo, depois das atividades normais, seguindo para o Vale do Paraíba e, ao final da última aula retornam à serra. Normalmente utilizam-se de uma perua "Kombi", sendo que os gastos com a manutenção e combustível são rateados entre os usuários. Até muito recentemente o retorno à serra, feito a noite, pela estrada sinuosa e apenas cascalhada, representava algum perigo. Entretanto, hoje, aqueles que estudam em Taubaté utilizam-se da nova rodovia SP-132 que, além de diminuir a distância, oferece maior segurança e rapidez. Os estudantes que procuram Pindamonhangaba para ali cursar o 2º grau, também viajam diariamente. Entretanto, aqueles que se dirigem para frequentar o curso superior em São Paulo e São José dos Campos normalmente passam os dias letivos nessas cidades retornando à Lageado e Renópolis apenas nos fins de semana e nas férias escolares.

Esta situação, que pode ser perfeitamente percebida através da análise dos fluxogramas, reflete não apenas a mobilidade estudantil mas, também, as pequenas possibilidades que a região oferece aos jovens desejosos de prosseguir seus estudos. Esse fato, que se observa entre os jovens descendentes de japoneses, já não é frequente entre os caboclos, o que talvez possa ser explicado pelo nível de aspiração superior de que são dotados os jovens "nisseis" e "sanseis". ( FIGURAS 8-9).

Fluxograma da população estudantil de LAGEADO – 1979

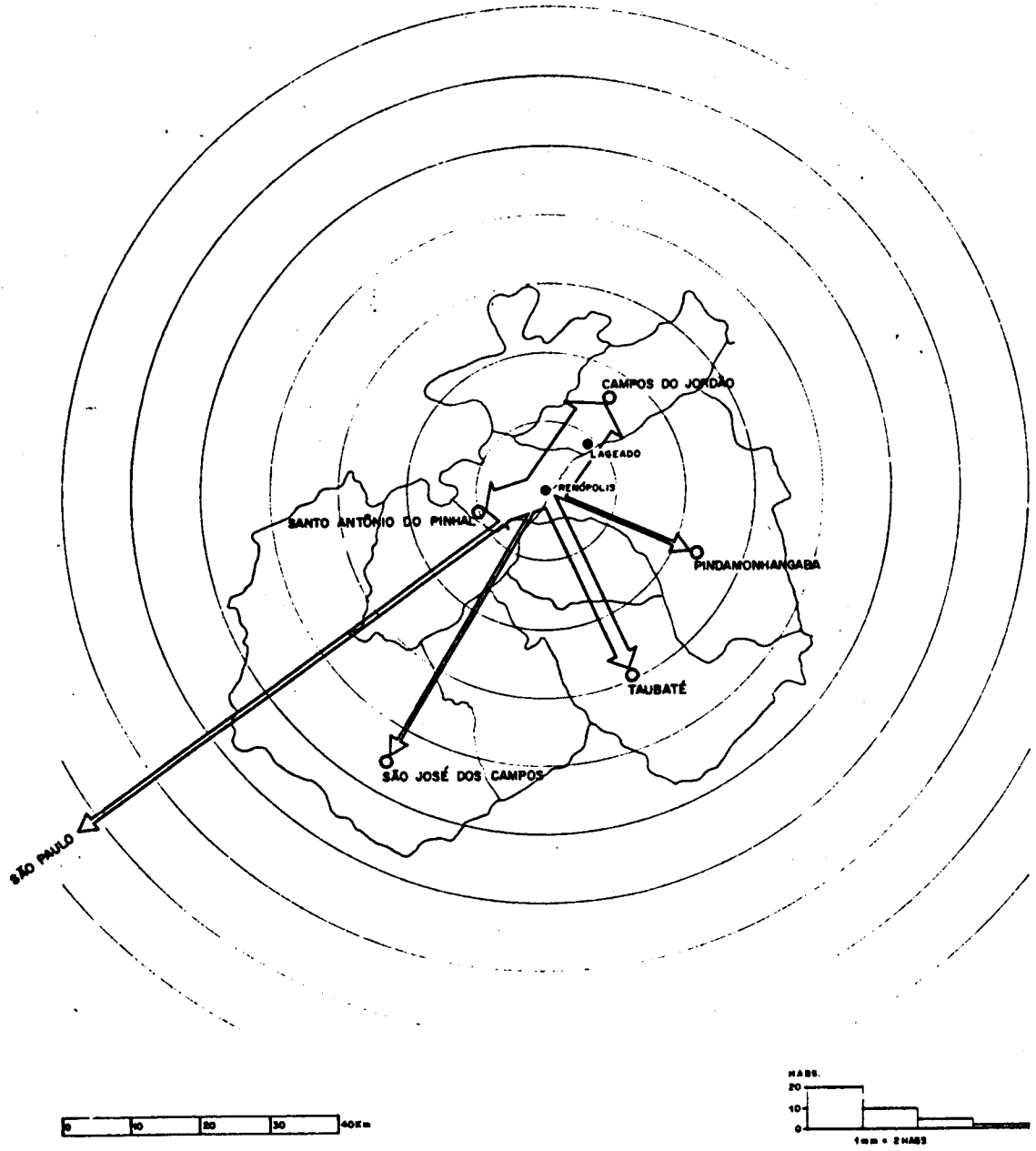


TAMANHO REDUZIDO

DESENHO: M. P. HERVOLINO

FIGURA 8

Fluxograma da população estudantil de RENÓPOLIS - 1979



TRABALHO DE GRADUAÇÃO

DESENHO: M. P. ERVOLINO

FIGURA 9

Verifica-se assim que a preocupação maior dos sitiantes japoneses estabelecidos em Lageado e Renópolis sempre foi em relação à escolaridade de seus descendentes, pois como será visto a seguir, o aspecto religioso não teve essa mesma importância.

A prática da religião entre esses sitiantes diverge daquela comumente observada entre os brasileiros, pois entre estes a edificação da "casa de Deus" se faz presente até mesmo nas áreas mais remotas e inacessíveis ou encravadas em fundos de vales e encostas íngremes. Assim, também a obrigatoriedade de frequentar igrejas aos domingos e datas significativas do calendário religioso, que se observa entre os cristãos e que é uma prática comum em toda a região, não foi assimilada pelos japoneses e seus descendentes. Este aspecto, entretanto, já se verifica entre os filhos de "nisseis", isto é, entre os "sanseis" que, até mesmo praticam a religião católica.

Outro fato digno de nota é que embora muitos desses sitiantes se declarem budistas, nenhum templo ou pagode foi construído em Lageado e Renópolis. Os japoneses residentes, assim como seus descendentes, limitaram-se a observar alguns ritos budistas mais significativos como aqueles praticados por ocasião do dia de Finados e do cerimonial de casamentos. Além disso, os rituais budistas também são praticados, diariamente, no culto aos antepassados, em que os mortos são reverenciados pelos seus familiares em seus próprios lares. Não existe família japonesa (principalmente entre os "nisseis") que não tenha um pequeno altar instalado na sala ou mesmo no dormitório principal, onde fazem as orações, oferecem incensos, porções de arroz cozido, de chá, água e frutas, da mesma forma que os ocidentais costumam acender velas e oferecer flores junto aos túmulos de familiares e de pessoas queridas.

A análise dos dados referentes à religião mostra que em Lageado, a maioria (55,56%) é constituída de católi



## LAGEADO E RENÓPOLIS

## RELIGIÃO

-1979-

RELIGIÃO	LAGEADO		RENÓPOLIS	
	Nº	%	Nº	%
Católicos	25	55.56	31	39.74
Budistas	20	44.44	47	60.26
TOTAL	45	100%	78	100%

TABELA 8

cos o que não acontece em Renópolis, onde apenas 39,74% se guem essa religião. Por outro lado, em Renópolis predominam os budistas (60,26%) o que em Lageado acontece com 44,44% dos sitiantes. ( TABELA 8. FIGURA 10).

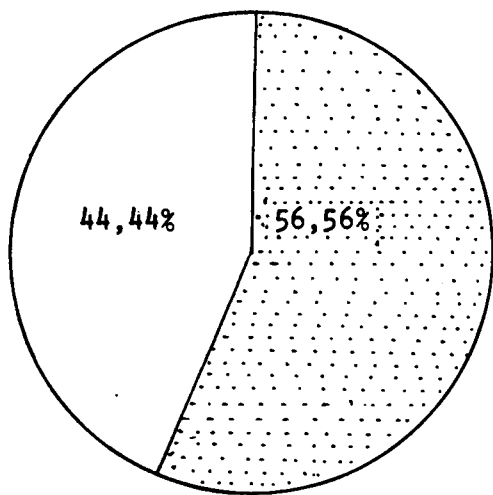
Entretanto, através de observação direta, foi possível constatar que os dados acima nem sempre refletem a realidade pois, tanto em Lageado como em Renópolis, a maioria daqueles que se dizem católicos, não são praticantes e nem mesmo são batizados ou crismados segundo os ritos católicos. Dizem-se católicos mais por "acomodação" do que propriamente por fé convicta. Por outro lado, entre aqueles que se afirmam budistas existem diferenças, principalmente no que se refere à jovens e idosos. Os mais velhos são budistas praticantes, isto é, cultuam seus mortos, e mantêm as tradições. Já entre os mais moços observa-se que muitos deles não são praticantes do budismo mas, de algumas seitas orientais como a "Nitirem Shoshu", "Seicho-no-ye", "Perfect Liberty", entre outras. Isto ocorre porque a orientação religiosa destas seitas é realizada, também, em português e, além disso, porque estas crenças são de grande aceitação na comunidade brasileira não só da região como de todo o país.

Outra festividade, que, embora não sendo religiosa era de grande importância e significado no seio de todas as comunidades japonesas e que era comemorada também pelos sitiantes de Lageado e Renópolis era o aniversário do Imperador, ou seja, a festa do "Tenchosetsu", assinalada por inúmeras atividades de caráter cívico, desportivo ("Undo-Kai"), cultural (teatro, danças típicas) e social. Neste dia, todos participavam intensamente das programações que ficavam a cargo da Associação Japonesa.

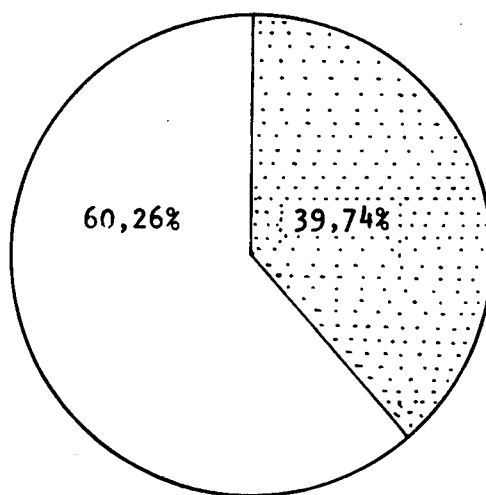
Percebe-se assim, que a Associação Japonesa de Renópolis, desde a sua fundação até o fim da década de 50, prestou relevantes serviços às comunidades nipônicas estabelecidas nessa área serrana. Foi através desta entidade



RELIGIÃO  
-1979-

LAGEADO



RENÓPOLIS



 Católicos  
 Budistas

que os sitiantes obtiveram facilidades na aquisição de produtos indispensáveis à agricultura, que eram comprados em grandes quantidades, o que barateava o custo; foi também a Associação Japonesa que obteve junto aos sitiantes brasileiros, tropas de animais para transportar mercadorias das áreas de produção para a Estrada de Ferro Campos do Jordão. Para tanto, eram utilizadas as estações Gavião Gonzaga, Alto Lageado, Eugênio Lefèvre e Parada Renópolis, sendo que esta última era a que recebia o maior volume de mercadorias.

Com referência a este último aspecto deve ser lembrado que o emprego de carros de boi, muito frequente entre os brasileiros, foi pouco utilizado pelos japoneses na Serra da Mantiqueira, por causa das dificuldades topográficas que implicou na existência de estradas muito sinuosas, íngremes, estreitas e intransitáveis nas épocas de chuvas. Só excepcionalmente, onde as estradas eram melhores e mais planas, os japoneses empregavam carros de bois e como não tinham animais, estes eram alugados de brasileiros. O controle dos carretos era feito pela Associação Japonesa que assim evitava elevação excessiva dos preços nos alugueis das tropas de animais e, ao mesmo tempo, que algum associado ficasse sem transporte.

Também o problema da mão-de-obra foi uma preocupação da Associação o que foi feito mediante o compromisso de todos os associados respeitarem o salário estipulado pelo órgão para evitar especulação por parte dos trabalhadores. Era comum, antes dessa medida, oferecerem salários muito altos aos camaradas, principalmente na época da colheita, o que garantia mão-de-obra mas concorria para o prejuízo de muitos sitiantes.

Embora já existisse antes da Associação, o sistema de mutirão foi incorporado a ela, sendo empregado sempre que se fazia necessário. No caso da mudança de um novo elemento para o local, este e sua família ficavam alojados,

provisoriamente, na casa de outro sitiante.

Percebe-se assim que a exemplo do que ocorria em outros núcleos de colonos japoneses, também em Lageado e Renópolis havia um grande espírito de solidariedade e da prática comunitária. Estas características do comportamento comunitário japonês não são privativas desses dois núcleos mas pode ser observadas na maioria das colônias nipônicas que ainda preservam suas tradições.

Com a organização e instalação da Associação Japonesa, grande parte dos problemas de Lageado e Renópolis puderam ser contornados ou resolvidos: os problemas dos transportes dos locais de produção até as estações da Estrada de Ferro Campos do Jordão; a aquisição de adubos e sementes, adquiridos em conjunto por todos os sítiantes através de um dos membros da Associação que vinha a São Paulo para esse fim; a escola bi-língue para os seus descendentes e para os próprios adultos que a frequentavam à noite. Estas soluções encontradas pelos membros da Associação, dentro de um espírito comunitário altamente desenvolvido, daí ser compreensível a implantação de sede regional da Cooperativa Agrícola de Cotia, com sucesso entre os sítiantes de Lageado e Renópolis. Parece que o fato de japoneses sítiantes se filiarem à cooperativas agrícolas foi um processo comum à grande maioria das comunidades nipônicas. Inúmeras cooperativas surgiram no Estado de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros Estados, em diferentes épocas.

Compreende-se o espírito associativo dos japoneses em filiarem-se às cooperativas, reportando-nos às suas origens, isto é, quando da introdução das teorias cooperativistas no Japão do século XIX, através da Alemanha. Em 1891 foi apresentado ao parlamento o primeiro projeto sobre cooperativa de crédito; em 1897 elaborou-se o segundo projeto cooperativista, este de caráter agrícola, constituído de cinco tipos, a saber: de crédito, de compra, de

venda, de produção e de utilização. Ambos foram rejeitados, e sô em 1900 tem início o cooperativismo no Japão, com a apresentação do terceiro projeto; entretanto, não deve ser esquecido que entre 1877-1880, havia inúmeras associações de classe que visavam a padronização dos serviços prestados pelas cooperativas.

O cooperativismo no Japão desenvolveu-se rapidamente e as zonas rurais sofreram as influências de novas idéias, provocando modificações profundas no mundo rural; surgiram novas relações entre estes e os centros de consumo. Assim, em 1901, no Japão existiam 266 unidades instaladas, 512 em 1902 e 879 em 1903.<sup>(47)</sup> Portanto, quando os japoneses emigraram para o Brasil, a partir de 1968, já traziam em sua bagagem cultural as informações básicas para a filiação em cooperativas, o conhecimento das vantagens desse tipo de associação. Assim, para vencer as diversidades de um mundo estranho, de costumes e línguas diferentes, a melhor opção encontrada pelos japoneses foi a de organizarem-se fundando associações (primeiro passo), ou filiarem-se a cooperativas. A primeira cooperativa que surgiu no atendimento da comunidade japonesa no Brasil e em São Paulo foi a Cooperativa Agrícola de Cotia, fundada no bairro de Moinho Velho, município de Cotia, em dezembro de 1927.

Os sitiantes de Renópolis também filiaram-se a CAC, e em 1938 havia cerca de 16 famílias associadas; lamentavelmente, entretanto, não foi possível obter informações quanto aos japoneses de Lageado.

A CAC dispunha, como até hoje dispõe, do depósito regional de Pindamonhangaba, que recebe a produção agrícola desses e de outros sitiantes cooperados.

A função aglutinadora da cooperativa agrícola é muito significativa, quer seja do ponto de vista econômico

---

(47) SAITO, Hiroshi. Obra citada, pág. 35.

ou social. Em muitos casos, constitui também o meio de comunicação entre o mundo rural e os centros urbanos. Outra função da CAC na Serra da Mantiqueira foi a de fixar inúmeras famílias naquela região. Assim, se em 1938 havia cerca de 16 famílias associadas à CAC<sup>(48)</sup> isto sugere que a produção agrícola era suficientemente significativa para justificar sua atuação. Posteriormente, duas outras cooperativas passaram a disputar a produção desses sítios da mantiqueira paulista: Cooperativa Agrícola de Campos do Jordão (CACJ), fundada em 1941<sup>(49)</sup> e a Cooperativa Agrícola Mista de Campos do Jordão (CAMCJ), fundada no fim da década de 30 e início da de 40 que, entre 1950-55, deixou de atuar na região.<sup>(50)</sup>

Além destas, outra Cooperativa foi fundada em 1958 no município de Campos do Jordão: Cooperativa de Produção Agrícola da Fazenda Bau<sup>(51)</sup> que, contudo, não estava vinculada aos sítios de Lageado e Renópolis.

A função específica das cooperativas "é atuar sobre o espaço econômico, através de uma estrutura político-administrativa, que faz com que os seus serviços cheguem aos associados".<sup>(52)</sup> Na organização espacial, as cooperativas dispõem de alguns elementos básicos como os Depósitos Regionais, os Grupos de Transportes Coletivos, grupos de Produção, além dos "bairros" e "distritos". Esses elementos passam a atuar conforme crescem as necessidades de controle das atividades agrícolas, geralmente dispersas, e do aumento numérico do quadro associativo. Os "bairros" são constituídos de 30 a 50 cooperados; os "distritos" são

---

(48) ANDO, Zempati. Obra citada, pág. 87.

(49) SEABRA, Manoel Gonçalves. "As cooperativas mistas do Estado de São Paulo", pág. 65.

(50) Idem. Idem, pág. 70.

(51) Idem. Idem, pág. 71.

(52) Idem. Idem, pág. 79.

sub-divisões dos bairros e são formados de 10 a 20 cooperados. "O "bairro" tem um significado mais comunitário, interessando na grande maioria dos casos sobretudo à presença dos cooperados de origem japonesa, enquanto que o "depósito regional" reveste-se de um caráter mais econômico e, como tal, pode interessar a todos os associados a ele filiados". (53)

A função da CAC na Serra da Mantiqueira, ao lado da Cooperativa Agrícola Mista Campos do Jordão e da Cooperativa Agrícola Campos do Jordão, se fez através de prestação de serviços, atendendo às necessidades básicas dos sítiantes, dando-lhes cobertura financeira, assistência técnica e a possibilidade da comercialização de seus produtos. A medida que a produção agrícola da região começou a declinar quantitativa e qualitativamente, as cooperativas também deixaram de atuar na serra. Assim, Renópolis perdeu a sua importância como o núcleo mais produtivo desta área. Todavia, sua função comunitária ainda subsiste, não com o mesmo brilho do período áureo da produção agrícola, principalmente como o maior produtor de cenoura do Estado de São Paulo na década de 40/50, mas como pioneiro, ao lado de Atibaia na produção de "cymbidium", que abriu novas perspectivas no comércio de exportação nacional, como será visto a seguir.

---

(53) Idem. Idem, pág. 82.





FOTO 21. Agricultura de subsistência no Lageado. Pequena plantação de hortaliças para consumo próprio, comumente observada nas propriedades de sitiantes japoneses, mesmo entre aqueles que se dedicam ao cultivo de flores e plantas ornamentais. (Foto da Autora)



FOTOS 22-23. Irrigação na cultura de pimentões. Montagem das tubulações de PVC utilizadas na irrigação por aspersão, numa área em fase de produção. (Fotos da Autora)



FOTO 24. Estaqueamento em cultura de pimentões. Utilização de um sistema rústico de estaqueamento, em curvas de nível, numa plantação em fase inicial. Nessa propriedade, a terra carregada pela erosão é amontoada manualmente junto à raiz das plantas. (Foto da Autora)

4.2. Atividades agrícolas e Comercialização - No início da década de 1930, as encostas e os vales do Ribeirão Lageado, em Campos do Jordão e do córrego do Barreiro, em Santo Antonio do Pinhal, conheceram uma intensa ocupação agrícola feita pelos sitiantees japoneses que deram origem a Lageado e Renópolis.

Pelas razões já apontadas anteriormente, a primeira fase na ocupação agrícola desta área caracterizou-se pelo cultivo de legumes e hortaliças entre os quais se destacou a cenoura que, até 1950, foi o principal produto da região.

Entretanto, em virtude do esgotamento dos solos, da carência de mão-de-obra, dos custos elevados da produção e do transporte e, também, da concorrência de novas áreas, o cultivo de legumes e hortaliças entrou em decadência.

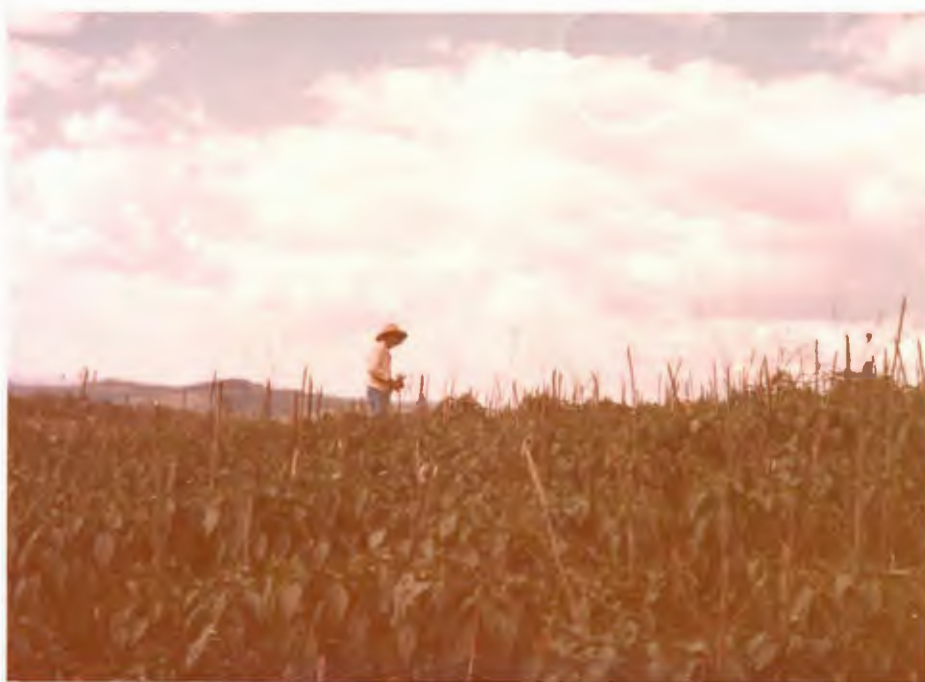
Atualmente, embora em pouca escala, estes produtos (entre os quais a abobrinha brasileira e a italiana, o pimentão e a alface) ainda são cultivados em Renópolis, ficando a comercialização restrita ao mercado municipal de Campos do Jordão. ( FOTOS 21-24).

A cenoura, todavia, continua sendo cultivada em Renópolis, em pequenas áreas da meia encosta do vale do córrego do Barreiro. ( FOTOS 25-26).

O preparo do solo principia com a capina, retirando-se toda a vegetação rasteira, para em seguida cavoucar ou revolver a terra por meio da motomecanização. Terminado o processo da aração, é feito o alinhamento das curvas de nível e os canteiros são organizados tendo uma largura de 70 a 80 cm e o comprimento variável conforme a topografia da área a ser cultivada.

Preparado o terreno é feita a sementeira no próprio canteiro, diretamente sobre o solo, através de um pro





FOTOS 25-26. Culturas temporárias em Renópolis. Na foto superior, dois aspectos da cultura da cenoura: em primeiro plano, linhas de cultivo em fase de produção; ao fundo, restolhos abandonados. Na foto inferior, cultura de pimentões verdes, onde os pés são estaqueados e amarrados a fim de promover o desenvolvimento adequado dos frutos e evitar seu contato direto com o solo. (Fotos da Autora)



FOTO 27. Cultura de cenoura em Renópolis. Aspecto do preparo do solo, para o cultivo de cenouras, feito segundo a técnica utilizada pelos japoneses. Em primeiro plano, uma cultura de "abobrinha brasileira" já no final da produção e, ao fundo, um milharal. A diversidade agrícola desta área pode ser observada, ainda, nos estágios de utilização do solo em razão dos diferentes ciclos vegetativos de cada espécie. (Foto da Autora)

cesso bem elementar: uma lata vazia é perfurada no fundo e nela são colocadas as sementes que serão lançadas ao solo. A germinação das sementes ocorre alguns dias depois e decorridos uns vinte dias, tem início a "raleação", isto é, o desbaste das mudas, ficando no solo apenas aquelas consideradas fortes e sadias. A colheita do produto ocorre a partir de noventa dias após o plantio. ( FOTOS 27-29).

Uma vez colhida, a cenoura é lavada em água corrente, secada e embalada. A embalagem compreende dois processos: maços ou caixotes. No primeiro caso a cenoura é distribuída em dúzias e amarrada com a folhagem; no encaixotamento, ela deve estar desprovida da rama, sendo que cada caixote comporta, em média, 25 kg.

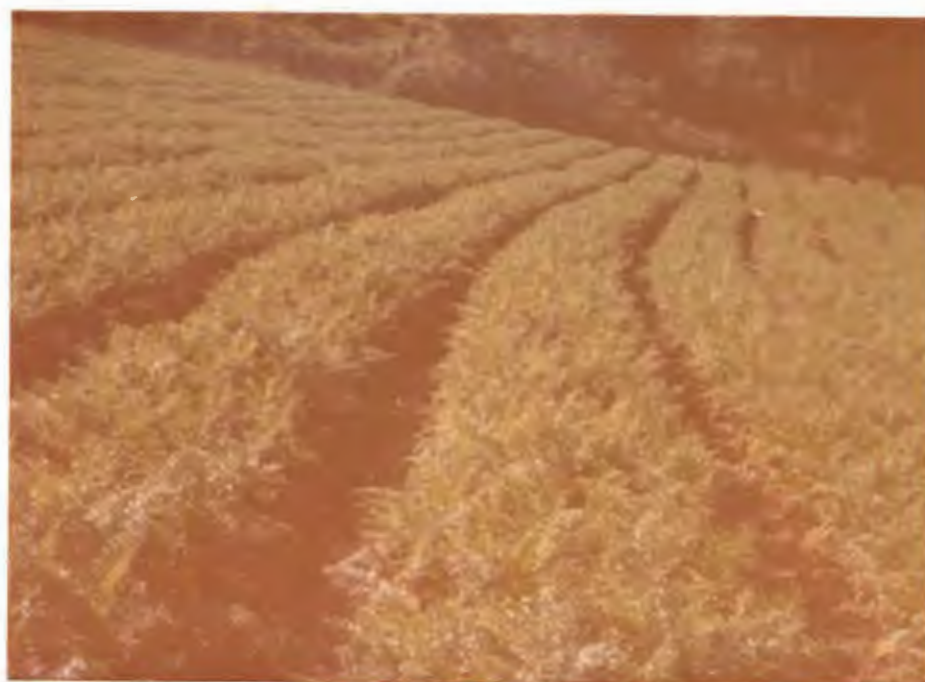
A cenoura, entretanto, não está livre de pragas, entre as quais a mais temida é a "pinta preta" que ataca a rama. Seu aparecimento implica na perda total da produção, e, para evitá-la, os sítiantes costumam adubar convenientemente o solo.

Em Renópolis, devido a declividade acentuada dos terrenos onde é cultivada a cenoura, abrem-se valas transversais à curva de nível para facilitar o escoamento das águas pluviais que são abundantes durante a estação chuvosa (outubro-março).

Outro aspecto a ser considerado no cultivo da cenoura em relação à técnica utilizada, é aquele que deriva da especulação de mercado. Assim, a cenoura, que é cultivada de outubro a março, ou seja, na estação chuvosa, às vezes é semeada antes ou depois desse período a fim de ser colocada no mercado fora da safra normal e, assim, atingir a cotação mais elevada.

Em Renópolis, por exemplo, um sítiante japonês tem por hábito iniciar o cultivo da cenoura no mês de fevereiro, obtendo sua colheita em maio, ou seja, noventa dias de





FOTOS 28-29. Técnicas aplicadas à cultura de cenoura. Na foto superior, as tubulações de PVC, já instaladas, para irrigação por aspersão. Nota-se a vala, transversal à curva de nível, para o escoamento das águas pluviais. Na foto inferior, canteiros de cenouras dispostos em curvas de nível, uma solução para evitar a erosão do solo nas encostas. (Fotos da Autora)



pois do plantio; desta forma o seu produto, além de encontrar um mercado carente, alcança preços melhores. Esse mesmo sitiante continua a repetir este processo em meados de setembro.

A geada constitui um dos mais sérios obstáculos ao cultivo da cenoura em Renópolis, uma vez que a sua ocorrência no início da germinação pode "queimar" e destruir os brotos. Este perigo ocorre principalmente com culturas que alcançam a germinação no fim do inverno, época em que podem ocorrer as últimas geadas do ano. Quando o cultivo da cenoura é feita no período normal, isto já não acontece porque a germinação se dá depois do inverno.

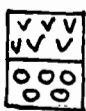
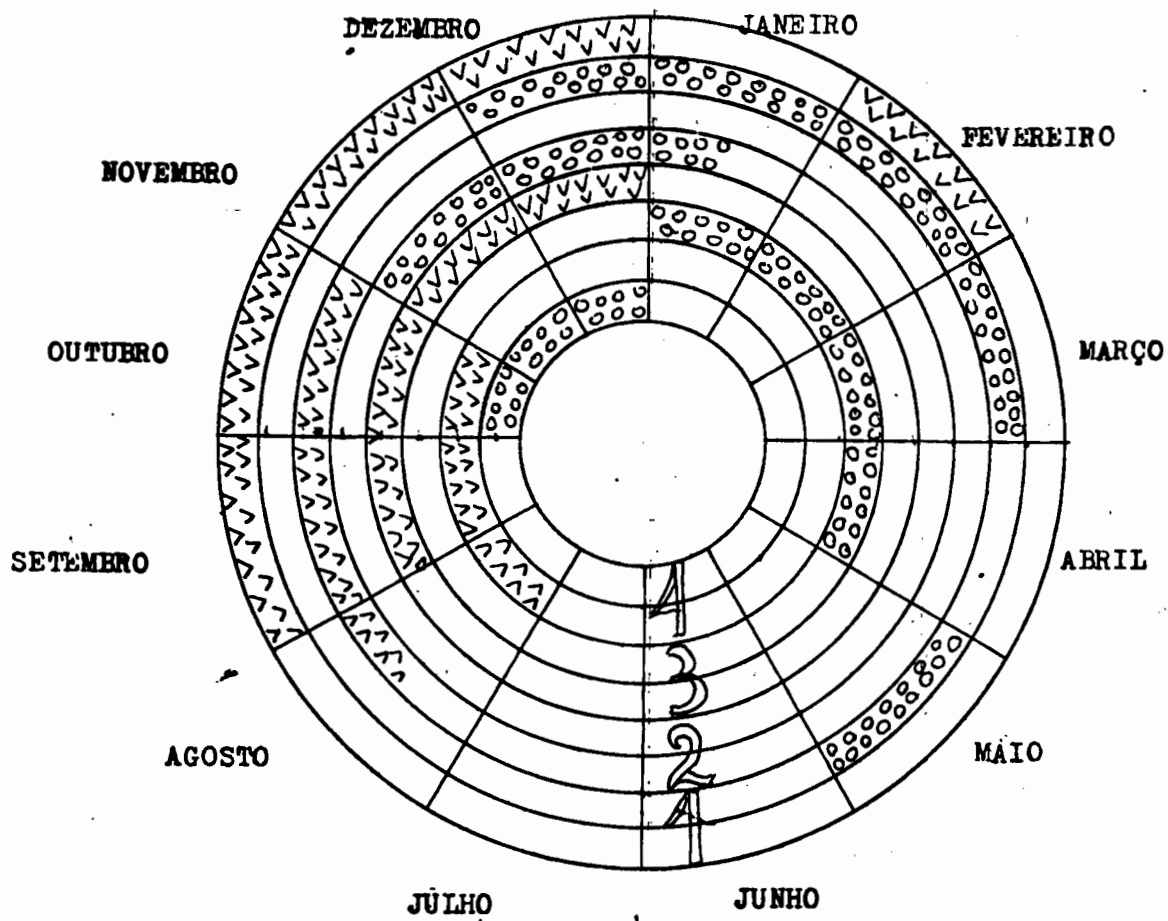
Para defender sua cultura das possíveis geadas, o sitiante japonês desta área costuma cobri-la com uma camada de palha (capim seco) que evita os efeitos do frio excessivo.

Um outro problema enfrentado por aqueles que cultivam a cenoura fora do período normal é a diminuição do índice pluviométrico em setembro (70 a 80 mm - média mensal).

Esse fato implica na redução da umidade do solo o que retarda a germinação dos brotos e, assim, o sitiante deve utilizar-se da técnica da irrigação. Nesta área o sistema comum empregado é o da irrigação por aspersão que garante um desenvolvimento satisfatório da planta. Entretanto, com a elevação do índice pluvial a partir de outubro (180 a 200 mm), o sitiante pode deixar de irrigar suas culturas de cenouras.

A cenoura de Renópolis atinge bons preços no mercado por várias razões. O sitiante japonês de um modo geral costuma dar muita atenção à qualidade das sementes empregadas, sendo as melhores as americanas, pois as nacionais, nem sequer compensam o plantio. Este fato encarece o

CALENDÁRIO AGRÍCOLA



PLANTIO  
COLHEITA

- 1. CENOURA
- 2. ABOBRINHA BRASILEIRA
- 3. PIMENTÃO
- 4. ABOBRINHA ITALIANA

FIGURA 11

produto pois, em janeiro de 1980, o quilo da semente americana chegou a Cr\$ 650,00.

Outro importante fator que garante uma boa qualidade das cenouras de Renópolis é que ela é cultivada nas encostas onde a declividade é acentuada. Esse fato facilita que as águas escoem rapidamente e não encharquem o solo. Com isso a cenoura não absorve água excessiva, do que resulta um fruto durável, o que é garantia de alta qualidade.

Ao contrário, o produto cultivado no Sul de Minas, Paranã, Santa Catarina e diversas localidades paulistas (Ibiuna, Piedade), não apresentam a mesma qualidade das cenouras de Renópolis porque são produzidas em áreas mais chuvosas, perdendo o viço, as qualidades vitamínicas e a cor que lhe é característica, em dois dias.

O fator clima é tão importante para o cultivo da cenoura que, em Ibiuna, onde a cenoura é cultivada em solos semelhantes ao de Renópolis, o produto não apresente a mesma qualidade em virtude de diferenças climáticas.

Na década de 50 uma nova transformação ocorreu na paisagem de Lageado e Renópolis, quando as chamadas frutas européias, cujo cultivo tivera início paralelamente à decadência da horticultura, começaram a se destacar na produção dessa área. Esta fase caracterizou-se, sobretudo, pela aclimação de espécies européias frutíferas típicas de clima temperado à uma área sob o domínio do clima tropical de altitude e além disso, pelo caráter transitório que assumiu na produção local, pois alguns sítiantes japoneses, nem mesmo chegaram a beneficiar-se sequer da primeira frutificação, desestimulados que foram pela demora em obter a colheita.<sup>(54)</sup> Necessitando subsistir, acabaram dedicando-se a atividades menores (cultivo de hortaliças e legumes),

---

(54) A pereira frutifica somente depois de cinco anos.



FOTOS 30-31. Áreas de cultivo abandonadas. Espécies remanescentes de uma plantação de peras duras praticada em encostas íngremes, antes ocupadas com o cultivo de cenouras. Estas fotos, tiradas em meados de 1979, mostram o estado de abandono em que se encontram certas propriedades dessa região, atualmente invadidas pelo capim e que antes se dedicavam a fruticultura. Pela disposição desordenada dos galhos percebe-se a ausência do trato adequado que deveria ser dispensado às pereiras em épocas de produção normal. (Fotos da Autora)





FOTO 32. Fruticultura em Lageado. A foto mostra um pessegueiro abandonado, onde se percebe o exagerado crescimento vertical em virtude de não ter sido podado em época adequada. Além disso, nota-se no tronco a instalação de um formigueiro, motivada pela falta de trato e ausência de fungicidas e inseticidas. (Foto da Autora)



FOTOS 33-34. Pessegueiros em Renópolis e Lageado. Na foto superior, espécie em plena floração na área produtora de Renópolis. Percebe-se o viço das flores, a disposição horizontal dos galhos, o trato adequado do solo que evidenciam os cuidados necessários que devem ser dispensados para se alcançar uma alta produtividade. Ao fundo percebe-se a mata que o proprietário teve o cuidado de preservar. Na foto inferior, aspecto dos galhos de pessegueiros cuja disposição mostra ausência total de cuidados, e que contrasta com aqueles observados na foto superior. (Fotos da Autora)

no meio rural ou à prestação de serviços na área urbana (comerciantes, fotógrafos), embora permanecessem morando em seus sítios. (FOTOS 30-32).

Desta fase, entretanto, permanecem até hoje a cultura do pêssego, que é feita em Renópolis, e cujo produto é colocado no mercado de Campos do Jordão e no CEAGESP.

O pessegueiro necessita de cuidados especiais para que a frutificação ocorra e, também, para facilitar o trato normal que lhe é dispensado. Assim, alguns dos galhos supérfluos são podados afim de evitar o desperdício da energia vital da árvore e possibilitar a penetração dos raios solares que irão proporcionar a frutificação abundante, o perfeito desenvolvimento e a maturação dos frutos. Além da poda, os sitiantes japoneses desta área costumam amarrar pesos às frutas dos ramos, o que evita o crescimento vertical do pessegueiro. Deste procedimento resulta também que o tronco mantém-se baixo e com um razoável diâmetro, indicador de cuidados constantes. ( FOTOS 33-35).

Além disso, outra medida adotada pelos sitiantes consiste no encasacamento dos frutos para evitar que estes sejam atacados por pragas, aves e insetos.

A cultura de flores e plantas ornamentais em Lageado e Renópolis teve início quando, em princípios da década de 70, alguns sitiantes, à guisa de lazer, fizeram as primeiras experiências com espécies exóticas e raras; esta atividade, aliás, sempre constituiu um passatempo dos mais frequentes e apreciados pelos japoneses, fato que pode mesmo ser considerado uma das tradições da cultura desse grupo étnico. É do conhecimento geral o gosto que os nipônicos têm pelos jardins e pela arte floral (Ikebana), sendo difícil encontrar propriedades nipônicas urbanas onde a jardinagem não esteja presente. ( FOTOS 36-41).

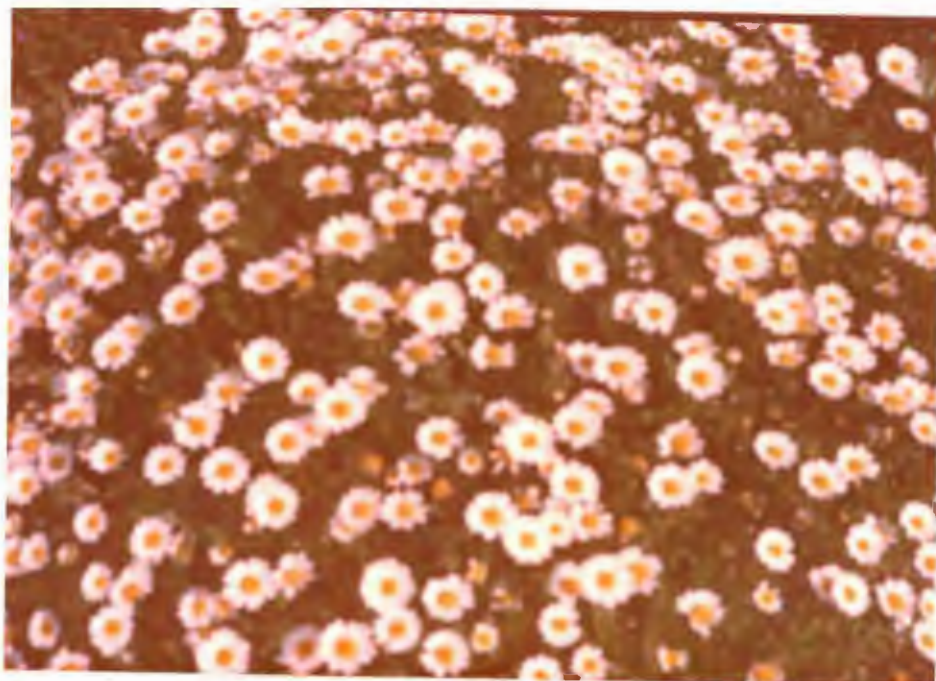
Embora apenas seis famílias de sitiantes japone-





FOTO 35 . Pessegueiros de Renópolis. Observa-se a distribuição das árvores em solo capinado e a pequena altura dos troncos, se comparados aos da foto 23. O crescimento horizontal é provocado pelo sítio que prende pesos nas pontas dos galhos para facilitar a poda da árvore e o ensacamento e a colheita dos frutos. (Foto da Autora)





FOTOS 36-37. Flores em Campos do Jordão. Observa-se com frequência que os jardins de sitiantes japoneses apresentam uma grande variedade de flores, o que demonstra o gosto que os nipônicos têm pela natureza. (Fotos da Autora)



FOTOS 38-39. Plantas ornamentais em Campos do Jordão. Plantas que compõem os jardins públicos e também os de hotéis e residências, cujas mudas são fornecidas pelos sítiantes japoneses do vale dos Melos. (Fotos da Autora)

ses dessa área se dediquem ao cultivo de flores e plantas ornamentais, esta atividade tem destaque extraordinário pela expressão que alcança no panorama nacional, uma vez que aí está o maior produtor de gerânios do Brasil, e mesmo internacional, pois o "Cymbidium" é exportado também para a Europa.

No sítio "Nodomi", localizado na encosta sudeste do vale do ribeirão dos Melos, afluente da margem direita do Lageado, a noroeste do núcleo do Lageado, são cultivados, entre outros, gerânios, begônias, gloxíneas, pelargônicas-reais e violetas africanas ("saint paulias"), todas de natureza temporária; além destas, cultivam plantas ornamentais resistentes como as "fatsias japônicas", "ficus elastica decora" (erroneamente chamada de seringueira), "Cissus capensis", "Cissus antarctica", "Chlorophytum ~~ela~~tun variegatum" e outras. ( FOTOS 42-47)

Por outro lado, em Renópolis, no vale do córrego do Barreiro, cinco famílias de sitiante japoneses cultivam uma certa variedade de "Cattleya" — o "Cymbidium", originário do continente asiático.

Deve ser ressaltado, no entanto, que esta recente atividade agrícola praticada na Serra da Mantiqueira teve, inicialmente, caráter empírico e foi feita por mero entretenimento. Todavia, decorridos os primeiros anos de experiências bem sucedidas, os sitiante de Renópolis organizaram-se constituindo o "grupo dos cinco", que se especializou no cultivo de "Cymbidium". A escolha recaiu nesta variedade porque, embora outras plantas asiáticas tivessem sido introduzidas no Brasil ("Cympridendiuns", "dendrobiuns", entre outras), nenhum se adaptou melhor do que o "Cymbidium". ( FOTOS 48-50).

O "Cymbidium", em seu "habitat" original (áreas montanhosas da Ásia) desenvolve-se em condições muito semelhantes às de Renópolis, embora as eventuais diferenças





FOTOS 40-41. Cerejeiras em Campos do Jordão. Na foto superior, espécie em plena floração, que ocorre em agosto-setembro; as cerejeiras japonesas encontraram nessa área condições muito semelhantes às da origem. Na foto inferior, detalhe da flor que mostra a rara e exótica beleza da cerejeira japonesa cultivada para fins ornamentais. (Fotos da Autora)



FOTO 42. Cultivo de plantas ornamentais resistentes no Vale dos Melos. Espécies de diversas variedades, já envasadas, dispostas em bancadas a céu aberto. À esquerda, percebe-se um aspecto da lateral de uma estufa que foi fechada com matéria plástica. (Foto da Autora)

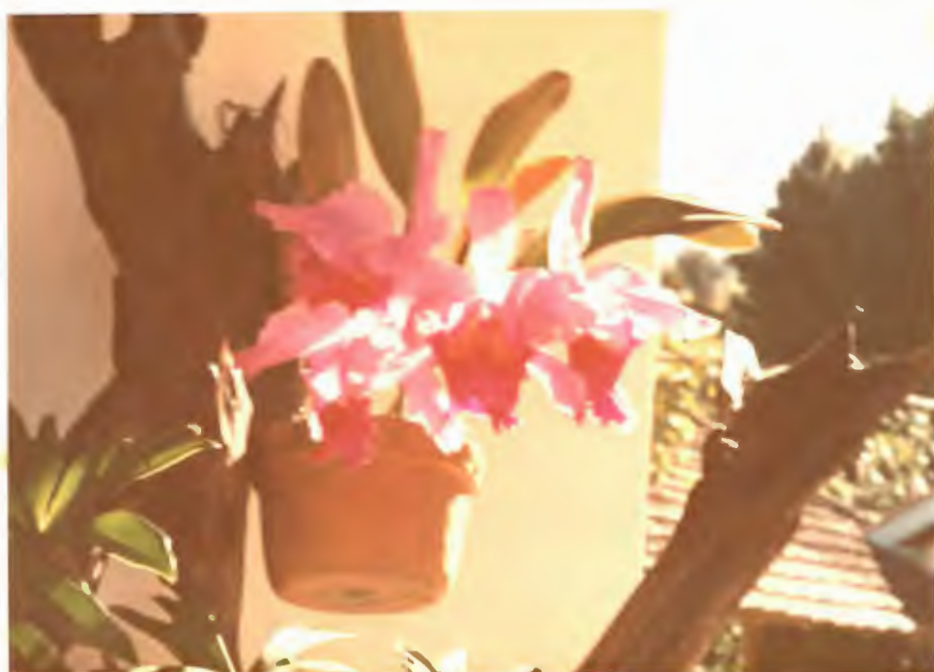


FOTO 43. Cultura de flores em estufas no Vale dos Melos, A terra, enriquecida com adubos orgânicos e químicos, é colocada nos vasos. À esquerda da foto, a tubulação de plástico destinada à rega das plantas. Observa-se que neste caso, o contato dos vasos com o solo foi evitado através de uma forração com matéria plástica. (Foto da Autora)





FOTOS 44-45. Plantas ornamentais resistentes cultivadas à céu aberto. Arbustos ornamentais, de origem européia e asiática aclimatadas às condições ecológicas do Vale dos Melos. Na foto inferior, outras variedades de plantas ornamentais, cultivadas em escala comercial, que são colocadas no próprio mercado nacional, principalmente, através do CEAGESP. (Fotos da Autora)

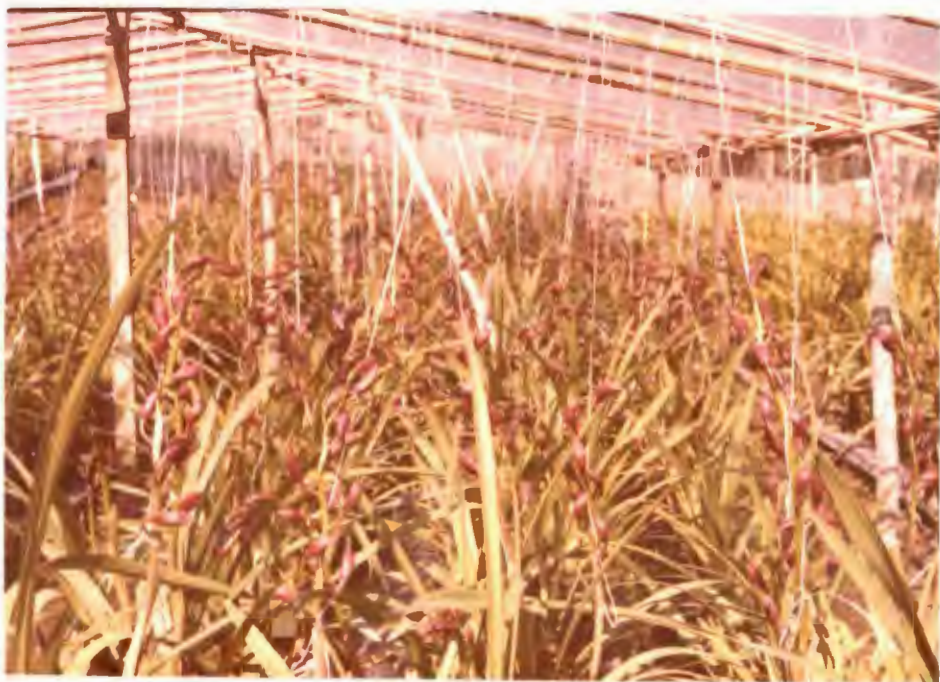


FOTOS 46-47. Cultivo de flores no Vale dos Melos. Na foto superior, um belo exemplar de "CATTLEYA", em plena floração, que só pode ser cultivado nessa área graças à utilização de estufas, uma vez que ele exige temperatura e umidade mais elevadas do que aquelas existentes nessa região. Na foto inferior, exemplares de cactos, também adaptados, pois estão sendo cultivados em condições diversas daquelas dominantes no local de origem. (Fotos da Autora)





FOTO 48. Cultivo de "Cymbidium" em Renópolis. Esta espécie exige o controle das condições ambientais quanto à temperatura, umidade, insolação e correntes atmosféricas, além de outras. Dependendo das circunstâncias requer dupla cobertura plástica: uma branca, que filtra os raios solares e outra de oleado preto, que diminui a luminosidade e aumenta a temperatura no interior da estufa. (Foto da Autora)



FOTOS 49-50. Técnica de cultivo de "Cymbidium". A amarração das inflorescências e dos pedúnculos requer cuidados constantes e mão-de-obra paciente. Na foto inferior, "Cymbidium" em princípio de floração, o que só ocorre pela primeira vez quatro anos depois do envasamento. A amarração é feita com tiras plásticas, a fim de evitar que as inflorescências se curvem. (Fotos da Autora)

de temperatura sejam corrigidas com a utilização de estufas que assegurem o "optimum" adequado para o perfeito desenvolvimento e floração das plantas.

A primeira floração do "Cymbidium" ocorre somente quatro anos após o plantio sendo que em Renópolis, as primeiras inflorescências foram obtidas a partir de 1975. O sucesso do cultivo desta planta depende de uma série de fatores, entre os quais, as condições climáticas, o tempo de cultivo, as técnicas utilizadas, a mão-de-obra empregada e os custos de produção que envolvem a edificação de estufas, utilização de adubos e fertilizantes além dos gastos com a embalagem, o transporte e a comercialização. ( FOTOS 51-52).

Em renópolis, inicialmente, o "Cymbidium" foi cultivado em ripados de baixo custo e de fácil construção que que, entretanto, apresentam alguns inconvenientes, como a impossibilidade do controle de regas na época de chuvas prolongadas (outubro a março).

A ripada constitui-se num abrigo feito com ripas de madeira, ou com bambu, que tem por finalidade proteger as plantas das chuvas, do excesso de sol e dos animais que podem danificá-las. Além disso, o vento sul não deve ser esquecido quando se pretende construir um ripado pois, pode prejudicar as plantas.

A construção do ripado deve seguir algumas especificações básicas como a altura média de 2,40 m, comprimento de 15 m, largura de 5 m; ripas de 5 cm de largura dispostas lado a lado com um vão de 2 cm; pilastras, postes ou mourões a intervalos de 2,50 m um do outro; na cobertura as ripas devem ser dispostas na direção norte-sul, indispensável, afim de que o sol no seu trajeto de leste a oeste vá, gradativamente, passando sobre as plantas. Quanto às bancadas, costuma-se construí-las a 0,50 m de altura entre si, de modo a formar patamares sobre as quais ficam os vasos de "Cymbidiuns"; evita-se colocá-los diretamente





FOTO 51. Inflorescências de "Cymbidium". O "Cymbidium" é tanto mais valioso quanto maior a quantidade de flores e mais acentuada for a sua coloração. Observa-se a beleza do colorido desse exemplar. (Foto da Autora).



FOTO 52. Inflorescências de "Cymbidium". Variedade asiática aclimatada em Renópolis, de grande valor pela coloração forte e pela quantidade de flores que apresenta. (Foto da Autora)

no chão para que não adquiram doenças e pragas e também para facilitar o trabalho do cultivador no trato diário.

A impossibilidade de controlar adequadamente as condições nos ripados, contribuiu para que os sítiantes de Renópolis optassem pelas estufas, uma vez que estas apresentam uma série de vantagens como o controle das regas e, conseqüentemente, da umidade; da luz solar e da temperatura ambiente, além de proteger as plantas contra pragas e doenças.

A estufa de vidro tão frequente na Holanda, Bélgica e Japão foi preterida pelos japoneses de Renópolis considerando-se os altos custos que tal construção acarreta. Assim, estes sítiantes optaram por um tipo de estufa de preço mais acessível, construída com pilastras de concreto de moirões, recobertos com telas de arame e matéria plástica.

Em Renópolis, situada a uma altitude que oscila entre 1 200 a 1 400 m, sob a influência do clima tropical de altitude com índice pluviométrico de 1 700 a 3 000 mm/ anuais, considerou-se que a matéria plástica podia substituir satisfatoriamente o vidro na cobertura das estufas.

Em muitos casos, o telhado de arame é utilizado na cobertura com a finalidade de aumentar a temperatura interna da estufa, pois, durante o dia, o metal absorve a energia solar. E para evitar que durante a noite esse calor acumulado se expanda, a estufa é coberta com material plástico. Da mesma maneira também as laterais das estufas podem ser vedadas com esse material conforme as necessidades das plantas.

Quando de pequenas dimensões, as estufas podem se transformar em verdadeiros "fornos", aquecendo-se muito rapidamente e, as vezes, ocasionando sérios danos às plantas.

A construção das estufas deve seguir as mesmas especificações do ripado no que se refere às dimensões.(FOTOS 53-56).

No período inicial de experiências, os sítiantes de Renópolis tentaram cultivar o "Cymbidium" em vasos de barro, em xaxim e em cestinhos feitos com sarrafos de madeira. Constataram assim que o cultivo em xaxim trouxe dificuldades ao desenvolvimento da planta e que a utilização de cestinhos de madeira envolvia maior capital, além do tempo que seria gasto na sua confecção. Assim, optaram pelos vasos de barro, em virtude das inúmeras vantagens que apresentavam, entre as quais a base mais ampla, sendo a boca mais larga do que os fundos; além disso, o vaso deve dispor de dois a três furos na base, a fim de facilitar o escoamento da água e de bordas de beirada grossa que permitam a suspensão do vaso por meio de fios de arame galvanizado.

A técnica do envasamento do "Cymbidium" requer alguns cuidados básicos preliminares antes do plantio definitivo. Assim, os vasos virgens devem ficar imersos em água corrente pelo tempo mínimo de 4 horas e máximo de 48 horas. Para a limpeza de vasos usados utilizam-se de água corrente e de escovas de fibra vegetal (piaçava).

Além disso, também os cacos que forram o fundo dos vasos são cuidadosamente lavados e desinfetados. Só depois deste tratamento é que os cascalhos são dispostos nos vasos sempre com a parte abaulada para cima. Sobre eles é colocada uma camada de xaxim, cortado em cubos de 3 x 3 cm, que é amontoado na parte central do vaso, com cuidado, para que as fibras do xaxim se encontrem verticalmente. Sobre este material é colocada a planta, observando que as raízes se disponham bem assentadas e espaçadas, depois do que o espaço vazio é preenchido com cubinhos de xaxim.

Neste processo deve-se cuidar para que o rizoma não fique enterrado, mas somente assentado sobre o substrato.





FOTOS 53-54 Flores e plantas ornamentais no Vale dos Melos. Na foto superior, observam-se as estufas que foram construídas em diferentes patamares do relevo montanhoso dessa área. No primeiro plano, aparecem algumas espécies de plantas ornamentais resistentes, cultivada a céu aberto. Na foto inferior, aspecto da cobertura de plástico de uma estufa instalada numa área terraplanada, obtida através de um corte na encosta íngreme. Ao fundo, a distribuição das habitações que ocupam o vale. (Fotos da Autora).





FOTO 55 . Estufa moderna. Construída de pilastras de concreto que sustentam uma armação de madeira revestida com matéria plástica que protege da intempérie as delicadas plantas que aí são cultivadas. Os gerânios envasados, dispostos em mudas individuais plantadas em pequenos vasos, mostram o cuidado e a técnica utilizada pelos japoneses na cultura dessas flores, que é realizada sempre em estufas. O barranco, ao fundo, veda um dos lados da estufa. (Foto da Autora)

to, porém, sem nenhum espaço vazio.

Ocorridos quatro anos após o plantio, o "Cymbidium" começa a florir, sendo que em Renópolis, geralmente esta planta rara e exótica começa sua floração no início do inverno estendendo-se até o começo da primavera. Entretanto existem variedades precoces e outras tardias e também aquelas cuja floração pode ser antecipada ou retardada, conforme a cotação do preço no mercado internacional.

Durante o período de crescimento a rega deve ser copiosa, porém feita com cautela para que o material do vaso não se torne encharcado e impermeável ao ar, o que é necessário ao bem estar das compridas raízes carnosas do "Cymbidium".<sup>(55)</sup> Deve-se ainda durante o crescimento, efetuar algumas regas com uma mistura líquida feita com água e estrume; terminado o crescimento anual evita-se qualquer adubação sem, contudo, esquecer que durante o desenvolvimento da inflorescência o "Cymbidium" exige muita água.

Para combater as doenças e as pragas desta planta, o cuidado básico é a limpeza e a aplicação de inseticidas à base de DDT ou Timbopô no combate às lesmas, tatuzinhos, baratas e outras pragas.

Existe outro aspecto importante no cultivo do "Cymbidium". Trata-se do processo da poda dos pseudo-bulbos, que podem se apresentar quebrados, esmagados ou secos; além disso, as raízes machucadas, apodrecidas ou secas devem ser eliminadas, pois podem se constituir em focos de podridão pondo em risco a planta toda. Também as raízes muito compridas precisam ser cortadas pois só as mais novas tem utilidade para a planta.

---

(55) DECKER, João S. Nosso orquidário mês por mês. "Boletim de Agricultura", nº único, 1950. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.



FOTO 56. Estufas utilizadas na cultura de flores no Vale dos Melos. Na foto superior, uma estufa construída de moirões de madeira que apóiam a cobertura, também feita desse material porém, revestida de plástico. A utilização de bandejas para a colocação dos vasos evita que estes entrem em contato direto com o solo e desta forma as plantas ficam protegidas da umidade e das pragas. À esquerda, em primeiro plano, uma pequena estufa coberta de plástico escuro para controlar a excessiva luminosidade. (Foto da Autora)

A formação de novas mudas é obtida com a separação dos vários rizomas de uma planta adulta; as mudas devem ser cuidadosamente lavadas em água e postas a secar à sombra e finalmente são pulverizadas com um bom inseticida à base do DDT ou Timbopõ.<sup>(56)</sup>

Cultivam-se em Renópolis muitas variedades de "Cymbidiuns", destacando-se porêm, a "Special Green" e a "Coronation", além da "mini-cymbidium". Dependendo da quantidade de flores e de sua coloração, dependerá o seu valor no mercado.

Na comercialização das flores e plantas ornamentais cultivadas no vale dos Melos e em Renópolis, observa-se cuidados especiais quanto a embalagem, por se tratar de mercadorias facilmente perecíveis, assim as plantas são acondicionadas de acordo com seu destino (mercado interno e externo), como o tempo que será dispendido e com o tipo de transporte a ser utilizado.

As plantas envasadas como gerânios, begônias, glóxiñas, pelargônias-reais, violetas africanas, são dispostas nos tabuleiros e estes são colocados uns sobre os outros, como se fossem enormes gavetas instaladas dentro de um caminhão refrigerado, cuja carroceria é inteiramente fechada.

Estas flores e plantas geralmente são colocadas à venda no mercado nacional através do CEAGESP, em São Paulo, todas as terças e sextas-feiras, constituindo-se na maior comercialização do Brasil. Também são vendidas no mercado municipal de Campos do Jordão e na Ducha de Prata, num dos recantos mais belos da região da Mantiqueira, muito procurado por turistas de toda parte.

O meio de transporte mais usual em Renópolis é o

---

<sup>(56)</sup> Idem. Idem.





FOTOS 57-58. Reflorestamento no vale dos Melos. Uma solução para conter a erosão das encostas que também é praticada no Vale do Lageado e em Renópolis. (Fotos da Autora)

caminhão e o acesso aos mercados consumidores é feito através das já descritas rodovias que partindo da área, atingem o Vale do Paraíba e deste, São Paulo e Rio de Janeiro.

A comercialização do "Cymbidium" constitui um aspecto à parte entre as flores e plantas ornamentais porque exige acondicionamento e embalagens especiais pois a produção está quase que inteiramente voltada para o mercado externo.

Para embalar o "Cymbidium" os sítiantes japoneses de Renópolis recebem envólucros especiais das empresas estrangeiras as quais vendem sua produção. As flores são acondicionadas nestas embalagens, envolvidas uma a uma, em papel impermeável para evitar que elas se choquem e assim macerem suas pétalas. Das áreas de produção os "Cymbidiuns" são levados em caminhões refrigerados até o Aeroporto de Viracopos e daí são despachadas para Amsterdam (Holanda), que se incumbe de distribuírem as inflorescências para mercados europeus e norte-americano.

Assim, o Brasil, que é o país das "Cattleya", passou também, através de Renópolis, a competir com a Austrália na produção de "Cymbidium", atendendo satisfatoriamente mercados consumidores exigentes, porém, através de Amsterdam.

Evidentemente o caráter dinâmico e a vocação agrícola desta parcela da Mantiqueira estão relacionados às características naturais da região onde as condições morfológicas e climáticas, pela elevada interferência que exercem no cultivo, especialmente das flores e plantas ornamentais, ocupam papel de destaque. Além disso, não deve ser esquecido o elemento humano, neste caso o sítiante japonês, que com seus conhecimentos e técnicas aplicadas no desenvolvimento desta atividade, obteve sucesso não só no cultivo mas também na comercialização do que foi ali produzido. ( FOTOS 57-58).

## 5. Considerações finais



5. Considerações finais - As atividades agrárias desenvolvidas pelos sitiantes japoneses em Lageado e Renópolis, marcaram a paisagem rural através da aplicação de técnicas desconhecidas dos nacionais da região.

Assim, surgiram diferentes fases caracterizadas pelo dinamismo e pela diversidade no uso do solo.

Distinguem-se em Renópolis e Lageado três fases principais. A primeira que deu origem aos núcleos, caracterizou-se pelo predomínio da monocultura da cenoura e secundada pelo cultivo de outros legumes e hortaliças e contribuindo para a valorização das terras, ampliou o mercado de trabalho para os caboclos e sobretudo implantou na serra novas técnicas de cultivo do solo. Em razão dos fatores já apontados, ocorreu a decadência da produção local e a conseqüente mudança para a fruticultura.

Esta nova fase destacou-se pela aclimação de frutas européias e também porque foi uma tentativa feita no sentido de minorar o problema da carência de mão-de-obra, uma vez que na fruticultura, esta era necessária apenas na colheita.

A terceira e a última fase que perdura até hoje, envolvem o cultivo de flores e plantas ornamentais, muitas delas adaptadas ao clima tropical de altitude que domina nesta área. Embora exigindo mão-de-obra numerosa, isto não se constitui um real problema pois geralmente é a própria família que se incumbem do cultivo. O aspecto mais marcante desta fase é, sem dúvida, aquele que se refere à comercialização voltada para mercados externos.

Verificou-se contudo que estas três fases não foram estanques, mas sim, que ocorreu uma interpenetração dos diferentes produtos. Assim, ainda hoje, o cultivo de hortaliças, legumes e frutas, ainda persiste, entremeando-se às flores e plantas ornamentais.

Neste particular, deve ser considerado que, em Lageado e Renópolis, não conheceram transformação radical das culturas mas sim, uma evolução gradativa da paisagem, pois muitos característicos do início da ocupação ainda marcam a paisagem atual. É o que acontece, por exemplo, com o cultivo de hortaliças e legumes (1a. fase) e com o do pêssego (2a. fase).

Outro aspecto fundamental desta área foi que, a exemplo de tantas outras comunidades japonesas, também os de Lageado e Renópolis, organizando-se em cooperativas, assim contribuíram para criar uma nova estrutura social que facilitou os contatos e promoveu o desenvolvimento econômico local. Esta talvez seja a característica marcante da "colônia" pois toda a vida dos núcleos girava em torno da Associação.

A tradição cultural japonesa transparece na estrutura social do pequeno proprietário, na vida comunitária que durante muito tempo foi o elemento aglutinador dos residentes em Lageado e Renópolis, na cultura de espécies exóticas e trabalhosas e nas técnicas de cultivo utilizadas. Além disso, nas pequenas propriedades que também sofreram limitações impostas pelo relevo.

Entretanto, o principal aspecto que se destaca neste estudo é o papel do sitiante japonês como elemento capaz que foi de transformar a paisagem de Lageado e Renópolis. Este fato, que pode ser observado desde que as primeiras famílias atraídas pelas condições naturais (excelência do clima e fertilidade do solo) se fixaram na região, ainda hoje pode ser constatado.

Atualmente, Renópolis destaca-se, principalmente, pela importância no cultivo e comercialização de flores e plantas ornamentais aclimatadas; por outro lado cumpre ressaltar que, se os núcleos subsistem até hoje, é por causa da capacidade de adaptação do sitiante japonês na ocupação

daquela porção do espaço geográfico, através de técnica envolvida aplicada às atividades agrícolas que se desenvolveram em Lageado e Renópolis e, além disso, porque houve plena integração na comunidade brasileira. Assim foram vencidas não só as dificuldades das condições naturais mas, também, as econômicas e sociais.

Deve ser considerado ainda que o levantamento de novos dados, englobando outros núcleos por horizontes mais amplos, poderá fornecer subsídios para um estudo mais profundo e a possibilidade de uma visão retrospectiva do que foi a região no apogeu de sua produção agrícola.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Obras e Artigos Gerais

AB'SABER, Aziz Nacib - O relevo brasileiro e seus problemas. In AZEVEDO, Aroldo (ed.) - Brasil, a Terra e o Homem. As bases físicas, pp. 135-217, Editora Nacional, São Paulo, 1964.

AZEVEDO, Aroldo de (Coordenador) - "Brasil - A Terra e o Homem", Vol. 1 - As Bases Físicas, 607 pp., Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1968.

AZEVEDO, Aroldo de (Coordenador) - "Brasil - A Terra e o Homem", Vol. 2 - A Vida Humana, 490 pp., Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1970.

BARROS, Henrique de - Economia agrária. Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1948.

BARROS, Henrique - A estrutura agrária como obstáculo à ação agrônômica. A reforma agrária como problema econômico. Sociologia e Política, São Paulo, 1954.

BERNARDES, Nilo - "Características gerais da agricultura brasileira no século XX", em Revista Brasileira de Geografia, Ano XXIII, nº 2, Rio de Janeiro, 1961.

BRUNHES, Jean - "Geografia Humana", 312 pp., Biblioteca Fundo Universal de Cultura, Barcelona, 1956.

CAMARGO, José F. de - Êxodo rural no Brasil, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1957.

CERON, A. O. & DINIZ, J. A. F. - O uso das fotografias aéreas na identificação das formas de utilização agrícola da terra. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 28(2):161-173, 1966, abril-junho.

CERON, Antonio Olívio - "Revolução Industrial e Sistema Espacial de Agricultura" - *Boletim Geográfico Teorética*, Vol. 3, nº 5, Ageteo, pp.5-37, Rio Claro, São Paulo, 1973.

DEFFONTAINES, Pierre - "Geografia Humana do Brasil", em *Revista Brasileira de Geografia*, Conselho Nacional de Geografia, Ano I, nº 1, pp.19-67, Rio de Janeiro, 1939.

DEMANGEON, A. - *Problemes de géographie humaine*. Paris, Armand Colin, 1947.

DERRUAU, Max - "Geografia Humana", 2 volumes, Editorial Presença, Livraria Martins Fontes, Biblioteca de Textos Universitários, Volumes 7 e 8, Lisboa, 1973.

FAO/UNESCO - Mapa mundial de Suelos (1:5 000 000). Preparado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, Vol. IV, América del Sur.

FRANÇA, Ary - "A marcha do café e as frentes pioneiras", Guia de excursão nº 3, XVIII Congresso Internacional de Geografia, Conselho Nacional de Geografia, 302 pp., Rio de Janeiro, 1960.

FREISE, F.W. - "As queimadas e suas influências nefastas sobre os solos tropicais", *Boletim de Agricultura*, São Paulo, 1939.

FAUCHER, D. *Géographie agraire, types de cultures*. Librairie de Médecis, Paris, 1949.

GARNIER, Jacqueline Beaujeu - "Geografia de População", 438 pp., Editora Nacional - Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

GEORGE, Pierre - La campagne, le fait rurale a travers le monde. Presses Universitaires de France, Paris, 1956.

GEORGE, Pierre - Précis de géographie rurale. Presses Universitaires de France, Paris, 1963.

GEORGE, Pierre - Geografia agrícola do mundo. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.

GUERRA, Antonio Teixeira - "Dicionário geológico-geomorfológico, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1969.

JOLY, Aylthon Brandão - "Conheça a Vegetação Brasileira", 181 pp., Editora da Universidade de São Paulo-Editora Polígono, São Paulo, 1970.

KELLER, Elza Coelho de Souza - Contribuição à metodologia da geografia agrária. Conferência Regional Latino-Americana, 1966, vol. 2:605-615.

KELLER, Elza Coelho de Souza - Mapeamento da utilização da terra. Revista Brasileira de Geografia, 31(3):151-160, Rio de Janeiro, 1969, julho-setembro.

KELLER, Elza Coelho de Souza - O "habitat" rural. In AZEVEDO, Aroldo (ed.) - Brasil, a Terra e o Homem. A vida Humana. Editora Nacional, São Paulo, 1970, pp. 291-345.

KOLB, John H. - "Interdependência da Geografia e Sociologia nos estudos da comunidade rural", em Revista Brasileira de Geografia, Ano XV, nº 4, pp. 613-635, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1953.

MENDES, Josuê Camargo - "Conheça o Solo Brasileiro", 202 pp., Editora Polígono, São Paulo, 1968.

MEYNIER, André - Les paysages agraires. Armand Colin, Paris, 1967.

MILLIET, Sérgio - Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil. Bipa, São Paulo, 1946.

MONBEIG, Pierre - Novos estudos da geografia humana brasileira. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.

MONTEIRO- Carlos Augusto de Figueiredo - "A frente polar Atlântica e as chuvas de inverno na fachada sul-oriental do Brasil". Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias, nº 1, 68 pp., São Paulo, 1969.

MÜLLER, Nice Lecocq - "Evolução e Estado Atual dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil", em Simpósio de Geografia Urbana, Publicação nº 274 do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, pp. 13-58, Rio de Janeiro, 1965.

MÜLLER, Nice Lecocq - "Contribuição ao estado do Norte do Paranã". Em Boletim Paulista de Geografia, nº 22, São Paulo, março de 1956.

NIMER, Edmon - "Clima". Em Região Sudeste, pp. 51-89, Vol. 3, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro, 1977.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - El agricultor, hoy día dos estudios mundiales: 1. Ingresos y niveles de vida rurales; 2. Algunos problemas de fomento agrario. FAO, Roma, 1959.



OTREMBÁ, Erich - Geografia general, agrária e industrial. Omega, Barcelona, 1955.

PAIVA, Glycon de - "Capacidade de população do Brasil". Em Boletim Geográfico, Ano 8, nº 90, Rio de Janeiro,

PAIVA, Ruy Miller e outros - "Setor agrícola do Brasil". Editora Forense - Universitária/Editora da Universidade de São Paulo, 442 pp., São Paulo, 1976.

PAPADAKIS, Juan - Geografia agrícola mundial. Salvat Editores, Barcelona, 1960.

PENTEADO, Antonio Rocha - "O homem brasileiro e o meio". Em Brasil - A Terra e o Homem, Vol. 2, pp. 3-35, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

PETRONE, Pasquale - "A várzea do Açu". Em Anais da Associação Brasileira de Geografia, nº 2, avulso, São Paulo, 1961.

PRADO JUNIOR, Caio - Problemas de povoamento e a divisão da província rural. In: Evolução política do Brasil e outros ensaios. Editora Brasiliense, São Paulo, 1953.

RAWITSCHER, F. - "Problemas de fitoecologia com considerações sobre o Brasil Meridional". Em Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nº 41, Botânica, nº 4, São Paulo, 1944.

SCHMIDT, Carlos Borges - "Técnicas Agrícolas Primitivas e Tradicionais". Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1976.

SCHULTZ, Theodore W. - La organización económica de la agricultura. Fondo de Cultura Económica, México, 1965.

- SCHULTZ, Theodore W. - A transformação da agricultura tradicional. Zahar, Rio de Janeiro, 1965.
- SILVA, Zezuca Pereira da - Uso e eficiência do crédito rural e dos fatores de produção. Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, 1973.
- SORRE, Max - Les fondements de la géographie humaine: les fondements techniques. Armand Colin, Paris, 1950.
- SORRE, Max - Les fondements de la géographie humaine: l'habitat. Armand Colin, Paris, 1950.
- TRICART, Jean - Cours de géographie rurale. L'Habitat rural. Centre de Documentation Universitaire, Paris, 1956.
- VALVERDE, Orlando - Geografia agrária do Brasil. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1964.
- VALVERDE, Orlando.- "Planalto Meridional do Brasil". Guia de Excursão nº 9, XVIII Congresso Internacional de Geografia, 340 pp., Rio de Janeiro, 1957.

Obras e Artigos Específicos

- AB'SABER, Aziz Nacib - "A Terra Paulista". Boletim Paulista de Geografia, XVIII Congresso Internacional de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Regional de São Paulo, nº 23, pp. 5-38, São Paulo, 1956.
- AB'SABER, Aziz Nacib - A geomorfologia do Estado de São Paulo. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros - Aspectos Geográficos da terra bandeirante. pp. 1-97, IBGE, Rio de Janeiro, 1954.
- AB'SABER, Aziz Nacib - Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo. Guia de Excursão nº 4, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1958.
- ABREU, Adilson Avansi - "A colonização agrícola holandesa no Estado de São Paulo - Holambra I". Série Teses e Monografias nº 6, 114 pp., Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1971.
- ALMEIDA, F. F. Marques de - "Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista". Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias nº 14, 99 pp., São Paulo, 1974.
- ALMEIDA, Vicente Unzer de - "Aspectos da Organização Social dos Japoneses em Registro". Sociologia, Vol. XV, nº 4, pp. 351-368, outubro de 1953.
- ANDO, Zempati - "Pioneirismo e Cooperativismo - História da Cooperativa Agrícola de Cotia". Editora Sociologia e Política, 118 pp., São Paulo, 1961.
- ANDRADE, Condilac Chaves de - "Album-Almanaque Histórico de Campos do Jordão, 1948.

CAMARGO, T. e VAGELER, P. - "Os solos do Estado de São Paulo". Em Boletim Técnico do Instituto Agrônomo de Campinas, nº 49, Campinas, 1938.

CERON, A. O. & DINIZ, J. A. F. - Tipologia da agricultura - Questões metodológicas e problemas de aplicação no Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, 32(3):41-71, julho-setembro, 1971.

COMPTONS, Joan - "Plantas para casa". Série Prisma, Editora da Universidade de São Paulo - Edições Melhoramentos, 157 pp., São Paulo, 1975.

CONTI, José Bueno - "Circulação Secundária e efeito orográfico na gênese das chuvas na região lesnordeste paulista". Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias, nº 18, 82 pp., São Paulo 1975.

DECKER, João S. - "Nosso arqidário mês por mês". Boletim da Agricultura, nº único. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1950.

DEFFONTAINES, Pierre - "Ensaio de Geografia Humana da Montanha". Em Revista Brasileira de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ano IX, nº 3, pp. 33-55, Rio de Janeiro, 1947.

FERNANDES, Liliana Laganã - "O Bairro Rural dos Pires, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias nº 5, 90 pp., São Paulo, 1971.

FERRAZ, Mário de Sampaio - "Campos do Jordão". Editado pela Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio, 3a. edição, 138 pp., São Paulo, 1940.

- FREITAS, L. M. de - Problemas básicos da agricultura paulista. Comissão Interestadual da Bacia Paranã-Uruguaí, São Paulo, 1964.
- HORIGOSHI, Mitiko - "Os japoneses de Renópolis". Em CADERNOS do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 1, 1ª. série, março de 1968.
- IZUMI, Seiichi e SAITO, Hiroshi - "A aculturação dos japoneses no Brasil". Sociologia, Vol. XV, nº 3, pp. 195-219, agosto de 1953.
- MATTOS FILHO, Belfort de - "Campos do Jordão". Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 76 pp., São Paulo, 1924.
- MOMBEIG, Pierre - "Os problemas da Divisão Regional de São Paulo". Em Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante, pp. 182-207, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954.
- MOMBEIG, Pierre - Pionniers et planteurs de São Paulo. pp. 376, Armand Colin, Paris, 1952.
- MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo - A dinâmica climática e as chuvas do Estado de São Paulo. Estudo geográfico em forma de atlas. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo - "O clima e a organização do espaço no Estado de São Paulo: problemas e perspectivas". Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias, nº 28, 54 pp. São Paulo, 1976.
- MULLER, Nice Lecocq - "Bairros rurais no Município de Piracicaba". Em Boletim Paulista de Geografia, nº 43, pp. 83-130, São Paulo, julho de 1946.

- MULLER, Nice Lecocq - "O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba-São Paulo". Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Instituto Brasileiro de Geografia, 371 pp., Rio de Janeiro, 1969.
- MULLER, Nice Lecocq - Sítios e sítiantes do Estado de São Paulo, pp. 215. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.
- NAVARRA, Wanda Silveira - "O uso da terra em Itatiba e Morungaba". Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias, nº 29, 216 pp., São Paulo, 1973.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha - A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista, 1908-1922, 247 pp. Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1973.
- "O japonês em São Paulo e no Brasil" - Relatório do Simpósio realizado em junho de 1968 ao ensejo do 60º Aniversário da Imigração Japonesa para o Brasil. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 253 pp., São Paulo, 1971.
- PENTEADO, Antonio Rocha - "A área suburbana de São Paulo e sua característica". Separada do Vol. XII - Anais da Associação Geográfica Brasileira, pp. 207-215, São Paulo, 1961.
- PETRONE, Pasquale - "A Baixada do Ribeira". Bolêtim nº 283 Geografia nº 14, 366 pp., São Paulo, 1966.
- PINHO, Diva Benevides - Cooperativismo e desenvolvimento das zonas rurais do Estado de São Paulo. Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Úruguai, São Paulo, 1964.
- QUEIROZ, M. I. Pereira de - "Sítiantes ligados à agricultura comercial". Em Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nº 1, São Paulo, 1968.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - "Bairros rurais paulistas". Separata da Revista do Museu Paulista, nova série, Vol. XVII, 208 pp., São Paulo, 1967.
- SAITO, Hiroshi - O cooperativismo e a comunidade, caso da Cooperativa Agrícola de Cotia. Editora Sociologia e Política, 205 pp., São Paulo, 1964.
- SAITO, Hiroshi - "Alguns aspectos da adaptação de imigrantes japoneses no Brasil". Sociologia, Vol. XX, nº 4, pp. 451-462, outubro de 1958.
- SAITO, Hiroshi - "A família do imigrante japonês para o Brasil". Sociologia, Vol. XXII, nº 1, pp. 12-28, março de 1960.
- SALGADO, F. Fonseca - "As colônias de Bastos e Pedrinhas (Estudo comparativo de Geografia Agrária). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 236 pp., Presidente Prudente, 1971.
- SCHMIDT, Carlos Borges - "O meio rural". Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio do Estado de São Paulo, 182 pp., São Paulo, 1946.
- SEABRA, Manoel Fernando Gonçalves - "As cooperativas mistas do Estado de São Paulo, Instituto de Geografia-Universidade de São Paulo, Série Teses e Monografias, nº 30. 270 pp., São Paulo, 1977.
- SEABRA, Manoel Fernando Gonçalves - "Vargem Grande: organização e transformação do cinturão verde paulista". São Paulo, 1969.



SETZER, José - Contribuição para o estudo do clima do Estado de São Paulo. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1946.

SETZER, José - "O conhecimento pedológico atual do Estado de São Paulo". Em Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante, Conselho Nacional de Geografia, pp. 137-179, Rio de Janeiro, 1954.

SETZER, José - Atlas climatológico e ecológico do Estado de São Paulo. Oficina do Estado, São Paulo, 1966.

SILVEIRA, João Dias da - Estudo geográfico dos contrafortes da Mantiqueira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1946.

THOMAS-DOMENECH, J. M. - "Atlas de Botânica". Edição Especial para Livro Ibero-Americano Ltda., 1ª. Edição, Rio de Janeiro, 1962.

TULIK, Olga - "Contribuição ao estudo da qualidade do clima como fator da função balneária de aglomerados urbanos". Separata dos Anais do Museu Paulista, Tomo XXVI, Universidade de São Paulo, pp. 127-144, São Paulo, 1975.

WAKO, Shungoro - "Bauru Kan-nai no Hojin (Japoneses Residentes na Circunscrição de Bauru)". São Paulo, 1939.

Documentação Cartográfica e AerofotogramétricaDocumentação Cartográfica

Atlas Regional do Estado de São Paulo. Secretaria de Economia e Planejamento, outubro de 1978.

Folha de Campos do Jordão, SF-23-Y-B-V-2, 1:50 000. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), São Paulo 1971.

Folha de Tremembé - SF-23-Y-B-V-4, 1:50 000. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), São Paulo, 1974.

Documentação Aerofotogramétrica

Fotos números 7 249, 7 250, 7 251. Região 7. Escola Aproximada 1:25 000. Aerofoto Natividade, 1962.

## ÍNDICE DAS TABELAS

	PÁGINA
Tabela 1 - Principais localidades servidas pela Estrada de Ferro Campos do Jordão em 1948	45
Tabela 2 - Procedência dos chefes de família estabelecidos em Lageado e Renópolis (1930-1974)	47
Tabela 3 - Razões do interesse pela região de Campos do Jordão (1979)	50
Tabela 4 - Lageado e Renópolis. Distâncias das propriedades em relação ao perímetro urbano	67
Tabela 5 - Imigrantes japoneses chegados ao Brasil (1908-1912)	76
Tabela 6 - Lageado e Renópolis. Composição da população por sexo e faixas de idade (1979)	81
Tabela 7 - Lageado e Renópolis. Escolaridade dos descendentes de japoneses (1979)	93
Tabela 8 - Lageado e Renópolis. Religião (1979)	99

## ÍNDICE DOS MAPAS

	PÁGINA
Mapa 1 - Vale do Paraíba - Posição no Estado	14
Mapa 2 - Vale do Paraíba - Divisão Territorial 1976	15
Mapa 3 - Vale do Paraíba - Hidrografia e relevo	20
Mapa 4 - Lageado e Renópolis na Serra da Mantiqueira	21
Mapa 5 - Lageado e Renópolis - Esboço topográfico	24
Mapa 6 - Vale do Paraíba - Vegetação natural e reflorestamento	33
Mapa 7 - Vale do Paraíba - Pluviometria	35
Mapa 8 - Vale do Paraíba - Rede ferroviária - 1975	43
Mapa 9 - Vale do Paraíba - Rede viária - 1975	61

## ÍNDICE DAS FIGURAS

	PÁGINA
Figura 1 - Lageado e Renópolis. Perfil topográfico	25
Figura 2 - Lageado e Renópolis. Distâncias das propriedades em relação ao perímetro urbano	58
Figura 3 - Composição etária da população de Renópolis - 1979	82
Figura 4 - Composição etária da população de Lageado - 1979	83
Figura 5 - Descendentes - Renópolis - 1979	85
Figura 6 - Descendentes - Lageado - 1979	86
Figura 7 - Lageado e Renópolis - Escolaridade - 1979	94
Figura 8 - Fluxograma da população estudantil de Lageado - 1979	96
Figura 9 - Fluxograma da população estudantil de Renópolis - 1979	97
Figura 10 - Lageado e Renópolis - Religião - 1979	101
Figura 11 - Lageado e Renópolis - Calendário Agrícola	116

## ÍNDICE DAS FOTOS

	PÁGINA
Foto 1 - Relevo da Serra da Mantiqueira e do Planalto de Campos do Jordão	12
Fotos 2-3 - O modelado topográfico de Santo Antonio do Pinhal	17
Fotos 4-5 - Os vales do ribeirão do Lageado e do córrego do Barreiro	23
Fotos 6-7 - Vegetação de Campos do Jordão	31
Fotos 8-9 - Circulação em Lageado e Renópolis	58
Foto 10 - Circulação em Lageado	59
Foto 11 - Ocupação humana no vale do ribeirão Lageado	63
Fotos 12-13 - Ocupação humana no vale do ribeirão dos Melos	64
Foto 14 - O "habitat" rural em Renópolis	65
Fotos 15-16 - O "habitat" rural em Renópolis	69
Foto 17 - Tipos de habitações no vale dos Melos e em Renópolis	70
Fotos 18-19 - O sitiante japonês em Lageado	79
Foto 20 - Associação Japonesa de Renópolis	89
Foto 21 - Agricultura de subsistência no Lageado	107
Fotos 22-23 - Irrigação na cultura de pimentões	108
Foto 24 - Estaqueamento em cultura de pimentões	109
Fotos 25-26 - Culturas temporárias em Renópolis	111
Foto 27 - Cultura de cenoura em Renópolis	112
Fotos 28-29 - Técnicas aplicadas à cultura de cenoura	114
Fotos 30-31 - Áreas de cultivo abandonadas	118

	PÁGINA
Foto 32 - Fruticultura em Lageado	119
Fotos 33-34 - Pessegueiros em Renópolis e Lageado	120
Foto 35 - Pessegueiros de Renópolis	122
Fotos 36-37 - Flores em Campos do Jordão	123
Fotos 38-39 - Plantas ornamentais em Campos do Jordão	124
Fotos 40-41 - Cerejeiras em Campos do Jordão	126
Foto 42 - Cultivo de plantas ornamentais no vale dos Melos	127
Foto 43 - Cultura de flores em estufas no vale dos Melos	128
Fotos 44-45 - Plantas ornamentais resistentes cultivadas a céu aberto	129
Fotos 46-47 - Cultivo de flores no vale dos Melos	130
Foto 48 - Cultivo de "Cymbidium" em Renópolis	131
Fotos 49-50 - Técnica de cultivo do "Cymbidium"	132
Foto 51 - Inflorescências de "Cymbidium"	134
Foto 52 - Inflorescências de "Cymbidium"	135
Fotos 53-54 - Flores e plantas ornamentais no vale dos Melos	138
Foto 55 - Estufa moderna	139
Foto 56 - Estufas utilizadas na cultura de flores no vale dos Melos	141
Fotos 57-58 - Reflorestamento no vale dos Melos	143



## ÍNDICE GERAL

	PÁGINA
Sumário	1
1. Apresentação	
1.1. Objetivos e justificativa da escolha da área	3
1.2. Métodos e técnicas de pesquisa	5
2. Os núcleos estudados e sua integração geográfica	
2.1. Lageado e Renópolis e os municípios serranos de Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal	13
2.2. Características naturais	19
3. A ocupação do espaço e a evolução das atividades agrárias em Lageado e Renópolis	
3.1. Os núcleos e suas origens	39
3.2. Ocupação do espaço e malha fundiária	52
4. Os sitiantes japoneses de Lageado e Renópolis	
4.1. Organização social do pequeno proprietário	74
4.2. Atividades agrícolas e comercialização	110
5. Considerações finais	145
- Bibliografia utilizada	149
- Documentação Cartográfica e Aerofotogramétrica	161
- Índice das Tabelas	162
- Índice dos Mapas	163
- Índice das Figuras	164
- Índice das Fotos	165
- Índice Geral	167

# ANEXOS DA TESE

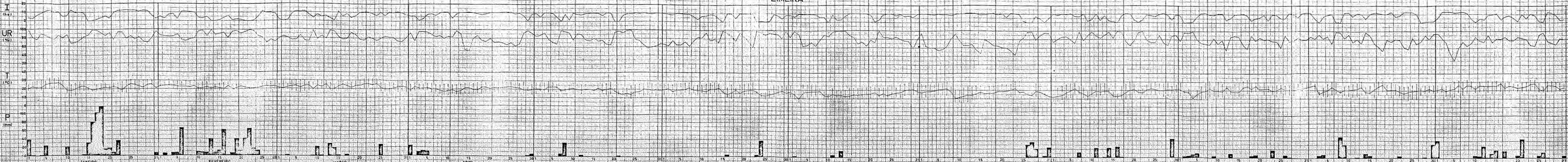
## KONDO, Takao

### RELAÇÃO DOS ANEXOS

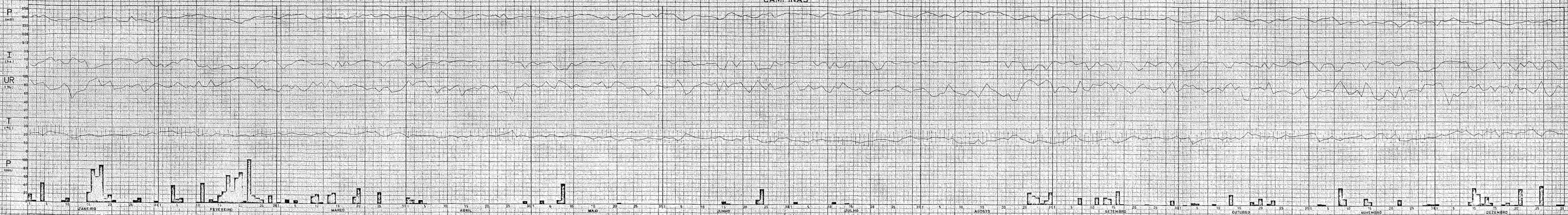
- 3.5 - Carta de formações superficiais de MARÍLIA.
- 3.6 - Carta da expansão urbana de MARÍLIA
- 3.7 - Carta geomorfológica de Marília - 1962.
- 3.8 - Carta geomorfológica de Marília - 1972.
- 3.9 - Carta de declividades de vertentes -  
áreas urbana e periurbana de MARÍLIA.
- 3.12- Carta de uso do solo de MARÍLIA - 1962.
- 3.13- Carta de uso do solo de MARÍLIA - 1972.
- 3.14- MARÍLIA : a cidade e os bairros.



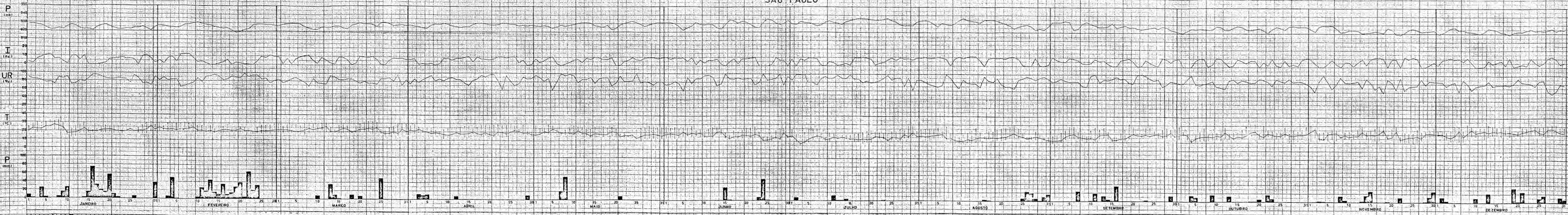
LIMEIRA



CAMPINAS



SÃO PAULO





CARTA DE DECLIVIDADES DE VERTENTES  
ÁREA URBANA E PERIURBANA DE MARÍLIA - S. P.

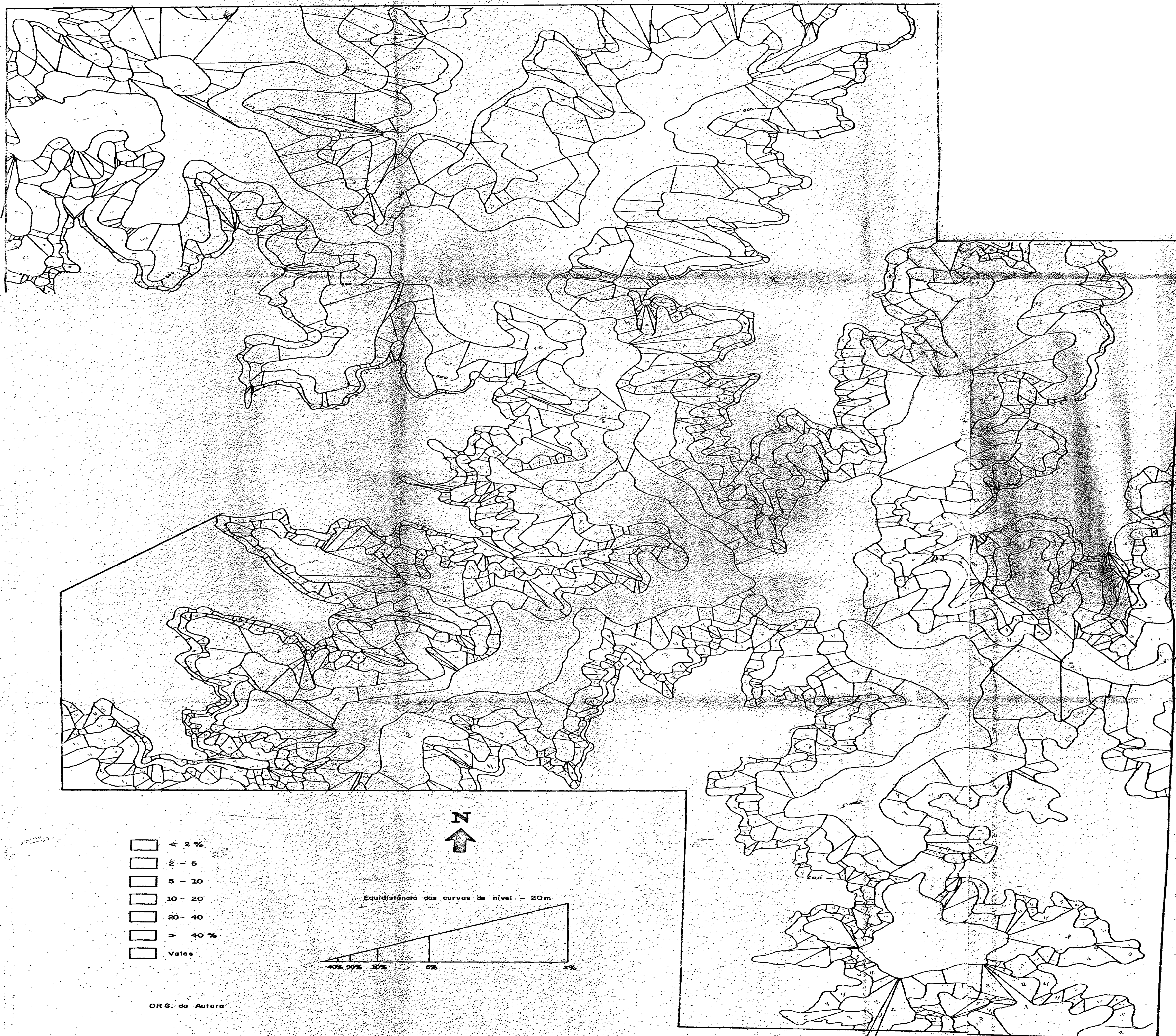


FIG. 3.9



# CARTA GEOMORFOLÓGICA DE MARÍLIA - 1972

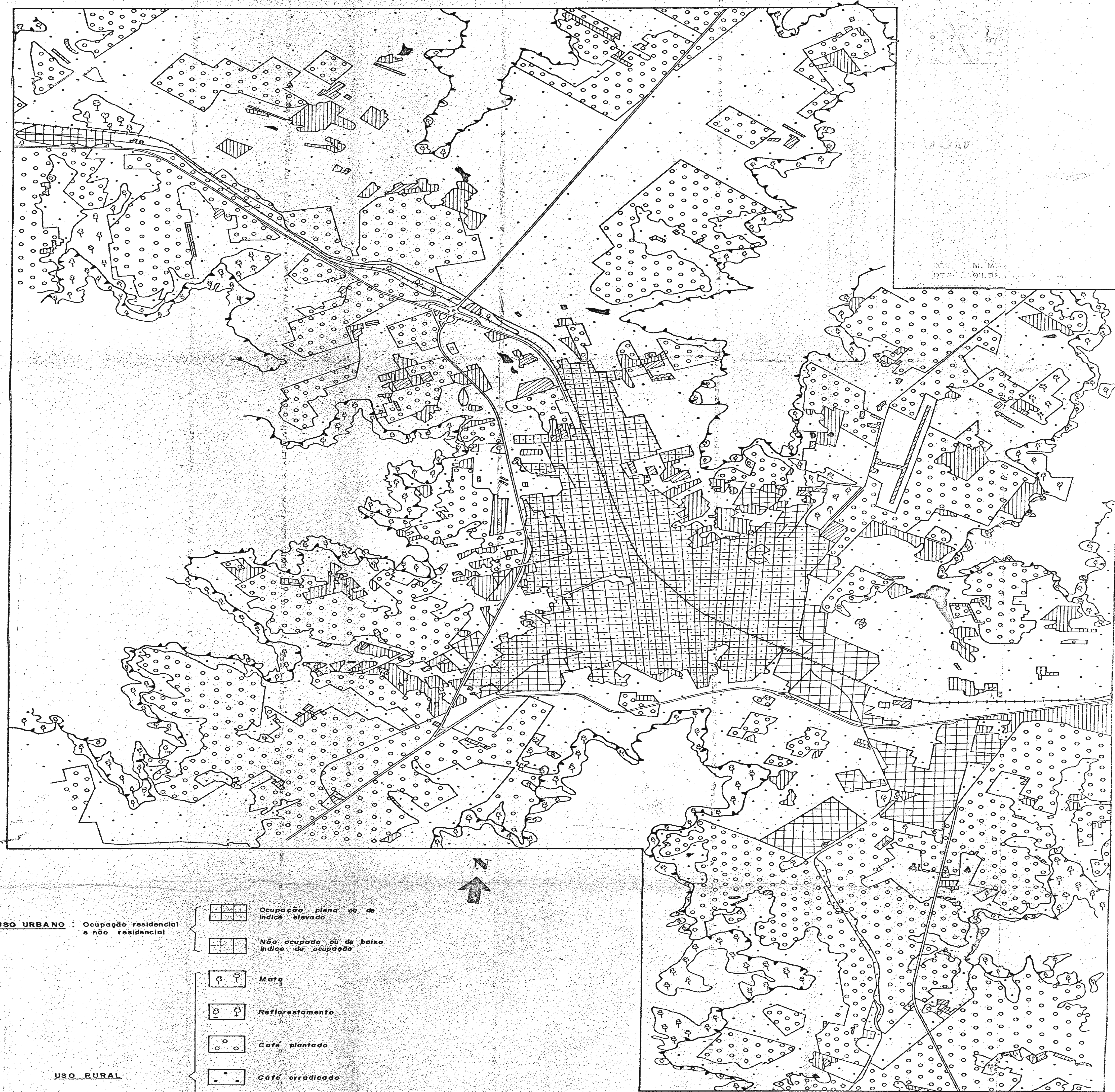


<b>FORMAS DAS VERTENTES E INTERFLÚVIOS</b>		<b>FORMAS FLUVIAIS</b>	
Linha divisora maior de água		Escoamento	perene
menor			intermitente
Escarpa		Formas dos vales	em V
			em U
Formas de vertentes	convexa		com fundo chato
	côncava		
	retilínea		
Colo		<b>FORMAS ANTRÓPICAS</b>	
Cone de dejeção		Dique de represa	
Escavações em rochas não consolidadas		Represa	
		Corte de estrada	
Superfície artificial	escavada	Ponte	
	elevada	Estrada de terra	
Aterro artificial	ferrovia	Caminho	
Ravinamento generalizado	rodovia	Caminho erodido	
Vaporoca		Rodovia asfaltada	
<b>PROCESSOS</b>		Ferrovia	
Escoamento difuso			
Escoamento concentrado			

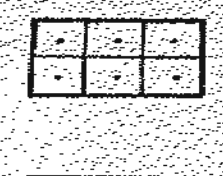
FIG. 3.8



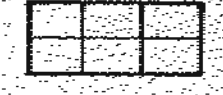
# CARTA DE USO DO SOLO DE MARÍLIA - S.P. (1972)



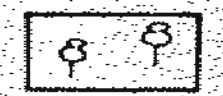
**USO URBANO** : Ocupação residencial e não residencial



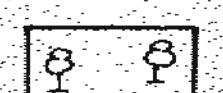
Ocupação plena ou de índice elevado



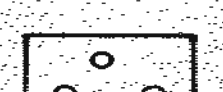
Não ocupado ou de baixo índice de ocupação



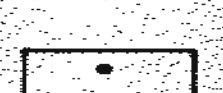
Mata



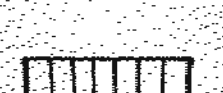
Reflorestamento



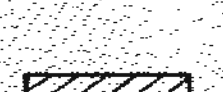
Café plantado



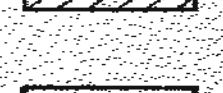
Café erradicado



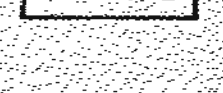
Outras cultura



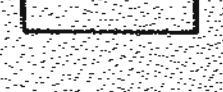
Construções rurais: residências, terreiros de café



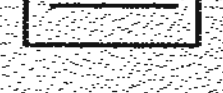
Represa { a - em uso, b - abandonado



Rodovia pavimentada



Rodovia não pavimentada



Ferrovia

**USO RURAL**

**USO PARA CIRCULAÇÃO**

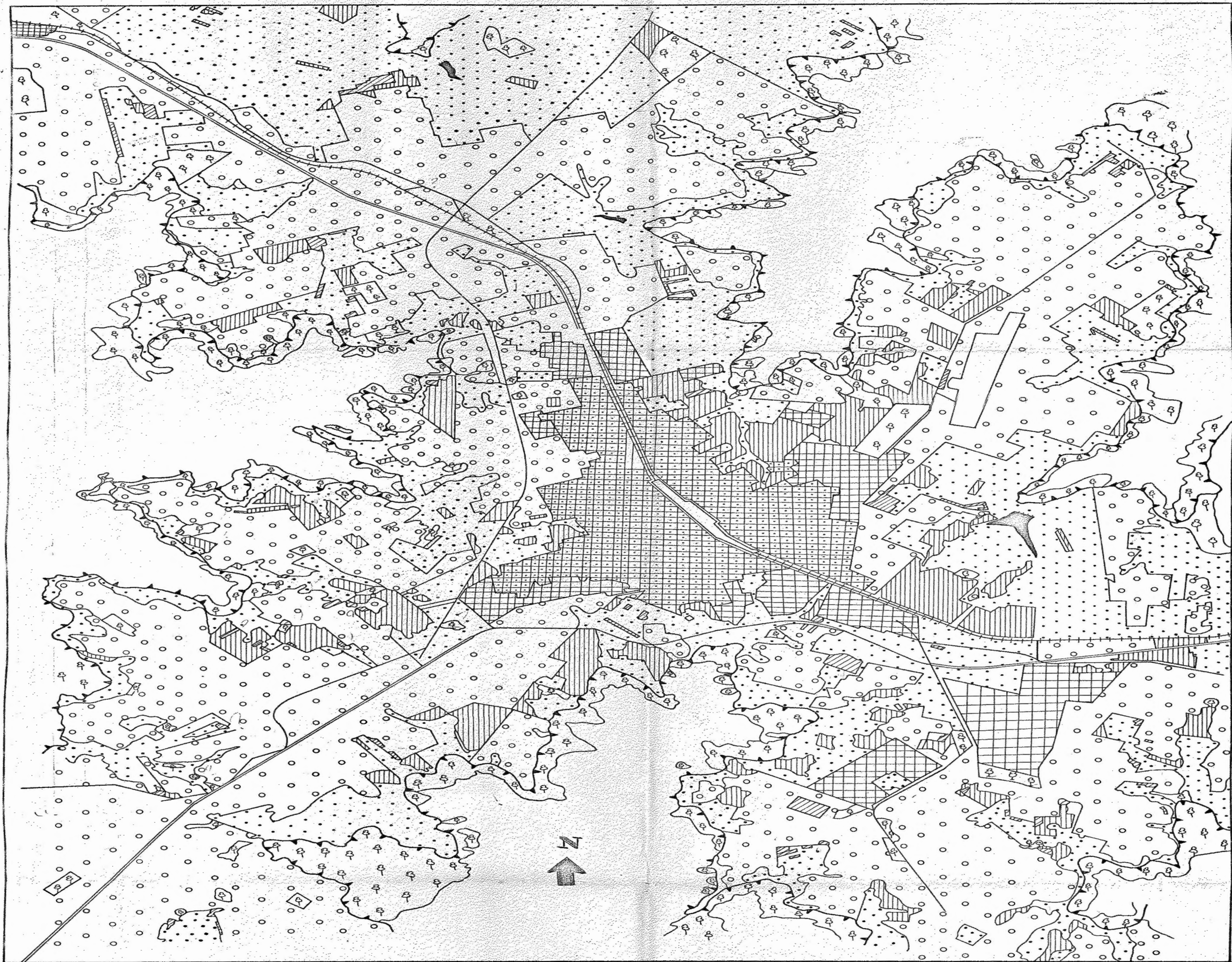
ESCALA 1:25 000

FIG. 3.13

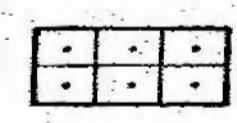
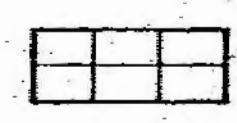
ORG. : M. M. F. G.  
DES. : GILBERTO D. HENRIQUE



# CARTA DE USO DO SOLO DE MARÍLIA - S.P. (1962)



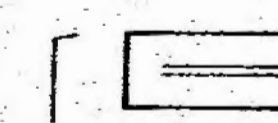
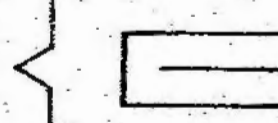
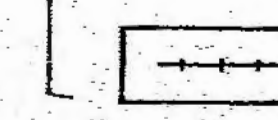
**USO URBANO** : Ocupação residencial e não residencial

 Ocupação plena ou de índice elevado.  
 Não ocupada ou de baixo índice de ocupação.

**USO RURAL**

 Mata  
 Reflorestamento  
 Café plantado  
 Café erradicado  
 Outras cultura  
 Construções rurais : residências, terreiros de café.  
 Represa { a - em uso  
b - abandonado

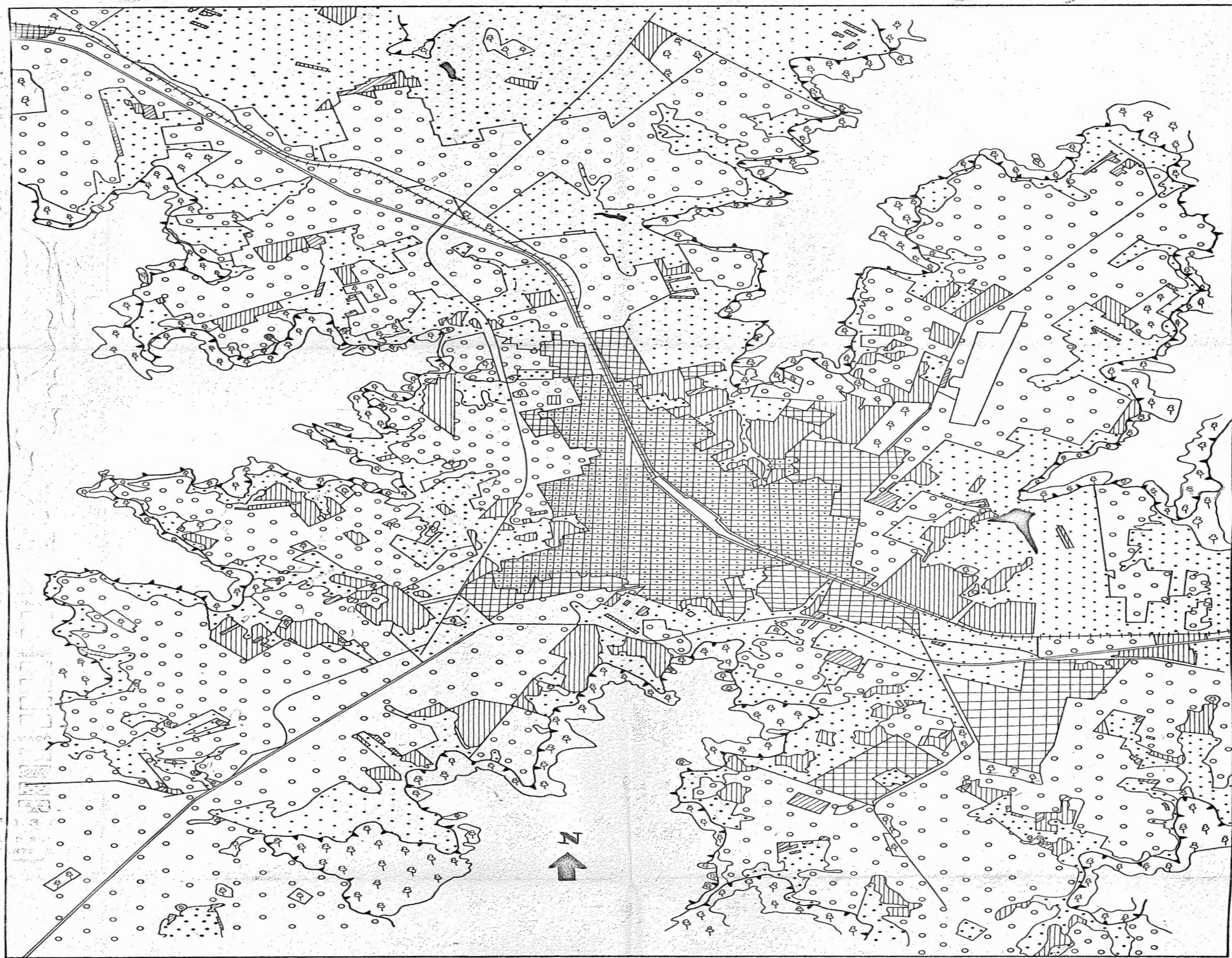
**USO PARA CIRCULAÇÃO**

 Rodovia pavimentada  
 Rodovia não pavimentada  
 Ferrovia

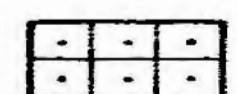
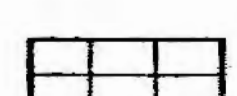
**ESCALA 1: 25 000**

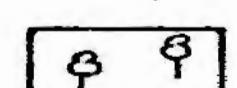


# CARTA DE USO DO SOLO DE MARÍLIA - S.P. (1962)




**USO URBANO :** Ocupação residencial e não residencial

 Ocupação plena ou de índice elevado.  
 Não ocupada ou de baixo índice de ocupação.


 Moto

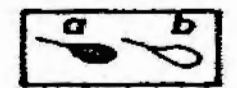
 Reflorestamento

 Café plantado

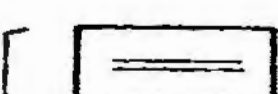

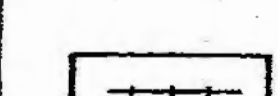
 Café erradicado

 Outras cultura

 Construções rurais : residências, terreiros de café.

 Represa { a - em uso, b - abandonado

**USO PARA CIRCULAÇÃO**

 Rodovia pavimentada  
 Rodovia não pavimentada  
 Ferrovia

**USO RURAL**

**ESCALA 1: 25 000**



# CARTA DE FORMAÇÕES SUPERFICIAIS DE MARÍLIA - S.P.



## SUBSTRATOS ROCHOSOS

Substratos Rochosos com ou sem alteração

Com cimento calcário (arenito, conglomerado: Formação Bauru)

Descarbonatado (arenitos, conglomerados alterados: Formação Bauru)

Substratos de alteração e transporte (arena - argilosos)

Alteração ferralítica (caulinita bem cristalizada)

Alteração fersialítica (caulinita bem cristalizada)

Alteração fersialítica (caulinita mal cristalizada)

Várzeas (areias e argilas)

## FORMAÇÕES SUPERFICIAIS

Areias

Colúvios arenosos

Seixos

Blocos (com cimento calcário)

Quartzozas

FIG. 3.5

ORG. : M. M. B. G.  
DES. : GILBERTO D. HENRIQUE

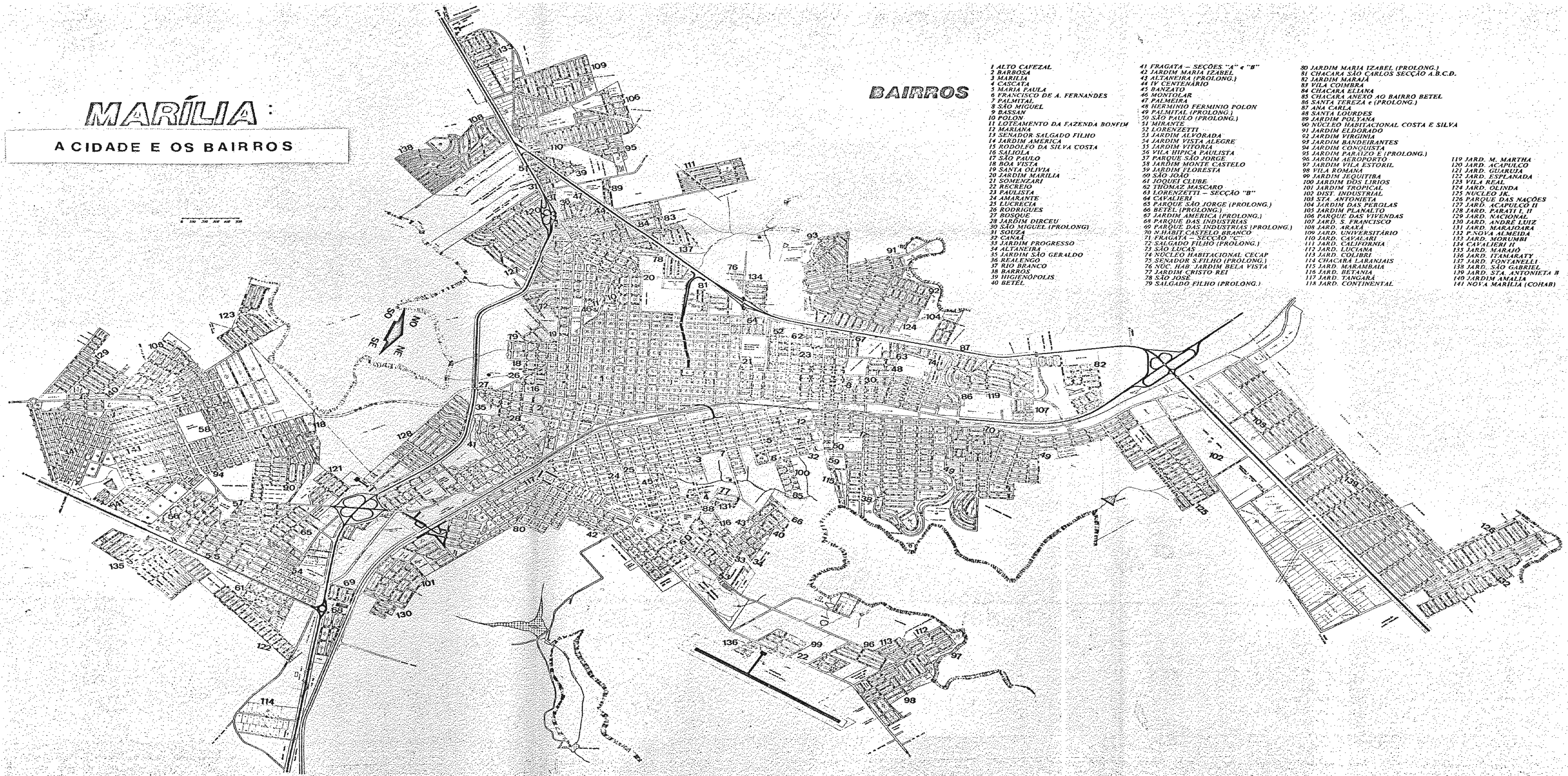
FONTE : Adaptado do Mapa Original de J. P. Queiroz Neto e A. Journaux - 1978



# MARÍLIA:

## A CIDADE E OS BAIRROS

### BAIRROS

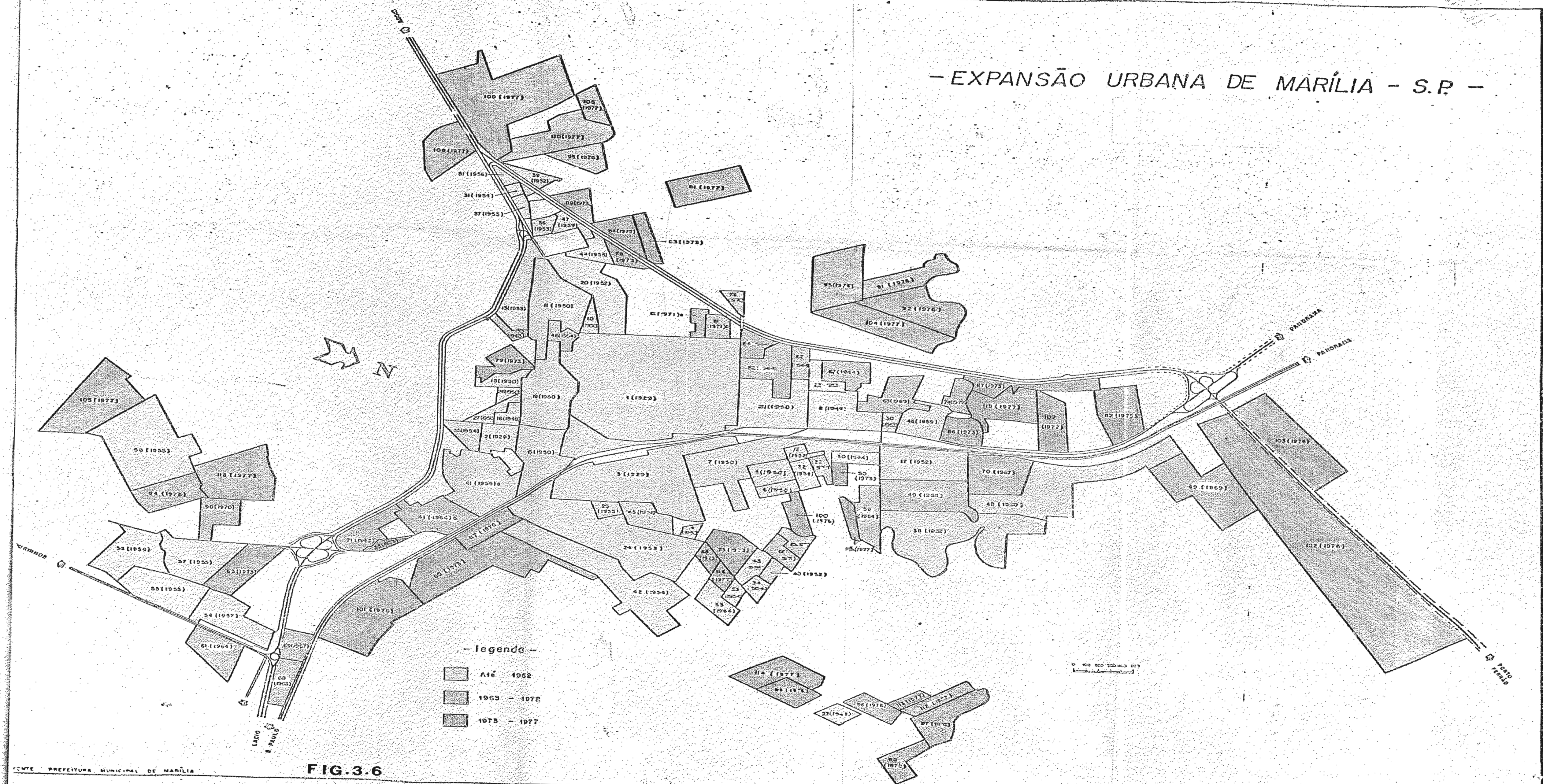


- 1 ALTO CAFEZAL
- 2 BARBOSA
- 3 MARÍLIA
- 4 CASCAVEL
- 5 MARIA FAULA
- 6 FRANCISCO DE A. FERNANDES
- 7 PAULISTA
- 8 SÃO MIGUEL
- 9 BASSAN
- 10 SÃO PAULO (PROLONG.)
- 11 LOTEAMENTO DA FAZENDA BONFIM
- 12 MARIANA
- 13 SENADOR SALGADO FILHO
- 14 JARDIM AMERICA
- 15 RODOLFO DA SILVA COSTA
- 16 SALGADO
- 17 SÃO PAULO
- 18 BOA VISTA
- 19 SANTA OLÍVIA
- 20 JARDIM MARÍLIA
- 21 SOMENZARI
- 22 RECREIO
- 23 PAULISTA
- 24 AMARANTE
- 25 LUCRECIA
- 26 RODRIGUES
- 27 BOSQUE
- 28 JARDIM DIRCEU
- 29 SÃO MIGUEL (PROLONG.)
- 30 SOUZA
- 31 CANA
- 32 JARDIM PROGRESSO
- 33 ALTANEIRA
- 34 JARDIM SÃO GERALDO
- 35 REALENGO
- 36 RIO BRANCO
- 37 BARROS
- 38 HIGIENÓPOLIS
- 39 BETEL
- 40 BETEL
- 41 FRAGATA - SEÇÕES "A" e "B"
- 42 CHACARA SÃO CARLOS SEÇÃO A.B.C.D.
- 43 ALTANEIRA (PROLONG.)
- 44 CENENÁRIO
- 45 BANZATO
- 46 MONTOLAR
- 47 PALMITAL
- 48 HERMINIO FERMINIO POLON
- 49 PALMITAL (PROLONG.)
- 50 SÃO PAULO (PROLONG.)
- 51 MIRANTE
- 52 LORENZETTI
- 53 JARDIM ALFORADA
- 54 JARDIM VISTA ALEGRE
- 55 JARDIM VITÓRIA
- 56 VILA TÍPICA PAULISTA
- 57 PARQUE SÃO JORGE
- 58 JARDIM MONTE CASTELO
- 59 JARDIM FLORESTA
- 60 SÃO JOÃO
- 61 JOQUEI CLUBE
- 62 THOMAZ MASCARO
- 63 LORENZETTI - SEÇÃO "B"
- 64 CAVALIERI
- 65 PARQUE SÃO JORGE (PROLONG.)
- 66 BETEL (PROLONG.)
- 67 JARDIM AMERICA (PROLONG.)
- 68 PARQUE DAS INDUSTRIAS
- 69 PARQUE DAS INDUSTRIAS (PROLONG.)
- 70 N. HABIT. CASTELO BRANCO
- 71 FRAGATA - SEÇÃO "C"
- 72 SALGADO FILHO (PROLONG.)
- 73 SÃO LUCAS
- 74 NÚCLEO HABITACIONAL CECAP
- 75 SENADOR S. FILHO (PROLONG.)
- 76 NÚC. HAB. JARDIM BELA VISTA
- 77 JARDIM CRISTO REI
- 78 SÃO JOSÉ
- 79 SALGADO FILHO (PROLONG.)
- 80 JARDIM MARIA IZABEL (PROLONG.)
- 81 CHACARA SÃO CARLOS SEÇÃO A.B.C.D.
- 82 JARDIM MARAJÁ
- 83 VILA COMBRA
- 84 CHACARA ELIANA
- 85 CHACARA ANEXO AO BAIRRO BETEL
- 86 SANTA TEREZA e (PROLONG.)
- 87 ANA CARLA
- 88 SANTA LOURDES
- 89 JARDIM POLIANA
- 90 NÚCLEO HABITACIONAL COSTA E SILVA
- 91 JARDIM ELDOorado
- 92 JARDIM VIRGINIA
- 93 JARDIM BANDEIRANTES
- 94 JARDIM CONQUISTA
- 95 JARDIM PARAIZO e (PROLONG.)
- 96 JARDIM AEROPORTO
- 97 JARDIM VILA ESTORIL
- 98 VILA ROMANA
- 99 JARDIM JEQUITIBA
- 100 JARDIM DOS LIRIOS
- 101 JARDIM TROPICAL
- 102 INST. INDUSTRIAL
- 103 STA. ANTONIETA
- 104 JARDIM DAS PEROLAS
- 105 JARDIM PLANALTO
- 106 PARQUE DAS VIVENDAS
- 107 JARD. S. FRANCISCO
- 108 JARD. ARAXÁ
- 109 JARD. UNIVERSITÁRIO
- 110 JARD. CAVALARI
- 111 JARD. CALIFORNIA
- 112 JARD. LUCIANA
- 113 JARD. COLIBRI
- 114 CHACARA LARANJAIS
- 115 JARD. MARAMBAIA
- 116 JARD. BETANIA
- 117 JARD. TANGARA
- 118 JARD. CONTINENTAL
- 119 JARD. M. MARTHA
- 120 JARD. ACAPULCO
- 121 JARD. GUARUJA
- 122 JARD. ESPANADA
- 123 VILA REAL
- 124 JARD. OLINDA
- 125 NÚCLEO JK
- 126 PARQUE DAS NAÇÕES
- 127 JARD. ACAPULCO II
- 128 JARD. PARATI I II
- 129 JARD. NACIONAL
- 130 JARD. ANDRÉ LUIZ
- 131 JARD. MARAJÓARA
- 132 F. NOVA ALMEIDA
- 133 JARD. MORUMBI
- 134 CAVALIERI II
- 135 JARD. MARAJÓ
- 136 JARD. ITAMARATY
- 137 JARD. FONTANELLI
- 138 JARD. SÃO GABRIEL
- 139 JARD. STA. ANTONIETA II
- 140 JARDIM AMÁLIA
- 141 NOVA MARÍLIA (COHAB)

FIG. 3.14



- EXPANSÃO URBANA DE MARÍLIA - S.P. -



- legenda -  
 [Light Gray Box] 1962  
 [Medium Gray Box] 1963 - 1972  
 [Dark Gray Box] 1973 - 1977

FIG.3.6

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA

ORG. CARTA M. BURELLI  
 DES. CALBERTO D. HENRIQUE



A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffe.ch.usp.br/>.

